Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23317 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA TERÇA-FEIRA 4 SETEMBRO 90 70$00

Três horas sem luz na região de Lisboa

Banhos à luz da vela e comboios paralisados Pág. 10

A crise no Golfo

URSS propõe conferência internacional

A URSS distanciou-se, nas últimas horas, das posições norte-americanas sobre a crise no Golfo, quando faltam poucos dias para o encontro entre Bush e Gorbachev. O chefe da diplomacia soviética, Eduard Shevardnadze, propôs esta manhã a realização de uma conferência internacional sobre a situação, afirmando acreditar que ainda há possibilidades para uma resolução pacífica. Os EUA têm repetidamente afirmado que não falam com os iraquianos até que haja uma retirada incondicional do Kuwait e sejam libertados os reféns. Ontem, o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Guennadi Guerassimov, criticou o envio de tropas norte-americanas para a Arábia Saudita, declarando que «paradoxalmente, elas ajudam Saddam Hussein», porque Bagdad está a conseguir que os árabes esqueçam a invasão do Kuwait, formando um bloco anti-americano. Os árabes, no entanto, estão bastante longe da união. Após 11 anos no cargo, o secretário-geral da Liga Árabe, o tunisino Chedli Klibi, demitiu-se ontem à noite, fazendo temer a cisão da organização entre pró-iraquianos e pró-ocidentais.

Medeiros Ferreira ao «DL»: «Guerra no Golfo é improvável»

Comissões de Defesa e dos Negócios Estrangeiros reúnem-se em S. Bento

Págs. 5, 7 e 24

Rui Pacheco

Querida televisão! Alguns dias depois do despedimento, Maria Elisa mostra-se inconformada. Diz que dará luta e tudo fará para voltar a essa mesma televisão,a que dedicou dezanove anos de trabalho apaixonado. Em entrevista concedida ao «DL», ela passa em revista o que foram esses anos e o que é hoje o jornalismo praticado pela RTP Págs. 12 e 13

DL

Manuais escolares geram polémica Págs. 2, 3 e 4

Centrais sindicais debatem proposta do Governo Pág. 10

Crónicas de Umberto Eco e Artur Portela Pág. 6

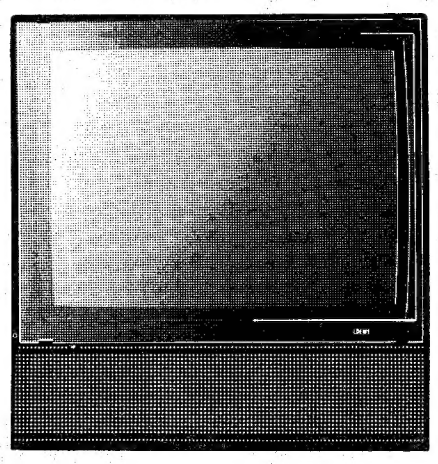
Lotaria Popular:
1.º - 327 476
2.º - 061 608
3.º - 357 276
4.º - 096 944 Pág. 10

PORTE PAGO

Shevardnadze encoraja reunificação das Coreias

Shevardnadze assinou em Pyongyang dois acordos sobre a fronteira entre o seu país e a Coreia do Norte. A presença do chefe da diplomacia soviética na capital norte-coreana, em vésperas do encontro entre os primeiros-ministros dos dois Estados da península, pode ser considerada como um encorajamento às negociações que amanhã se iniciam em Seul, com vista à reunificação. No entanto, observadores consideram que se trata de um processo a longo prazo. Pág. 9

A nova geração em tecnologia: Loewe micro-digital



DIGITAL · Hyper Band · MULTI-STANDARD · TELE TEXT · VIDEO TEX

LOEWE.

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

Milionário alemão cria uma Fundação em Castelo Branco

Chama-se Peter Schaufler, é alemão, industrial e muito rico, o homem que traz os habitantes de Castelo Branco suspensos... à espera que os problemas administrativos e burocráticos estejam resolvidos para terem na sua cidade uma fundação tipo Gulbenkian.

O industrial alemão enamorou-se de Castelo Branco. Comprou terrenos e quintas, instalou uma fábrica, e agora virou-se para as artes. A sua intenção é criar um centro cultural onde, por temporadas, serão acolhidos jovens pintores e escultores, portugueses e alemães, convidados à criação artística «em ambiente de repouso e diante uma natureza única», segundo as palavras do industrial.

Peter Schaufler pretende deixar a fundação como «sinal de gratidão para com o município que me acolheu como seu cidadão honorário». Pág. 14

Hoje: Suplemento de Economia

Os pontos de vista do editor, livreiro, professor, autor e aluno nem sempre são coincidentes. Daí, a ineficácia dos manuais escolares únicos

Sai caro ler para aprender

GRANDE ANGULAR

A problemática do livro escolar envolve hoje duas vertentes essenciais: a comercial e a pedagógico-científica. Pode, e deve, ser abordada a partir de vários pontos de vista: do editor e do livreiro, do professor, do autor, do aluno, dos pais e encarregados de educação. No fundo, dada a vastidão do mercado dos manuais e livros escolares auxiliares, podemos, algo redutoramente, falar em consumidores e produtores de manuais e livros auxiliares escolares.

Assim, neste trabalho, tentamos fornecer informação que abarca, de uma forma global, todas as entidades e problemas referidos.

Se antes do 25 de Abril, devido à existência dos livros únicos, a questão dos manuais escolares não se punha com muita acuidade (em boa verdade, pode mesmo dizer-se que não existia um mercado: a concorrência, em termos de editoras era diminuta), o mesmo não se pode dizer do período pós-revolucionário, com a proliferação, algo caótica, de títulos e editoras.

Hoje em dia, a regulamentação é mais apertada e à questão (sensível) é dada, por todas as partes envolvidas, uma atenção muito especial. E não podia ser de outra forma: só no ano de 89 venderam-se perto de 12 milhões de livros!

Refira-se que existem em Portugal cerca de oito mil escolas primárias e mais de 700 mil estudantes no ensino secundário.

Não surpreende, deste modo, que no passado dia 30, o Conselho de Ministros tenha aprovado um decreto-lei que estabelece novas regras respeitantes aos livros escolares.

Comecemos pelos preços, problema que suscita sempre amplo debate e posições inevitavelmente antagónicas, consoante se trate do ponto de vista do consumidor ou do produtor. Ouçamos os editores.

Vasco Teixeira, da Comissão sobre o Livro Escolar, organismo pertencente à APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros), afirmou ao DL que a questão dos preços deve ser clarificada: «É necessário desmistificar a ideia de que os manuais escolares são caros. As pessoas é que, provavelmente, ganham pouco. Para além disso, note-se que o restante material escolar (o caso, por exemplo, do material necessário à prática desportiva) representa um custo muito mais elevado».

Os editores contactados não discordam, no essencial, com a política de preços vigiados. Actualizáveis, na maior parte dos casos, abaixo do índice de inflação, como nos informam as estatísticas, mas sujeitos a justificação perante a Direcção-Geral de Concorrência e Preços. Quanto aos livros destinados ao ensino básico, o problema é mais complicado, e nada pacífico, prejudicando, inclusivamente, de acordo com os editores, a qualidade pedagógica dos mesmos. É que, a este nível escolar, os manuais estão sujeitos a um preço máximo de 390 escudos: «Um perfeito disparate. O Governo quer fazer figura à custa dos editores», criticou Francisco Prata, presidente do grupo Didáctica/Plátano Editora.

Vasco Teixeira, da APEL, quanto à mesma problemática, afirmou que este «é um regime redutor das qualidades pedagógicas, ao obrigar, para manter os custos dentro de limites aceitáveis, à diminuição do número de páginas: assim não se podem fazer manuais com qualidade. Parece, no entanto, que este regime vai terminar no próximo ano».

No decreto-lei, já referido, de 30 de Agosto, estabelece-se que o regime de preços será fixado, ouvidas as associações representativas do sector editorial, por portaria conjunta dos ministros do Comércio e Turismo e da Educação, a publicar no prazo de 60 dias após a entrada em vigor do diploma legal.

Tendo em vista o embaratecimento do custo dos livros escolares, o decreto procura, também, não limitar o processo de inovação pedagógica, mediante a definição de um período de vigência dos programas de ensino. Assim, a adopção dos manuais será válida por um período de quatro anos nos dois primeiros anos do ensino básico e de três no terceiro ciclo dos ensinos básico e secundário.

Mas quanto a preços em concreto, há que esperar para ver...

E quanto aos pais e encarregados de educação? E quanto ao leitor que tem mais de um filho em idade escolar? Serão os preços exagerados?

Bom, acontece que, sobre a nova legislação relativa aos manuais escolares, foi emitido um parecer elaborado por vários organismos, entre os quais a Confederação Nacional de Associações de Pais, no qual se reconhece que o decreto «parece garantir a melhoria de qualidade e de estabilidade de adopção dos manuais, favorecendo as grandes tiragens que certamente irão embaratecer, sem esquecer o regime de preços vigiados sob a fiscalização da Direcção-Geral da Concorrência e Preços».

O que pensa dos preços o cidadão considerado individualmente, aquele que, neste ínicio de mês, se dirigirá às intermináveis filas das livrarias, com a lista (ou listas) de livros fornecida pela escola?

Para já, numa passagem por várias livrarias especializadas, nos últimos dias de Agosto, os balcões de venda de livros escolares tinham ainda pouca afluência, provavelmente, consequência das férias.

No entanto, pudemos apurar algumas opiniões individuais após a compra de livros de estudo: desde a mãe de um aluno do 12º ano, que, ainda um pouco atordoada, se queixava por ter pago mais de 8 mil escudos pelos livros necessários para apenas três disciplinas; uma outra senhora, resignada com o dinheiro gasto (cerca de mil e oitocentos escudos) nos livros para o seu filho, estudante do ensino básico; um pai afirmava, algo exaltado, que os manuais escolares deviam ser fornecidos pelo Estado.

A questão parece poder colocar-se da forma seguintze: para uma família que aufere um rendimento médio, o livro escolar, considerado individualmente, tem um preço acessível (uma média de 1700 escudos no ensino secundário); o problema surge na aquisição da totalidade dos manuais e complica-se quando se tem mais de um filho a estudar.

Na secção de livros escolares da Livraria Portugal, na Baixa lisboeta, foi possível verificar que o movimento ainda não é grande, já que em relação ao ano passado saíram ainda poucas listas, para além do facto que as que saíram não sofreram grandes modificações. A partir de Setembro, as livrarias esperam atender uma média de 200 a 300 pessoas por dia. António Lesia, que trabalha naquela livraria, acrescentou que as pessoas se queixam dos preços com frequência.

Uma lista de livros para o ensino básico custa, em média, mil e quinhentos a dois mil escudos. Para o secundário, os seis a sete livros necessários custam, aproximadamente, oito a dez contos. Relativamente ao 12º ano, que, como já referimos, tem apenas três disciplinas, os livros (numa lista feita de propósito para o DL) atingiram o valor de oito mil duzentos e trinta escudos.

Soubemos também que os manuais, em anos anteriores, se esgotaram com alguma facilidade.

Do excesso à míngua

Vasco Teixeira, da Comissão sobre o Livro Escolar da APEL, disse que «à excepção do ensino básico, em que existe realmente um número exagerado de títulos (que desaparecerá em 91 com a adopção dos programas para quatro anos), nos outros ciclos, se trata de uma falsa questão. Há disciplinas em que há mais de dez manuais, mas muitos deles são livros antigos, cuja única razão de existência é o facto de serem mais baratos, e a sua utilização verifica-se especialmente nas zonas mais desfavorecidas.

«Nas escolas, por cada disciplina, dois a quatro manuais abarcam 90 por cento do mercado. Com a entrada em vigor dos novos programas, nalgumas cadeiras vai haver uma redução drástica no número de livros. Há disciplinas nas quais os editores vão ter dificuldades na elaboração e publicação dos manuais. É o caso da Ecologia e de Sociologia, que são livros de produção complexa.

«Haverá cadeiras em que existirá apenas um manual, o que é mau: para a edição não existe nada melhor do que a concorrência, inclusivamente na questão dos preços».

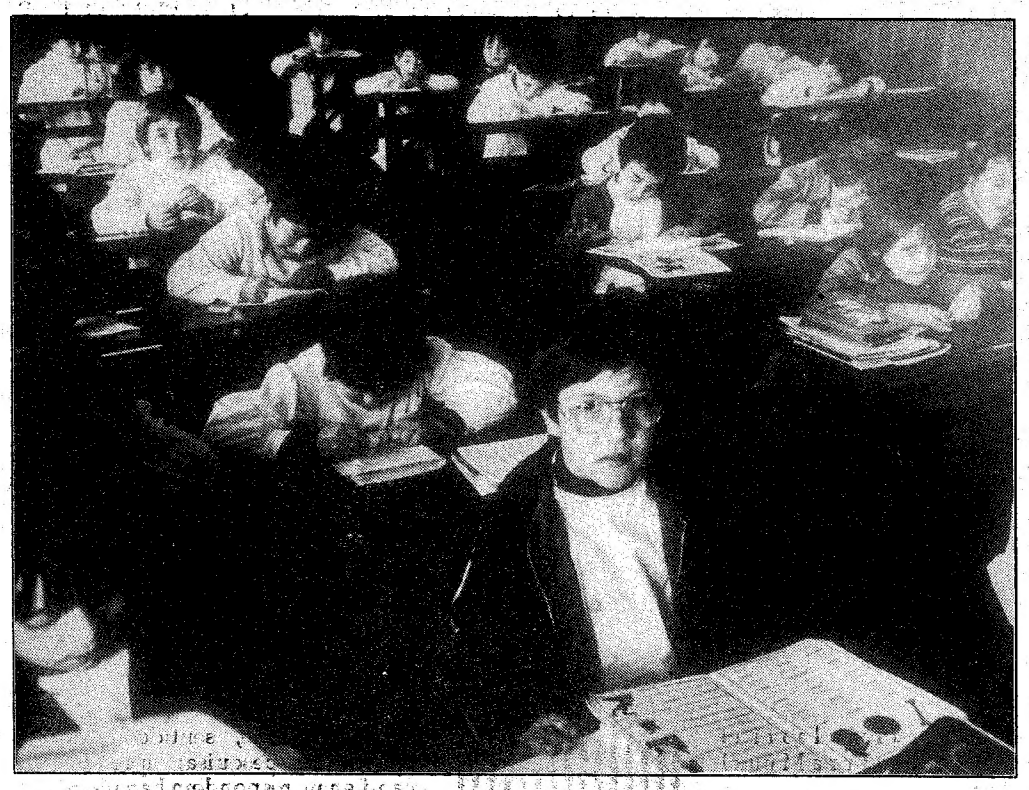
Um negócio da China?

Sete editoras controlam cerca de 90 por cento do mercado do manual e do livro escolar auxiliar em Portugal, com grande destaque para a Porto Editora com uma quota de cerca de 35 por cento. O seu responsável comercial referiu-nos que têm no mercado entre 800 a 900 títulos, 80 por cento dos quais dizem respeito a livros destinados ao ensino. Esta editora vai facturar em 1990 cerca de três milhões de contos (contra dois milhões e setecentos mil contos em 1989).

Por seu turno, a editorial Asa, que detém 20 por cento do mercado, possui 600 obras à venda, sendo que cerca de 85 por cento delas se destinam às escolas, prevendo uma facturação, para este ano, de um milhão de contos, de acordo com as afirmações do seu director comercial, Mendes Dias.

Outro exemplo, o da Plátano/Didáctica Editora, cujo presidente, Francisco Prata, disse ao DL que têm 350 títulos no mercado, editando este ano cerca de 50 novos livros escolares.

De acordo com as suas palavras, «trata-se de um negócio arriscado (o custo da feitura de um livro pode orçar os seis mil contos), mas



Alunos e professores têm, muitas vezes, como único apoio científico, o manual escolar. O que torna ainda mais grave os erros encontrados

Caça ao erro

Sabia que os meios de comunicação social se dividem em «escritos» e «sonoros»? Os jornais podem ser «diários» ou «periódicos». Os jornais «diários» existem nas «grandes cidades» e os «periódicos» publicam-se nas «vilas e outras localidades». De onde se conclui que o «Expresso» e a «A Bola», por exemplo, são jornais regionais.

Todos os anos, estes e outros erros, são transmitidos às criancinhas através dos manuais escolares.

Quando na televisão passa uma campanha sobre os cuidados higiénicos a ter, ensina-se aos meninos que lavem os dentes, as mãos, a fruta, que não bebam água de «todas as fontes», etc.,etc.. No livro «Novo Mundo - Meio Físico e Social 2», editado para a primária, pela Porto Editora, aprende-se: «Sempre que possível devemos beber água das nascentes». Mais adiante, na mesma página, acrescenta-se: «Esta água é pura».

Um capítulo sobre as profissões incluído no «Novo Mundo - Meio Físico e Social 4, dá-nos, igualmente, outras novidades interessantes. Ficamos a saber que os trabalhadores manuais «transformam as matérias-primas». Então, e o que fazem os operários fabris e os artesãos? Os artistas plásticos serão trabalhadores manuais, operários ou artesãos?

Gostaríamos de alertar os funcionários públicos para verificarem, nas folhas de vencimento, quem é a entidade patronal. É que, no mesmo livro, pode ler-se: «Algumas profissões são pagas pelo Estado». O ensino estará incluído na lista? E quem é que paga aos professores?

A denúncia destas incorrecções é feita no livro «Manuais Escolares - Análise da Situação». Trata-se de uma abordagem a alguns livros, dos mais vendidos, adoptados para o ensino primário e secundário.

Estudo no âmbito do Projecto de Análise e Avaliação Curricular do Ensino Básico, em curso no Gabinete de Estudos e Planeamento, Ministério da Educação.

Por acaso, não se conhecem quaisquer resultados práticos deste trabalho encomendado pelo próprio Ministério.

E, já agora, quando quiser comprar medicamentos ou jornais, não se esqueça que, nas feiras, se «vende de tudo», incluindo «remédio» para formigas.

Tal como nos ensina o manual «Estudos Sociais», editada para o ciclo preparatório, pela Porta Editora.

C.N.

Grande proliferação de manuais escolares

conseguimos sobreviver».

«A situação é melhor que nos outros sectores da actividade livreira, à excepção do caso do ensino básico», referiu Vasco Teixeira, da APEL.

Lembremos, uma vez mais, que em Portugal se vendem mais de doze milhões de livros escolares por ano.

Ainda segundo Vasco Teixeira, a distribuição de livros escolares para este ano lectivo está normalizada, havendo apenas meia dúzia de livros esgotados, cuja reposição está prevista para dentro de dias.

Uma questão interessante foi levantada pelo responsável da APEL: «Não concordamos com a venda de livros escolares nos hipermercados. Permitem economias a alguns consumidores, mas servem-se disso como chamariz para a compra de outros produtos, levando à falência livrarias próximas onde se podem comprar livros que, naqueles locais, não se encontram. Prejudica-se a cultura pois as populações ficam a ter acesso apenas a jornais e revistas.

Para terminar refira-se que, em média, as percentagens do preço de capa de um livro escolar distribuem-se da seguinte forma: autor, 10 por cento; distribuidor, entre 15 a 20 por cento; livreiro 20 por cento; editor 50 a 55 por cento.

Mário Rocha

Ilusões e ruminações filosóficas: um debate bem polémico

Ligada à problemática dos manuais escolares está, evidentemente, a questão do estabelecimento dos programas e dos critérios pedagógicos que lhes estão associados. Se na grande maioria das disciplinas do ensino secundário a questão não tem dado origem a problemas de maior, o mesmo não se pode afirmar no caso da Filosofia, onde a fixação de um novo programa está na base de grandes polémicas.

A questão, segundo notícia publicada na última edição do semanário «Expresso», terá terminado com a suspensão, ainda não oficializada, por parte do ministro da Educação, do novo programa experimental de Filosofia (no âmbito da Reforma do Sistema Educativo) para o ensino secundário, elaborado por Manuel Maria Carrilho e Cristina Grácio. Refira-se, no entanto, que o contacto estabelecido pelo DL com o Ministério da Educação não permitiu uma confirmação clara.

De facto, João Paulo Martins, assessor de imprensa do secretário de Estado da Reforma Educativa, afirmou-nos que «embora exista um fundo de verdade relativamente àquela questão, não há, ainda, um despacho que lhe dê suporte legal. Tudo se clarificará com o regresso de férias, na corrente semana, do ministro da tutela e do responsável pela reforma educativa».

Na origem da suspensão estará uma vaga de protestos que partiu de cerca de cinco centenas de professores de filosofia e de várias associações científicas e de pais. A polémica chegou ao conhecimento do grande público através de dois artigos de opinião, algo contundentes, publicados no «Expresso», por José Trindade Santos, em 4 de Agosto, e por Manuel Maria Carrilho, a 11 do mesmo mês.

De uma forma simples, a questão pode resumir-se nos seguintes termos: para o primeiro, o novo programa esquece os autores clássicos e a História da Filosofia, base da formação filosófica; de acordo com o segundo, devem-se privilegiar os filósofos contemporâneos, a Filosofia e não a História da Filosofia.

Triunfos e derrotas

José Trindade Santos, docente do departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, em artigo sugestivamente denominado «O Triunfo do Ilusionismo», refere que a proposta de programa para as disciplinas de Introdução à Filosofia (10º e 11º anos) e Filosofia (11º ano) foi apresentada aos professores em Abril, tendo surgido, um mês depois, um projecto de programa insuficientemente discutido, apesar de «frenética discussão».

«Fazendo o balanço do que foi dito e do resultado a que conduziu, haverá motivos para pensar que tudo não passou de uma ilusão. Pois em ilusionismo foi fértil o processo de apresentação e discussão da proposta», refere Trindade Santos.

Aquele docente apresenta, de seguida, as várias «ilusões» de que, pensa, enferma o programa. Assim, a primeira ilusão é a de que ele é inovador; a segunda, a de que apresenta qualidade científica; em terceiro lugar, a de que confere maior liberdade aos docentes; como quarta falha do programa, a ideia de que a introdução do programa beneficia de forte apoio ministerial (ponto quanto ao qual Trindade Santos parece ter razão, a acreditar na anulação do programa, por parte de Roberto Carneiro);

Por outro lado, Trindade Santos afirma que o programa advoga a cisão entre os currícula dos ensinos secundário e superior, protestando contra uma alegada «tutela» do Superior sobre o Secundário: «Ora, se a finalidade primeira do curso de Filosofia sempre foi e continua a ser a de preparar docentes para o Secundário (...), o mínimo de que os programadores estão à espera é que as Universidades corram a adaptar os seus currículos ao do Ensino Secundário».

A última das ilusões referidas por Trindade Santos, e, nas suas palavras, a mais insidiosa: «A de que este é só mais um entre uma legião de programas ideológicos. Porque não há programas que escapem à arbitrariedade das ideologias! Este tem a coragem de cortar com as devoções escolásticas e os compromissos marxistas. Afina resolutamente pelo tom do empirismo anglo-saxónico. Não do que é praticado nas Universidades, por estar acima do nível a que se destina, nem do que é executado na Escola Média, porque em Inglaterra e nos Estados Unidos não se ensina Filosofia na Escola Média». Inspira-se, de acordo com aquele docente, nos programas de admissão às Universidades inglesas e norte-americanas.

Manuel Maria Carrilho, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, respondeu a Trindade Santos em artigo (com um título não menos sugestivo) intitulada «A Derrota da Ruminação». Ali sustenta que a tese de Trindade Santos não foi demonstrada, acrescentando que este último «apresenta o seu artigo como uma comparação entre as versões inicial e final do programa. Ora, acontece que o que fez foi bem diferente, foi comparar a versão inicial com um breve texto de que constavam apenas as indicações das alterações a fazer.

«(...) Se se julga possível e interessante manter os estudos de filosofia no secundário, como reformá-lo? Como sintonizá-lo com as enormes transformações culturais, sociais, políticas e filosóficas que pontuam a nossa aproximação do terceiro milénio? Aqui, uma outra opção se torna imperiosa: é que, nessa massa imensa de teorias, sistemas e doutrinas que constituem a filosofia, ou se ensina a história da filosofia ou a filosofia. (...) Esta decisão é hoje (...) incontornável ao nível do ensino secundário», afirma Manuel Maria Carrilho.

M.R.

COMENTÁRIO

Manuais de usar e deitar fora

Qualquer aspecto, estratégia ou recurso do Sistema Educativo não pode ser analisado isoladamente. Mas, centremo-nos apenas nos Manuais Escolares.

Herdámos a tradição da utilização do Livro Único. Com a instituição da democracia, também as alterações curriculares institucionalizaram o pluralismo de recursos, nomeadamente a possibilidade de se escolher entre diversos manuais escolares. Medida sem dúvida positiva, mas receamos, que se tenha ficado «por aí», criando outros problemas aos professores, pais e alunos.

O manual escolar é um auxiliar didáctico do professor e um instrumento de estudo e de trabalho dos alunos. Não deverá ou poderá ser um substituto dos programas de ensino, nem um substituto da relação humana e pedagógica entre o professor e os alunos. Muito menos, estes deverão entravar a construção das aprendizagens por parte dos alunos, quer individualmente, quer em pares ou em grupo, limitando o seu espírito crítico e o recurso a outras pesquisas.

Infelizmente o que se passa será quase o inverso. Vejamos:

Uma norma do Ministério da Educação obriga a que os Manuais Escolares sejam seleccionados no final do ano lectivo anterior à sua utilização. Esta medida visa proteger as editoras, que, assim, preparam as suas saídas com mais segurança; os pais que evitam correrias e perdas de tempo à procura dos manuais adoptados; e, infelizmente, alguns professores que assim podem começar o seu trabalho «sem atrasos» iniciando a rotina de «...abram o livro na página tal!» Outros professores sentem-se defraudados. Com a preocupante mobilidade do corpo docente, alguns professores confrontam-se com a obrigatoriedade do uso de um livro escolhido por outros colegas, eventualmente com perspectivas pedagógicas e metodológicas diferentes; confrontam-se com 25 ou 30 livros iguais para todos os alunos, quando uma diversidade de manuais para uma turma permitiria uma melhor recolha de informação e outras estratégias educativas. Para já não falar com o lidar, no dia a dia, com Manuais carregados de estereótipos, de falta de rigor científico e de banalidades.

Também os pais ou encarregados de educação se habituaram ou se sentem coagidos a gastar, no início de cada ano, uma avultada verba em manuais que aparentemente mudam todos os anos. *São manuais de usar e deitar fora* , condizendo com uma sociedade de consumo. E isto num Sistema Educativo que afirma que a escolaridade é obrigatória e gratuita (até ao 9º ano).

Quanto aos livreiros, estes, por vezes, limitam-se a mudar a capa dos manuais, em vesti-los de acordo com a moda actual, a fornecer também livros que mais facilitem a vida aos professores e alunos: usar e deitar fora; abrir, ler e concluir; perguntar visando uma resposta aparentemente única e indiscutível.

Quanto ao Ministério da Educação, esse age, como se, resolvendo o problema administrativo, tenha resolvido as questões pedagógicas. Ao carimbo «Aprovado pelo M.E. de acordo com os programas em vigor» não corresponde qualquer análise técnico-pedagógica. Uma comissão com este objectivo chegou a estar aprovada em 1978, mas nunca funcionou com prejuízo, naturalmente, para os aspectos pedagógicos e científicos. Vejamos o que acontece a «esta»!

Em estudo mandado elaborar pelo M.E., verifica-se que nos manuais proliferam erros científicos, se veicula uma cultura demasiado urbana, que são pobres em alternativas de exploração e que muitas vezes vão contra uma tradição pedagógica, como é o caso do Ensino Primário (1º Ciclo), a que um trabalho integrado e globalizante dos professores se «impingem» sugestões parcelares, por áreas de conhecimento sem uma perspectiva interdisciplinar.

Os valores veiculados e os erros científicos são verdadeiramente preocupantes.

Mas o mais grave parece, ainda, ser a falta de empenhamento em equipar as escolas ou conjuntos de escolas com centros de recursos, onde os alunos e professores possam pesquisar, remetendo, assim, para os manuais escolares a função de único recurso didáctico. Não existem medidas orientadoras, nem de formação de professores que promovam a dinamização de bibliotecas escolares; a análise dos manuais, os estudo do seu aproveitamento e reconversão; o recurso e pesquisa noutros auxiliares: jornais, revistas, enciclopédias, televisão, livros de irmãos mais novos ou dos mais velhos...

Também os alunos se queixam das banalidades, das personagens irreais, de ter vergonha de ler em voz alta as «parvoíces» que estão escritas nos livros, que as redacções dos crescidos escolhidas para eles não têm graça nenhuma.

Isaura Abreu

É este o panorama: o Ministério coloca os professores; as Editoras constroem receitas simples; os Professores sujeitam-se às rotinas; os Pais servem-se em supermercados como de um produto de limpeza; os Alunos desinteressam-se do estudo e leitura de obras e de outros escritos; reduzem a sua curiosidade, sentido crítico e espírito de pesquisa; aprendem a «cantilena», respondem banalidades e divorciam-se, às vezes para sempre, da leitura e da cultura.

De ano para ano, as editoras desgastam os professores com centenas de títulos, alguns dos quais apenas mudaram de aspecto gráfico

Selecção impossível

GRANDE ANGULAR

Os pais e alunos queixam-se: «Os livros estão sempre a mudar, já não dão de um ano para o outro e, muito menos, de irmão para irmão». Os professores falam-nos no «pouco tempo que têm para seleccionar os livros adoptados e na guerra de editoras».

O Conselho de Ministros acaba de aprovar um decreto-lei que estabelece um período de vigência mínimo de três e quatro anos para os manuais escolares dos ensinos básicos e secundário.

Esta medida não abrange o caso dos alunos que mudam de escola. Por outro lado, e porque a selecção dos livros é feita no final do ano lectivo anterior, por professores que, muitos deles, acabam por mudar de estabelecimento de ensino, há quem avise no início do ano: «O livro adoptado é X, mas eu prefiro o manual Z».

Grande parte das vezes, não é o professor que vai leccionar uma matéria, aquele que escolheu o livro

Até ao presente ano lectivo, os livros têm sido escolhidos por um período mínimo de dois anos. Período este que nem sempre é respeitado. Foi o caso do livro de matemática, do 9º ano, adoptado na Escola Secundária de Benfica.

Diz uma circular afixada na porta daquele estabelecimento de ensino: «Embora o livro adoptado para 1990-91 fosse em princípio,...., os professores de matemática ....decidiram propor à Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário a alte-ração do referido manual para....., de qualidade e nível pedagógico reconhecidos, por considerarem seguir a mesma linha metodológica com que os alunos já tinham trabalhado nos 7º e 8º anos de escolaridade». A proposta de alteração foi aprovada.

O que se passou, segundo nos explica José Félix, do Conselho Directivo da escola, «foi que o grupo de matemática, depois de um ano de experiência com o outro livro, achou que este não era o mais conveniente».

É caso para perguntar: Como é feita a selecção? Não há um estudo exaustivo dos manuais?

A verdade é que nem sempre a escolha é feita nos termos mais adequados. Às vezes, a selecção faz-se «de um dia para o outro». E isto porque, normalmente, o Ministério da Educação dá pouco tempo para os professores escolherem os livros.

«As editoras, muitas vezes, olham para o lucro e desligam-se do conteúdo. Se os professores tiverem mais tempo para analisar o manual, não há problema. Mas, se apenas se diz no dia anterior o que é preciso escolher, é difícil», afirma José Félix.

O caso é tanto mais grave, quanto, como se poderá ler noutra peça, são inúmeros as faltas de rigor científico existentes nos manuais escolares. E isto porque qualquer editora pode publicar um livro escolar. Não há uma avaliação pedagógica e científica, destes livros, por parte do Ministério da Educação.

E, como refere José Félix, «todos os anos aparecem livros novos. E quando digo novos não é a nível do conteúdo, é com capas novas Muda-se a capa, os arranjos e os grafismos e publica-se mais um título».

Estes dois problemas, à partida, serão alterados com a aplicação do novo decreto-lei. Estipula-se um prazo para a selecção: «Durante as primeiras quatro semanas do terceiro período do ano lectivo anterior ao início do período de vigência dos programas a que dizem respeito».

Por outro lado, o Ministério irá constituir comissões científico-pedagógicas para apreciação da qualidade dos manuais escolares, com excepção da disciplina de Educação Moral e Religiosa. Já em 1978 se aprovou uma comissão com o mesmo objectivo, não chegando este, no entanto, a funcionar.

Compete aos organismos oficiais comunicar aos autores e editores dos livros os «erros ou omissões de reconhecida gravidade» detectados. O passo seguinte será a rectificação ou a suspensão da distribuição e venda.

Só quando a lei for aplicada se poderá ver se irá acabar com a «lei da selva» das editoras. Existem, no entanto, alguns exemplos que levam a colocar algumas reticências no que se refere à passagem, do que está enunciado no papel, para a prática.

Reforma (des)educativa

Os novos programas da Lei de Bases do Sistema Educativo estão a ser testados. Começou-se há dois anos com a 1ª classe. Este ano vai iniciar-se no 5º ano do ciclo preparatório e 7º e 10º anos do secundário.

No concelho de Lisboa, foram escolhidas a Marquesa de Alorna (preparatória) e a Secundária de Benfica. Os Conselhos Directivos só em Maio receberam a proposta do Ministério para participarem nesta primeira fase. Os programas começaram, agora, a chegar às escolas. Os professores terão conhecimento do seu conteúdo mesmo em cima do início das aulas. Não há livros adoptados, nenhum manual existente se aplica a estas matérias. Entretanto, participaram, os que participaram, em acções de formação aceleradas.

Apesar disso, talvez porque já esteja habituado a este tipo de situação, José Félix, faz um balanço positivo: «As coisas têm estado a correr minimamente bem. Muitas das informações vêm em cima da hora. Casos houve em que, uma acção que iria iniciar-se na segunda-feira, ainda não se sabia onde seria, na sexta-feira, quantos dias teria e quem é que pagava os custos. Mas, a equipa que está no Direcção Regional de Educação de Lisboa é bastante eficiente e mantém um contacto muito directo com os Conselhos Directivos».

Livros para todos os gostos

Na escolha dos manuais escolares muitas são as opções e poucos são os critérios. Comparámos os livros adoptados em três escolas, do 8º ao 11º anos: Escola Secundária de Benfica, Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho e Escola Secundária Veiga Beirão (ver quadro). Encontrámos mais diferenças do que as semelhanças. As disciplinas de Português e Inglês são as que apresentam mais variedades de títulos. O 11º ano é o que tem mais livros em comum.

A Matemática é a única área de estudo em que, pelo menos em duas escolas, e ao nível de todos os anos, são adoptados os mesmos livros. Apenas dois manuais são adoptados pelas três escolas: Inglês do 11º ano, «Travelling 2 (nova edição), e Francês II do 9º ano, «Tout doucement». Na disciplina de Português apenas o livro «Vamos Ler» é mencionado duas vezes.

Em relação às escolas, a Veiga Beirão é a que tem mais manuais escolares escolhidos, em paridade, com os outros dois estabelecimentos de ensino.

Céu Neves

Manuais Escolares

	Secundária Benfica	Maria Amália Vaz	Veiga Beirão
Português			
8º Ano	**Vamos Ler** Texto Editora	**Signos** Lisboa Editora	**Pela Prática é ...** Edições Asa
9º Ano	«	« Porto Editora	**A Língua e o Texto**
10º Ano	«	**Vamos Ler** Edições Asa	**Novos Horizontes...**
11º Ano	« Lisboa Editora	**Sinais** Porto Editora	**Líng. e Cult. Port.**
8º Ano **FrancêsI**	**Allez ! 2**	**Au Plaisir des Mots**	**Allez ! 2**
FrancêsII 9º Ano	Porto Editora **Casse-Noisettes2** Plátano Editora	Didáctica Editora **Tout Doucement** Edições Asa	**T. Doucement**
FrancêsI	**Allez ! 3** Areal Editora	**Francofolie**	**Francofolie**
FrancêsII 10º Ano	**Tout Doucement**	**Tout Doucement**	**Tout Doucement**
Francês	**(a)**	-------- Porto Editora	**Le Rêve et laVie**
11º Ano **Francês**(7)	**Voies Ouvertes** Vulgus Editora **(5)** Universitária Editora	**Pour Vous...La F.** Areal Editora **Le Français par...**	**Voies Ouvertes**
8º Ano **InglêsI**	**English Funtastic** (nível4) Porto Editora	**Pyramid II** Escolar Editora	**Eight Up**(1ªparte) Areal Editora
InglêsII 9º Ano	--------	**Pyramid III** (2ª parte) Areal	**Seven/Eight Up**
InglêsI	**English Funtastic**	----------	**Nine UP**(2ªparte)
InglêsII 10º Ano		----------	**Nine Up**(v. integral)
Inglês	**(a)**	---------- Texto Editora	**Travelling 1** (n.edição)
11º Ano **Inglês**	**Travelling 2 (n.e.)**	**Travelling 2 (n.e.)**	**Travelling 2 (n.e.)**
História 8º Ano	**Hist. de Portugal** Porto Editora	**História 8** Editora «o livro»	**À Descoberta da Hist.** Porto Editora
9º Ano	**Hist. de Portugal**	**História 9**	**História 9**
10º Ano	**(a)** Texto Editora	**Hist. de Portugal** Texto Editora	**Hist. de Portugal**
11ºAno	**Hist. de Portugal** Porto Editora	**Hist. de Portugal** Texto Editora	**Hist. de Portugal** Porto Editora
Matemática 8º Ano	**Compêndio de Mat.** Didáctica Editora	**Matemática 8** Texto Editora	**Matemática 8** Texto Editora
9º Ano	---------- Texto Editora	**Matemática 9**	**Matemática 9**
10º Ano	**(a)**	**Matemática** (1º e 2ºV)Porto Editora	**Matemática**
11º Ano	**Compêndio de Mat.** Porto Editora	**Compênd de Mat.**	**Matemática** (1º e 2ºV)Porto Editora
Geografia 8º Ano	**Geografia** Texto Editora	**Geografia**	**Geografia 8** Universitária Editora
9º Ano	--------	**Geografia 9** Plátano Editora	**Geografia**
Filosofia 10º Ano	**(a)** Texto Editora	**Pensar e ser**	**Pensar e Ser**
11º Ano	-------- Editora «0 livro»	**Conhecer Como?** Porto Editora	**Filosofia Moderna** Edições Asa

(a) A Escola Secundária de Benfica não indica livros para o 10º Ano porque é a primeira vez em que se testa o novo programa curricular, integrado na Lei de Bases do Sistema Educativo, e não há livros.

POLÍTICA

Jaime Gama no centro de todas as interrogações

Protocolo secreto das Lajes pode abrir nova polémica

«Onde está Jaime Gama?», perguntavam há dias os deputados do PSD, na sessão da Comissão Permanente da Assembleia, exclusivamente dedicada ao conflito no Golfo. A pergunta procurava anular as «angústias» dos socialistas quanto ao «desaparecimento» do ministro dos Negócios Estrangeiros, no início da crise, e poderá ser, hoje, respondida, no mesmo local, dado confirmar-se a presença de Jaime Gama em S. Bento para presidir à primeira e já tardia reunião da Comissão Parlamentar de Defesa sobre esta dominante questão da actualidade internacional.

Nessa reunião de fim de tarde poderá, aliás, abrir-se uma nova controvérsia sobre a existência ou não de um protocolo secreto entre os Estados Unidos e Portugal sobre a utilização da Base das Lajes por parte dos norte-americanos, em missões estranhas à acção da Aliança Atlântica.

Recorde-se que as forças encaminhadas via Açores para o Médio Oriente, por parte dos Estados Unidos, se serviram da base da Ilha Terceira, antes ainda de o Conselho de Segurança das Nações Unidas ter dado o seu aval à transformação do embargo em bloqueio.

Jaime Gama preside hoje à reunião da Comissão Parlamentar de Defesa

Partindo de uma intervenção de Adriano Moreira que perguntou na Assembleia da República se um acordo desse género existiria ou não, a última edição do «Semanário» avançava com a tese da vinculação sigilosa de Portugal a um entendimento bastante mais extenso que o divulgado, entendimento que estaria a ser encoberto pelo actual presidente da Comissão Parlamentar da Defesa, Jaime Gama, um dos responsáveis portugueses «desaparecidos» em vilegiatura, enquanto se agravava a crise no Golfo Pérsico, como em tempo noticiámos. O «Semanário» acrescentava que uma fonte altamente colocada do PSD confirmara a existência do polémico papel, também firmado pelo Bloco Central, em 1983, pelo então primeiro-ministro, Mário Soares, recordando todavia que, nessa altura, também o partido de Cavaco Silva estava no Executivo, sendo Mota Pinto o número dois da hierarquia.

Interrogado, ontem, nos Açores, onde foi visitar a controversa Base das Lajes, sobre a existência deste eventual protocolo secreto, o ministro da Defesa comentou que «se é secreto, não é, obviamente, para comentar». «Tal não significa, porém - acrescentou Fernando Nogueira- a confirmação da sua existência».

Não conseguimos encontrar Jaime Gama em Lisboa, onde já regressou, para perguntar ao ex-titular da pasta dos Negócios Estrangeiros do Bloco Central se dá como certa a assinatura de tal protocolo secreto, numa altura em que a União Soviética, por exemplo, divulga acordos desse tipo e doutras eras.

Esperemos que a *glasnost* chegue esta tarde às comissões parlamentares reunidas em São Bento.

J. I.

Patrocinada pela CDU

Carvalho (Covilhã): lista única nas intercalares

As eleições intercalares na Vila do Carvalho, arredores da Covilhã, terão apenas a concorrência de uma lista formada por residentes nos lugares de Canhoso, S. Domingos, Portela e Vila e patrocinada pela CDU (Coligação Democrática Unitária).

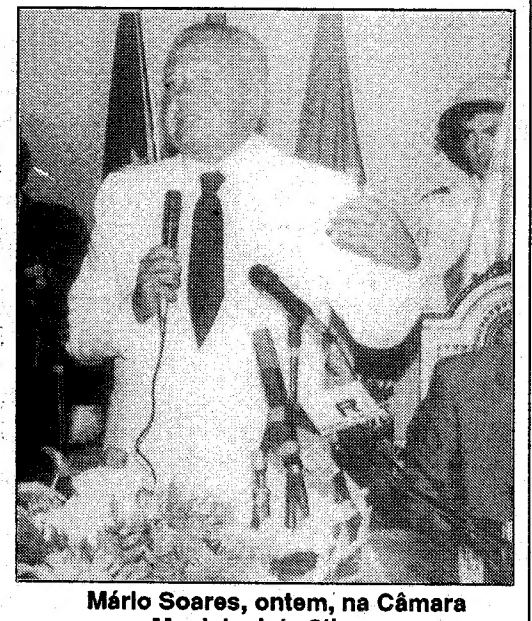
Os candidatos à Assembleia de Freguesia fizeram todos parte, segundo garante a Comissão Coordenadora local da CDU, «da direcção de associações, de colectividades e da Junta e Assembleia de Freguesia». A lista encabeçada por Fernando dos Santos Melo, de 39 anos de idade e de profissão pesador de drogas, é composta por uma maioria de operários da indústria têxtil e integra um conhecido sindicalista do sector, Luis Garra.

Estas eleições foram precipitadas pela demissão da maioria dos elementos da lista vencedora, em Dezembro passado, e apresentada a sufrágio sob a designação de «Amigos da Terra»: somente um elemento dessa lista e os eleitos da CDU se mantiveram em funções até à marcação das eleições intercalares que, sabe-se agora, se realizarão no dia 21 de Outubro.

Não obstante se tratar de uma lista única e, como tal, poder dispensar-se de acções de propaganda, a CDU da Vila do Carvalho assumiu publicamente o compromisso de «brevemente discutir e apresentar o seu programa eleitoral, para que as populações possam, a todo o tempo, analisar a sua actividade».

Silves pede a Soares que se recandidate

«A sua recandidatura é um imperativo na-cional», disse o presidente da Câmara Municipal de Silves a Mário Soares, ao discursar na cerimónia comemorativa do Dia da Cidade, a que presidiu o Chefe do Estado. José Viseu sublinhou a importância da recandidatura, para que Soares «continue a ser o garante da constituição e da defesa dos direitos humanos». O presidente da Câmara Municipal de Silves adiantou que a sua cidade se candidatará à primeira «Presidência Aberta» depois da eventual reeleição de Soares.



Mário Soares, ontem, na Câmara Municipal de Silves

Mário Soares não aludiu ao apelo que lhe foi feito, ao usar da palavra, a seguir ao presidente da Câmara local. No entanto, e depois de recordar as potencialidades históricas e económicas do concelho de Silves, assegurou que vai continuar atento ao Algarve e à cidade de Silves.

«Estou convencido de que, tal como o surto de desenvolvimento ocorrido no litoral algarvio, o mesmo irá acontecer em termos do barrocal desta província», sublinhou o Presidente da República.

Soares salientou ainda o facto de Silves ser um concelho onde «a alternância do poder funciona», numa alusão ao facto do actual presidente socialista ter retomado a liderança municipal após um mandato comunista.

BREVES

Cavaco Silva copiou -diz a Juventude do PRD

A Comissão Coordenadora da Juventude Renovadora Democrática congratulou-se, na sua última reunião, com o facto de «o primeiro-ministro português ter lido o programa do PRD, adoptando as propostas nele contidas quanto às eleições autárquicas». A organização de jovens do PRD estranhou, porém, que «Cavaco Silva não se tenha lembrado dessas propostas em tempo adequado, isto é, na revisão constitucional e no período anterior às eleições autárquicas de Dezembro último». A JRD apelou, ainda, ao Governo para aproveitar o paralelismo da invasão do Kuwait com a invasão de Timor-Leste, pela Indonésia, para «levantar novamente a questão de Timor nas instâncias internacionais».

«Arco Atlântico» no Porto: Soares a abrir os debates

O Presidente da República será um dos participantes no ciclo de debates «O Arco Atlântico», a organizar pelo Forum Portucalense e pelo Instituto Euro-Atlântico. Mário Soares tem a sua intervenção prevista para a sessão inaugural, no dia 12, juntamente com os jornalistas André Pautard, Paulo Portas e Carlos Magno, o advogado António Vilar e o professor Salvato Trigo. O ciclo conclui-se a 12 de Abril devendo, entretanto, participar neles vários ministros, empresários, deputados nacionais e eurodeputados e personalidades políticas como Jacques Chaban-Delmas, presidente da Câmara de Bordéus, e Eurico de Melo. As consequências das mudanças no Leste, a integração das economias e a contribuição da inciativa privada no desenvolvimento são alguns dos temas a desenvolver ao longo das sessões do ciclo.

Conflito no Golfo leva UDP a Belém

A UDP é hoje recebida em Belém, pelas 18 horas e a seu pedido, com o objectivo de expor ao Presidente da República as suas preocupações sobre o conflito no Golfo Pérsico. A delegação dos democratas-populares será composta por Mário Tomé, Luis Fazenda e Francisco Tomás, segundo informação da própria UDP.

Pedro Pires em Lisboa para uma visita oficial

Pedro Pires, primeiro-ministro de Cabo Verde e recém-eleito secretário-geral do PAICV, vem a Lisboa, nos próximos dias 11 e 12 de Setembro, em visita oficial. Em agenda constam a cooperação com Portugal e a discussão da situação política na África, nomeadamente, as diligências em curso para a paz em Angola e a abertura política na África do Sul, duas questões hoje bem encaminhados mas em cuja fase inicial Cabo Verde desempenhou um papel muito relevante. A visita faz-se a convite do primeiro-ministro português, Cavaco Silva, e Pedro Pires faz-se acompanhar do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, que esteve recentemente em Lisboa a preparar a visita com João de Deus Pinheiro.

Sampaio vai ao Gerês falar de Ambiente

Uma intervenção pública no parque das merendas do Bidoeiro e um pique-nique com autarcas e militantes socialistas constam do programa de Jorge Sampaio na sua anunciada visita ao Parque Nacional Peneda-Gerês, marcada para o dia 8 de Setembro. O secretário-geral do PS vai abordar a política de Ambiente e deverá referir-se, nomeadamente, à polémica abertura da fronteira de Portela do Homem.

Cunhal e Dias Lourenço no comício do Avante

O comício-chave da festa do Avante, marcado para o próximo domingo, dia 9, às 17 horas, terá este ano intervenções de Álvaro Cunhal, Dias Lourenço, director do jornal organizador, e João Frazão, da Direcção Nacional da JCP. O Gabinete de Imprensa da festa chamou a atenção para o «especial significado deste comício no seguimento do XIII Congresso do PCP», e adiantou que o secretário-geral do Partido Comunista vai abordar, genericamente, a situação política nacional e internacional.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

FORUM

AINDA SOBRE A CULTURA ITALIANA NO ESTRANGEIRO

Há semanas, numa das minhas crónicas, tinha-me debruçado sobre a situação paradoxal dos institutos italianos de cultura no estrangeiro. Entretanto tive conhecimento de que, tanto o «Corriere della Sera», pela pena de Claudio Magris, como a revista «Italiano e oltre», em artigo de Raffaele Simone, tinham focado o mesmo assunto. Se nos lerem aos três fica-se com a impressão de que somos estudantecos que, numa aula, nos copiámos uns aos outros. E é óbvio que assim seja: quem quer que tenha tido experiências directas neste campo sabe que as coisas a fazer são poucas mas muito precisas.

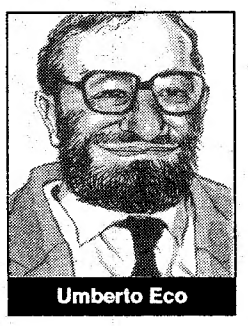
A única pessoa que parece não o saber, é o legislador, que se apressou a criar uma lei confusa, a qual fará com que metade dos funcionários actuais regresse a casa. Mesmo se pensarmos que parte destes não serão, recordados com pesar, perderemos, no entanto, os que, em anos de trabalho honesto, adquiriram uma indiscutível profissionalidade.

Depois desta minha crónica recebi um telefonema da subsecretária da Instrução Pública, Laura Fincato, também ela preocupada com o problema (mas já vimos que, nesta história, a Instrução Pública só deve providenciar o elemento trabalho, porque o resto depende dos Negócios Estrangeiros, sem que isso implique, aliás, regalias diplomáticas). Claro que todos compreendem que o ambiente cultural teria, sobre este assunto, alguma coisa a aconselhar. Além disso, foi instalado junto do Ministério das Universidades uma comissão que estuda as novas licenciaturas em Comunicação, e discute-se também uma orientação dirigida para a Comunicação no âmbito dos serviços públicos. Isto para dizer como é importante fixar o perfil profissional que se deveria exigir a esta função.

E, todavia, a lei em discussão fala de concursos somente para um terço do pessoal, deixando entrever para os outros apenas possibilidades de ulterior colocação, e em qualquer dos casos, diante de uma concreta exigência da parte do ambiente intelectual (foi até publicado um apelo assinado por várias personalidades ligadas à cultura), o legislador comporta-se como se o assunto só a si lhe dissesse respeito.

Vou explicar a razão por que não é assim. O mundo cultural é um interlocutor obrigatório, não só por competência reconhecida (sobre a qual o legislador poderá dar grandes risadas), mas também por força de contrato. Os institutos de cultura podem ser comparados a uma empresa teatral: há o patrão (o Estado), os directores artísticos (os funcionários) e o público, mas existem ainda os actores, isto é escritores, artistas, estudiosos, representantes do mundo económico, político e talvez desportivo, que os institutos utilizam como matéria-prima para «pôr em cena» a cultura italiana no estrangeiro. Pode acontecer que o legislador pense nas velhas companhias teatrais, cujos actores estavam, por definição, esfomeados, prontos a tudo para serem contratados. Mas infelizmente para o legislador as coisas já não estão neste pé.

É verdade que existem homens de cultura relegados para remotas províncias e ignorados pela opinião pública (muitas vezes injustamente) que lutam por uma viagenzita de dois dias, numa capital estrangeira, a expensas do Governo. Mas, num mundo actualmente atravessado por aviões a jacto que conduzem o intelectual a congressos internacionais que formigam por esse mundo fora (veja-se a paródia que fez, desta situação, o livro de David Lodge, de que já aqui falei) sucede que, nem os intelectuais mundialmente famosos, nem mesmo os de reputação limitada a sectores específicos, conseguem aceitar todas as ofertas de viagens que recebem.


Umberto Eco

Por tal razão, grande parte destes, quando participam numa iniciativa de um instituto de cultura não é com o objectivo de fruir de uma viagem ambicionada. É gente com as despesas já pagas (e mais bem pagas de quanto poderia oferecer o instituto italiano), que prolonga em muitos casos a estada, por amizade com o director local ou pelo sentido do dever. Noutros termos, e dito com a devida rudeza, trata-se de pessoas que trabalham de borla por espírito de serviço.

Penso que estes desejam ser interpelados no momento em que se joga uma partida tão importante. De outro modo - e faço minhas as palavras homorísticas de alguns amigos e colegas - poderiam entrar em greve. Poderiam declarar publicamente que, se a lei que rege os institutos for feita de uma maneira leviana e aventureira, recusar-se-ão pura e simplesmente a colaborar.

Trad. de Manuela Ferreira de Almeida

RAUL SOLDADO

É possível que as Forças Armadas portuguesas tenham sentido, ao longo da crise no Golfo, e em consequência de diversas intervenções de responsáveis políticos, algum desconforto.

Desde logo, em consequência do excesso de expressa hesitação sobre se sim se não este País alinhava militarmente com outras nações ocidentais no bloqueio ao Iraque.

Depois, e sobretudo, em consequência do que definiremos como excesso de sinceridade desses responsáveis políticos quanto ao grau de preparação e de operacionalidade dos militares portugueses.

É que as nossas Forças Armadas, aliás como quaisquer outras, só podem ter como óbvios do profissionalismo e da eficácia duas coisas.

Primeira: quando actuam, actuam.

Ou seja, não crêem vantajoso arrastar a hipótese dessa actuação em públicas hesitações.

Segunda: não afixam as suas carências.

Ou seja, não anunciam, perante o potencial contendor, que a fechadura do paiol da pólvora, se alguém se encostar à porta, cede.

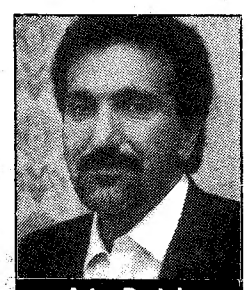
Com efeito, enviar-se uma força militar, anunciando *urbi et orbi* as suas vulnerabilidades, a sua falta de cobertura, a sua insuficiência de apoio, talvez não seja a forma de actuação preferida por quaisquer Forças Armadas.

Digamos que seria como pintar, no por exemplo casco de uma fragata honrada, e destemida, um gigantesco alvo branco.

É claro que as Forças Armadas de uma nação democrática não são um Estado dentro de um Estado e que a transparência democrática implica o conhecimento aberto dos problemas enfrentados pelas instituições militares.

Assim como é claro que Portugal tem interesse em que alguns dos seus aliados estejam informados sobre algumas debilidades do nosso sistema defensivo, do nosso armamento, pelo motivo simples de que essas aliados são, na relação bilateral ou no quadro de tratados militares abertos a diversos países, fornecedores de tecnologia, de armamento.

O problema está na oportunidade, no alcance, no pormenor, no grau de divulgação das referências do discurso político às nossas vulnerabilidades.


Artur Portela

Pelo que a questão que este caso levanta são duas.

Sendo a mais imediata a conveniência de que os nossos responsáveis políticos adoptem, no seu discurso sobre a situação das nossas FA, as suas carências e as suas missões, um sentido porventura mais fino, mais agudo, mais táctico, mais sensível à especificidade profissional de uma instituição militar moderna, sobretudo quando essas missões não são precisamente em Santa Margarida ou na Costa de Caparica.

E sendo a mais provavelmente grave a conveniência de que os nossos responsáveis políticos se empenhem, tanto quanto possível, em resolver as eventuais questões de preparação e de apetrechamento das nossas FA *antes*, e não em rigor na véspera, da execução das missões militares.

Há, depois, outra ainda questão, decerto não insignificante, que será a vantagem de não comprometermos com demasiada facilidade as nossas FA em missões para as quais elas não estejam, de facto, nem ainda suficientemente preparadas nem ainda minimamente apetrechadas.

Não pomos, claro, em causa, o grau de empenhamento das FA portuguesas, em missões de premente interesse nacional. Porque, sendo sempre inabalavelmente forte o seu coração, as FA portuguesas são capazes de fazer das tripas tecnologia.

Pomos é em causa o desacerto entre um discurso que tememos descuidadamente romântico de alguns responsáveis políticos e o implacável rigor técnico, a complexidade, o peso financeiro, das missões militares no mundo moderno.

As FA portuguesas decerto não regateiam o seu esforço e a sua competência. Esperam é que o discurso político responda ao profissionalismo militar com o profissionalismo político.

Dotando, a tempo e horas, as FA, os vários ramos das FA, com os mínimos necessários e indispensáveis às missões mais óbvias.

Não afixando, em público, as exactas carências de uma missão militar.

E não convertendo mediaticamente em acontecimentos de primeiro plano o envio de destacamentos de quarenta homens para junto de bases aliadas em território nacional.

O humor pode ser uma arma de guerra. Mas, mal manejado, também pode fazer explodir o nosso próprio paiol.

CARTAS NA MESA

As denúncias retomadas

Em texto repassado de despeito e inveja, um matutino de Lisboa onde têm revivido alguns abencerragens do jornalismo salazarista, denunciava como «divorciado» e «antigo apoiante do PCP» o responsável por um sector de um serviço oficial, gritando a sua indignação pelo facto do seu passado não ter sido impeditivo da nomeação para o lugar que ocupa.

A acusação de «divorciado» não conseguirá hoje mais do que o divertimento dos leitores pelo extremo desfasamento das realidades que revela o autor, de certo saído de longa hibernação social, e pelo fanatismo fundamentalista que, manifestamente, como católico, o atormenta.

A denúncia como comunista já nos parece poder ter aspectos mais graves, mesmo feita num jornal de reduzida credibilidade, porque há indícios de que é crescentemente aceite pelos estratos menos cultos e informados da população portuguesa como estigma de proscrito. E isso é sinal da tendência que o português tem para a intransigência política, mesmo quando ciclicamente apontada para sectores opostos, à medida que estes vão deixando de estar na moda.

Ao fim e ao cabo, é mais uma consequência dos longos tempos que vivemos em intransigência institucionalizada e da falta de cultura política que dessa situação resultou. Pena é que desses tempos tenham sobrado alguns plumitivos ainda excessivamente activos, para mal dos nossos pecados...

Pedro Viveiros
Leitor de Setúbal

INTERNACIONAL

A poucos dias da cimeira Bush-Gorbachev

URSS propõe conferência internacional para resolver crise do Golfo

A poucos dias da cimeira Bush-Gorbachev em Helsínquia, a URSS, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, propôs hoje a realização de uma conferência internacional sobre o Médio Oriente, para tentar resolver pacificamente a crise desencadeada pela invasão do Kuwait pelo Iraque, país que o responsável considerou um «Estado predador». Roland Dumas, o chefe da diplomacia francesa, disse ontem acreditar que ainda há possibilidades para a resolução da crise e que o encontro em Helsínquia vai ser fundamental.

«A comunidade internacional não pode permitir a emergência de Estados-predadores ou de regimes-piratas, porque isso conduziria irremediavelmente à erosão da lei e da ordem internacionais», afirmou Shevardnadze. O ministro soviético defendeu a realização de uma conferência internacional sobre o Médio Oriente e sublinhou a importância das sanções contra o Iraque, declarando-se convencido que elas vão surtir efeito. Shevardnadze diria ainda que uma «resolução pacífica não deve de forma alguma fazer crer que o agressor não tem nada a temer».

A posição soviética distingue-se assim da norte-americana, já que Bush não aceita sequer falar com os iraquianos antes de uma retirada incondicional do Kuwait. Guennadi Guerassimov, porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, também sublinhou ontem o desacordo do seu país em relação à deslocação de tropas norte-americanas para a Arábia Saudita, afirmando que «paradoxalmente a sua presença está a ajudar Saddam Hussein a formar um bloco árabe anti-americano e muita gente está a esquecer-se que tudo começou com a invasão do Kuwait e a violação de todos os princípios do Direito Internacional».

Sobre o «almoço» em Helsínquia entre Bush e Gorbachev, Guerassimov declarou que ele nada terá de «teatral», sendo essencialmente de trabalho, para discutir principalmente a questão do Golfo, mas também outras questões bilaterais.

Dumas acredita na paz

A cimeira de Helsínquia foi também destacada pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, que ontem à noite a considerou como uma das últimas hipóteses para uma saída pacífica para a crise no Golfo, sublinhando que «dentro de poucos dias as chances para a paz terão praticamente desaparecido».

Dumas declarou-se a favor de um reforço do embargo contra o Iraque, no que foi secundado esta manhã pelo ministro francês da Defesa, Jean-Pierre Chevènement, que defendeu o bloqueio aéreo a Bagdad. Dumas destacou ainda acreditar que se possa dar «uma saída honrosa a Saddam Hussein», desde que as «questões essenciais» (retirada do Kuwait, libertação dos reféns) estejam asseguradas. No entanto, o ministro francês criticou vivamente a estratégia do Presidente iraquiano de quebrar o isolamento imposto pela ONU, tentando dividir os ocidentais para ganhar tempo. Dumas apoiou a posição da primeiro-ministro britânica de levar Saddam Hussein a um tribunal internacional para o julgar por crimes de guerra.

Esta manhã, fontes militares citadas pela cadeia de televisão CNN afirmavam que um novo avião da companhia Iraqui Airways estava a ser preparado para evacuar cidadãos ocidentais, sobretudo norte-americanos, britânicos, franceses e canadianos. O Iraque proibiu ontem a entrada no seu espaço aéreo de aviões estrangeiros que iam se deslocar a Bagdad para trazer as mulheres e crianças autorizadas a sair.

O Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros anunciou que a sua embaixada no Kuwait estava a organizar um comboio de autocarros para levar cerca de 500 mulheres e crianças para Bagdad onde poderiam obter vistos para deixar o Iraque, ou por via aérea (fretando aviões iraquianos) ou, em última hipótese, por via terrestre.

A situação nas embaixadas no Kuwait está a atingir um ponto de ruptura. Nas luxuosas instalações da representação norte-americana a falta de água, gás e electricidade, faz com que o pessoal diplomático esteja a fazer fogueiras com os móveis para poder cozinhar e ferver a água das piscinas. Devido à falta de ar condicionado, os funcionários têm dormido ao ar livre, para tentar escapar ao intenso calor que se faz sentir.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Ministros da CEE reunem-se sexta-feira

Com a próxima reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE marcada para sexta-feira, em Roma, os «Doze» irão encontrar-se pela terceira vez a nível ministerial, desde que a crise do Golfo eclodiu, a 2 de Agosto, com a invasão iraquiana do Kuwait.

Para além das questões imediatas que estão na origem da convocação destas reuniões - o embargo contra o Iraque, o congelamento dos bens do Iraque e do Kuwait na Europa e, agora, a aprovação de ajudas financeiras aos países árabes directamente afectados pela crise - a grande questão de fundo que se está a levantar no seio dos «Doze» é a de se saber até que ponto a crise do Golfo poderá comprometer o próprio futuro da Europa. Se é certo que nunca antes se notou um esforço tão grande por parte da CEE em coordenar todas as suas acções em relação a uma crise internacional, também não é menos verdade que nunca a diplomacia comunitária enfrentou uma crise que revelasse de uma maneira tão evidente as limitações de acção dos «Doze».

Para já, as opiniões dos observadores divergem quanto às consequências que a crise poderá trazer ao próprio processo de unificação. A par dos que consideram que o actual clima de tensão surgido no Médio Oriente irá «reforçar a unidade europeia», há quem também recorde que foi precisamente o primeiro choque petrolífero, em 1974, que forçou a CEE a adiar os projectos com vista á União Económica e Monetária (UEM), considerado um passo importante para a união política, projectos esses agora retomados pelos «Doze».

O esforço comunitário com vista a «uma solidariedade a 100 por cento», tem sido evidente, nomeadamente no que se refere à aplicação das resoluções da ONU e à questão dos reféns «apesar dos custos destas decisões», considerou um diplomata comunitário.

Mas a «solidariedade» da Comunidade parece ter derrapado precisamente em alguns problemas ainda por definir quanto ao processo de integração. Entre elas econtra-se a sensível questão militar, apesar dos apelos dos chefes de Governo da França e da Bélgica, Michel Rocard e Wilfried Martens, respectivamente, no sentido do reforço de uma política de «segurança comum». A anti-federalista primeiro-ministro britânica, Margareth Thatcher, já considerou também que a «Europa terá necessidade de vontade e de forças militares para defender os seus interesses no resto do mundo». No entanto o seu posicionamento é claro: é preciso agir «conjuntamente com os Estados Unidos», uma opinião reveladora da ambiguidade da «política de segurança» pretendida pelos «Doze», consideram os observadores.

Redacção »DL»/AFP

Mundo árabe dividido com crise no Golfo

Secretário-geral da Liga Árabe demite-se

O mundo árabe parece irremediavelmente dividido entre pró-iraquianos e pró-ocidentais. Após ter desempenhado o cargo durante 11 anos, o secretário-geral da Liga Árabe, o tunisino Chedli Klibi, demitiu-se ontem à noite do seu cargo, não tendo ainda sido adiantadas oficialmente as razões para o acto. Observadores consideram que Klibi estava a ser pressionado pelas duas facções e preferiu a demissão ao verificar que a Liga iria sofrer uma cisão devido à crise no Golfo e à transferência da sede para o Cairo.

Nos últimos dias a questão da transferência da sede da Liga Árabe tem causado grande polémica. Sediada no Cairo até 1979, a organização (que congrega 20 Estados árabes e a OLP) foi mudada para Tunis, na sequência da assinatura dos acordos de Camp David entre o Egipto e Israel. Os egípcios foram expulsos da Liga, só sendo readmitidos recentemente. Neste momento estava-se a preparar a volta da sede da organização para o Cairo, facto contestado pelos países que apoiam Bagdad na crise do Golfo, já que o Presidente egípcio Hosni Mubarak tem-se destacado como um dos maiores crítcos de Saddam Hussein. No dia 10 de setembro, deveria realizar-se, no Cairo, um conselho extraordinário da Liga para o anúncio oficial da transferência da sede.

O secretário-geral da Liga Árabe, Chedli Klibi, perferiu demitir-se a ser responsável por uma cisão provocada pela crise no Golfo

A divisão entre os árabes já tinha ficado patente quando, há cerca de uma semana, o Egipto convocou para o Cairo um conselho da Liga sobre a situação no Golfo reunindo pouco mais da metade dos membros. Não compareceram o Iraque, Jordânia, OLP, Tunísia, Iémen, Argélia e Líbia. Acusavam o Egipto, a Arábia Saudita e a Síria de assumirem posições anti-árabes e pró- ocidentais.

Cisão à vista

Apanhado entre dois fogos, acusado de ser pró-ocidental pelos iraquianos e pró-iraquiano pelos sauditas, Klibi, de 66 anos, preferiu renunciar aos três anos que lhe restavam à frente da Liga Árabe. Os analistas mais pessimistas acreditam que dificilmente se conseguirá agora evitar a cisão da Liga ficando uma facção sediada em Tunis e outra no Cairo.

O cargo de secretário-geral vai ser desempenhado interinamente pelo libanês Assaad El-Assaad, um dos assessores de Klibi, até à eleição de um novo titular, o qual necessita de dois terços dos votos dos membros. Uma fonte do Ministério egípcio dos Negócios Estrangeiros disse esta manhã acreditar que a demissão do secretário-geral não impedirá a reunião no dia 10 de Setembro para oficilizar a transferência da sede para o Cairo. Segundo a mesma fonte, os 13 países que compareceram à última reunião da Liga são suficientes para convocar a sessão extraordinária.

Souleiman Najab, membro do comité executivo da OLP, organização que se tem destacado pelo apoio a Saddam Hussein, deplorou esta manhã a demissão de Klibi considerando que existe o perigo que «a divisão da Liga seja efectivada».

Redacção «DL»/AFP

Conferência dos PMA em Paris

Tempos negros para os países pobres

Começou ontem e prolongar-se-á até dia 14 de Setembro, na sede da UNESCO em Paris a segunda conferência dos Países Menos Desenvolvidos (PMA). Há quase dez anos de distância do primeiro encontro e apesar dos seu renovado propósito em promover e ajudar o crescimento económico nos países membros, os resultados conseguidos pela Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento são bem poucos.

Balanço desastroso

Os primeiros e generosos discursos de certos países desenvolvidos começam a ser substituídos pela tentação de abandonar a causa. Os organizadores da Conferência têm cada vez maiores dificuldades em fazer-se ouvir junto das instâncias internacionais e o balanço da «década perdida do desenvolvimento» é desastroso,

O Novo Programa Substancial de Acção (NPSA), lançado na primeira conferência, em 81, fixava objectivos ambiciosos para o crescimento económico e social nos PMA, mas o próprio CNUCED reconhece que a maior parte desses fins não foram alcançados. No conjunto dos 77 PMA os principais indicadores sociais monstram que as condições de vida nesses países se degradaram voltando aos indices dos anos 70. Entre 1980 e 1987, a produção alimentar anual por habitante diminuiu em 0,7 por cento. A parte de investimento no Produto Interno Bruto caiu de 19 a 14 por cento e a dívida externa representa 70 por cento das riquezas internas.

A esperança é a última a morrer

A agravar o já negro quadro dos magros resultados de dez anos de trabalho vem ainda o crescente desinteresse dos países mais ricos que, esquecidos já da ideia da «interdependência» que inspirou esta iniciativa, não param de apertar os cordões à bolsa, fazendo baixar em 25 por cento o valor das transferências reais de recursos para os Países Menos Avançados. Muito destes países ricos justificam a sua posição dizendo que os PMA já receberam ajudas suficientes para o seu desenvolvimento e que se não aproveitaram bem a ocasião a culpa é dos próprios, dos seus dirigentes corruptos, da sua gestão deficiente e da sua anarquia natural.Com estas premissas quais serão os resultados esperados desta 2ª Conferência dos Países Menos Desenvolvidos? Fontes diplomáticas francesas evocam uma conjuntura pouco favorável para as ajudas aos PMA, mas para o CNUCED a esperança continua a ser a última a morrer.

Eric Fottorino
Adaptação de exclusivoLe Monde/«DL»

Reflexos da crise do Golfo

Governo espanhol prepara nova política de austeridade

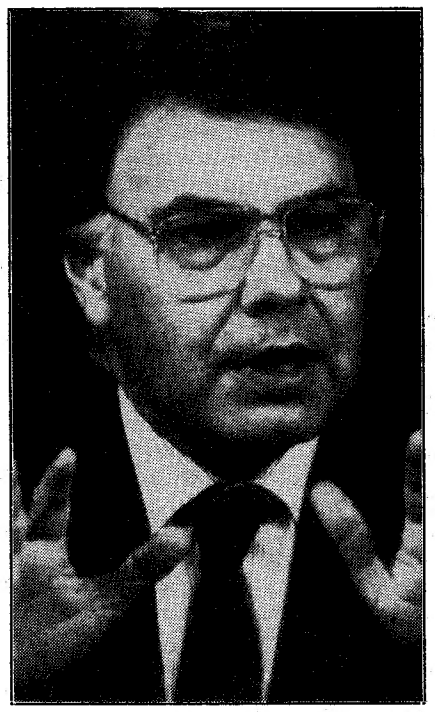
A crise do Golfo vai obrigar o Governo espanhol a adoptar «uma política eficaz de moderação de rendimentos, salários e preços». Ao fazer esta declaração, o presidente do Governo, Felipe Gonzalez, provocou uma tempestade nos meios sindicais. O porta-voz do Governo tinha já dado o tom ao anunciar que o orçamento para 1991 seria certamente, em consequência dos acontecimentos, mais duro e mais restritivo do que o previsto.

Terão os responsáveis governamentais pretendido anunciar uma nova fase de austeridade? Muitos são os que assim o compreenderam, como a central sindical UGT (União Geral dos Trabalhadores), que anuncia a sua «vontade de se opor, por todos os meios legítimos» ao seu alcance «a qualquer tentativa do Governo de impor aos trabalhadores sacrifícios suplementares».

A coligação Esquerda Unida (comunista) e a central Comissiones Obreras, que lhe é próxima, acusaram por seu turno o Governo de ter utilizado a crise do Golfo como um pretexto para «impor uma política de recessão que já era prevista».

A oposição conservadora também juntou a sua voz às dos contestatários, afimando que o crescimento espanhol iria doravante mostrar as suas falhas, enquanto as vendas ao exterior tinham já começado a decrescer.

A crise do Golfo surgiu num mau momento para o Governo. Com um PIB que se situa em média nos cinco por cento ao ano desde 1988, a economia espanhola desenvolve-se mais lentamente que a dos países vizinhos. Esta situação traduz uma evidente «derrapagem» crescente em matéria de inflação e de comércio exterior, os dois calcanhares de Aquiles tradicionais da economia espanhola.



Gonzalez provocou uma verdadeira tempestade nos meios sindicais e oposicionistas ao anunciar uma «política de moderação», que na prática corresponde à adopção de medidas de austeridade

Assim, a subida de preços, que os socialistas lograram reduzir para 4,6 em 1987, elevou-se a 6,9 no ano passado. No período compreendido entre Janeiro e Julho do ano em curso, a taxa de inflação foi de 3,9 por cento. Quanto à balança de pagamentos correntes, registou um um défice de 10,5 mil milhões de dólares em 1989, quando dois anos antes se mantinha ainda equilibrada. E durante os sete primeiros meses deste ano, esse défice aumentou mais 24 por cento em relação ao mesmo período do ano precedente. Aos maus resultados da balança comercial veio juntar-se a estagnação das receitas de turismo, que baixaram (em pesetas) cerca de 14 por cento.

Grande dependência do petróleo

Face a esta situação, os socialistas puseram em prática a partir de 1989 uma política de desaceleração da economia. Mas a crise do Golfo ameaça obrigar o Governo a mostrar-se mais expedito. Com efeito, a subida dos preços do petróleo, parece mais uma vez poder estar directamente relacionada com a inflação e o défice externo.

Por outro lado, a economia espanhola mostra-se deste modo ser mais vulnerável que a dos países vizinhos. Cinquenta e quatro por cento das suas necessidades energéticas são cobertas pelo petróleo, uma percentagem com tendência a baixar, mas que se mantém mesmo assim comop a mais elevada da Comunidade.

O Governo quer aparentemente evitar que, como aconteceu no passado, a política de austeridade, se traduza essencialmente numa onda de paralisações. Isso implica a concertação de um pacto de moderação com os interlocutores sociais, visivelmente reticentes.

Felipe Gonzalez sublinhou que a crise terá forçosamente como resultado uma redução da receita global, e que, se alguns procurarem compensá-la através de aumentos salariais ou outros benefícios, o emprego e o crescimento sofrerão as consequências. A UGT, por seu lado, disse que o Governo só se lembra dos trabalhadores nos períodos períodos difíceis. Assim, o diálogo não parece nada fácil.

Redacção «DL»/AFP

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$90	50$90
ALEMANHA FED. (marco)	87$45	88$65
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$065	4$315
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120$05	122$55
(notas de 5 a 1000)	120$55	123$05
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$367	1$487
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$65	142$15
(notas de 5 a 1000)	139$15	142$65
FINLÂNDIA (marka)	37$20	37$80
FRANÇA (franco)	26$05	26$75
HOLANDA (florim)	77$55	78$65
IRLANDA (libra)	235$75	239$75
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$922	$977
NORUEGA (coroa)	22$65	23$15
REINO UNIDO (libra)	260$75	265$25
SUÉCIA (coroa)	23$80	24$30
SUÍÇA (franco)	105$10	106$60
VENEZUELA (bolívar)	2$623	3$423

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

A cinco semanas das eleições

Escândalos comprometem socialistas austríacos

A incriminação por «abuso de poder» do antigo chanceler socialista Fred Sinowatz e de dois dos seus ministros, a cinco semanas das eleições legislativas na Áustria, a 7 de Outubro, constitui um novo e duro golpe para o Partido Socialista Austríaco, já atingido por uma série de escândalos.

O ministro da Justiça, Egmont Foregger, deu sábado à noite na televisão a «luz verde» para a incriminação de Sinowatz e dos ex-ministros socialistas, Leopold Gratz (Negócios Estrangeiros) e Karl Blecha (Interior), tidos por politicamente responsáveis pela venda ilegal, em 1984 e 1985, de 200 canhões GHN 45 da sociedade nacional Noricum ao Irão, então em guerra com o Iraque, e de 150 mil obuses. O seu processo poderá ser aberto no início de 1991. Sinowatz e Gratz clamaram de imediato a sua inocência.

Dezoito gestores da Noricum e de duas das suas filiais comparecem, desde Abril, ao tribunal de Linz por violação da neutralidade.

No início do ano passado, Blecha e Gratz (então presidente do parlamento) tiveram que pedir demissão em razão da sua implicação num outro escândalo, o «caso Lucona», que deve o seu nome ao cargueiro Lucona, naufragado em Janeiro de 1977 no Oceano Índico após uma explosão, provavelmente de origem criminosa, que causou a morte a seis membros da tripulação.

O navio transportava, por conta de Udo Proksch, um amigo pessoal de Blecha e Gratz, aquilo que pretendia ser uma usina de urânio segurada em 15 milhões de dólares. A Justiça austríaca está convencida que se tratava de uma gigantesca tentativa de fraudar os Seguros, já que o Lucona não transportava, segundo a acusação, senão ferro-velho. O processo de Proksch prossegue em Viena.

Outro escândalo

Um outro escândalo agita também há várias semana, os socialistas austríacos. Ele diz respeito a Alois Rechberger, presidente da Câmara do Trabalho, que representa os interesses dos assalariados, e também membro da presidium do Partido Socialista Austríaco. Os seus rendimentos de 277 mil schillings por mês (25 mil dólares) e a sua futura pensão que rondará os 150 mil schillings mensais, provocaram uma verdadeira tempestade nos meios políticos e na opinião pública.

A ligação à Câmara do Trabalho é automática para cada assalariado austríaco. Esta instituição auto-gestionária foi criada em 1920 para fazer contraponto às Câmaras de Comércio, com o objectivo de representar de uma maneira mais abrangente do que os sindicatos, os interesses económicos, sociais e culturais dos trabalhadores.

Rechberger teve que apresentar a sua demissão. O chanceler socialista e presidente do partido, Franz Vranitzky, excluiu a «ovelha ronhosa» da sua organização.

Mesmo que Vranitzky, de 52 anos, tenha optado por um optimismo de circunstância ao afirmar que a incriminação de três antigos dirigentes socialistas não trará consequências negativas à campanha eleitoral, o seu partido entrou numa fase de clara perda de velocidade.

Perdeu dois pontos nas sondagens, em apenas dois meses, situando-se agora em 37 por cento das intenções de voto, enquanto que os conservadores estão a tirar partido do bónus conseguido com a viagem do Presidente Kurt Waldheim a Bagdad e do repatriamento de uma centena de reféns austríacos, reduzindo a diferença que os separa dos socialistas, alcançando 35 por cento nas sondagens.

Redacção «DL»- Wolfgang Schweitzer/AFP

Apresentado no Soviete Supremo da Rússia

Plano de Ieltsin esvazia os poderes do Kremlin

O presidente da Rússia, Boris Ieltsin, tomou a iniciativa de realizar uma reforma radical, exposta num plano de 250 páginas, que, a ser aplicado, porá fim à União Soviética como um único país.

O projecto foi ontem apresentado na reabertura dos trabalhos do Soviete Supremo (Parlamento) da Rússia, juntamente com um vasto pacote de legislação para accionar a reforma.

O presidente russo pretende votar no próximo dia 11 a parte fundamental das reformas, o que deixaria ultrapassado o Soviete Supremo da URSS, que retoma os seus trabalhos a 10, para discutir a reforma económica.

Ieltsin propõe-se substituir a URSS por uma união económica, em que a maior parte das decisões serão tomadas pelas 15 repúblicas soberanas, segundo uma cópia do plano, obtida pela agência Associated Press.

A Rússia, a maior república soviética, pretende legalizar a propriedade privada da terra, vender os apartamentos e lotes do Estado para construção, assim como padarias, lavandarias, lojas, oficinas de reparações e outros pequenos negócios, disse o primeiro-ministro russo, Ivan Silaev.

A ser aprovada, a proposta reduziria drasticamente o poder do Presidente soviético Mikhail Gorbachev, rival de Ieltsin.

O Governo da união, dirigido à distância por Gorbachev, apenas controlaria, segundo o plano em questão, uma pequena fracção da planeada transição do comunismo para a economia de mercado.

A longo prazo, o Governo soviético ficaria limitado a questões como a defesa, as alfândegas, a moeda - o desvalorizado rublo - e a prestação de ajuda de emergência em caso de desastre.

Em especial, os órgãos da união deixariam de poder cobrar impostos e teriam que viver daquilo que as repúblicas federadas lhes concedessem.

A fragilidade de Gorbachev

Sinal da desagregação crescente, 13 das 15 repúblicas já declararam a sua soberania, com o direito de vetar as leis da união.

A fraqueza da posição de Gorbachev reside em nunca ter até agora apresentado um programa claro de reformulação da federação soviética para debate público, andando atrás dos acontecimentos, desde o ano passado, quando se começou a falar de um novo tratado de união para a URSS.

No plano económico, Gorbachev tem tentado entender-se com Ieltsin. Hoje, a comissão conjunta criada por ambos este verão vai reunir-se para tentar elaborar um plano que possa ser adoptado pelos Parlamentos russo e soviético.

No entanto, Ieltsin opõe-se ao desejo do Presidente soviético para fundir o plano da comissão - que tem como base o que agora apresentou ao Soviete Supremo russo - com o do primeiro-ministro soviético, Nikolai Rizhkov.

Ieltsin disse que o seu plano, baptizado de «500 dias», que é o tempo previsto para a passagem à economia de mercado, tem o apoio de outras repúblicas, porque lhes dá vastos poderes.

A economia soviética dá por outro lado sinais da crescente deterioração. As faltas generalizadas, que nos últimos tempos atingiram a gasolina, o papel e o tabaco, estenderam-se agora ao pão, um produto que falta pela primeira vez desde há 25 anos, quando Kruschev dirigia o país.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Funeral de Allende agita conservadores

O funeral de Salvador Allende que se realiza hoje, 17 anos depois da sua morte, no golpe de Estado militar liderado por Augusto Pinochet, está na origem de um certo mal-estar surgido nos sectores mais conservadores do país. As cerimónias de trasladação dos restos mortais de Salvador Allende de uma sepultura semi-clandestina para um mausoleu construído especialmente para o efeito, no maior cemitério da capital chilena, não terá a presença das Forças Armadas. Ontem, grupos ultra-conservadores evocaram a «preversidade marxista» de Allende ao mesmo tempo que as as associações patronais sublinharam o «caos económico» do país durante o período de 1970 a 1973.

Papa fala das políticas de desenvolvimento em África

João Paulo II denunciou os perigos que podem derivar para o continente africano devido às esperanças frustradas pelas políticas de desenvolvimento. Na sua homilia efectuada na localidade de Songea, na Tanzânia, junto à fronteira com Moçambique, o Papa lamentou que milhões de pessoas vivam na miséria devido ao fracasso das políticas de desenvolvimento ensaiadas com a colaboração dos países do Norte.

NPFL não reconhece Governo liberiano.

Charles Taylor, chefe da frente Nacional Patriótica da Libéria declarou que não reconhece o Governo provisório liberiano, formado no passado domingo em Banjul, capital da Gâmbia, na sequência da conferência nacional sobre o futuro da Libèria. Segundo informações recolhidas pelo enviado especial da agência AIB, do Burkina-Faso, Taylor considera que «a solução do problema liberiano não depende apenas da escolha de um presidente». A NPFL recusou igualmente a possibilidade de um cessar-fogo, enquanto a força de inter-africana não se retirar daquele território.

Namibianos presos na posse de armas

Seis homens foram detidos pela polícia, em Windhoek, na sequência da apreensão de um grande arsenal de armas, munições e explosivos, supostamente destinado a uma conspiração anti-governamental. O arsenal apreendido, considerado o maior de sempre desde que a Namíbia ascendeu à independência, era constituído por espingardas automáticas, granadas, explosivos, minas, cargas plásticas e equipamento diverso. As identidades dos individuos não foram reveladas, mas fontes policiais disseram tratarem-se de namibianos brancos que fizeram parte das forças de segurança sul-africanas, antes da independência do país.

Angola

Cubanos antecipam retirada

A retirada total do contigente cubano de Angola poderá verificar-se antes de Junho de 1991, data prevista no acordo tripartido assinado em Nova Iorque entre Angola, África do Sul e Cuba. Segundo a missão de verificação das Nações Unidas (ONUVEN), mais de 37 mil militares cubanos deixaram Angola, iniciando-se no fim do corrente mês a terceira fase de retirada de tropas cubanas, que terminará em Junho de 1991. A decisão por parte de Havana em suspender, em Janeiro deste ano, a retirada das suas tropas de Angola, após um ataque da UNITA a uma das suas bases, causando 4 mortos, parece assim ultrapassada, não tendo trazido consequências de maior em relação aos acordos tripartidos de Nova Iorque. No entanto, a seca e a guerra continuam a fazer diariamente vítimas em Angola. Mais de 11 mil pessoas morreram de fome de Setembro de 1989 a Julho último, apenas na província de Benguela, na sequência da seca que, há quatro anos, afecta aquela região. Mais de oito mil pessoas foram afectadas por doenças resultantes da má nutrição, segundo afirmaram à agência ANGOP as autoridades regionais. Neste momento, calcula-se que cerca de três milhões de pessoas estarão a sofrer directamente os efeitos da seca no país, que atinge as privíncias de Benguela, Kwanza-Sul, Cunene, Namíbia, Huíla e Kuando-Kubango. O Governo angolano aprovou já a medida destinada a abrir «corredores de paz» através das zonas de conflito com a UNITA, de modo a fazer chegar a ajuda humanitária às populações.

O primeiro-ministro norte-coreano Yon Hyong Muk (ao centro) à sua chegada à Coreia do Sul

URSS apoia reunificação das Coreias

Um acordo sobre o regime da fronteira soviético-coreana e um protocolo relativo à demarcação da fronteira estatal entre a URSS e a Coreia do Norte foi assinado em Pyongyang pelos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnaze e Kim Yong Nam. Shevardnaze, que realizou uma visita de trabalho à República Democrática da Coreia do Norte, manteve conversações com o seu homólogo norte-coreano abordando, além da situação política entre os dois países, as mais prementes questões da actualidade internacional.

Durante a sua visita em Pyongyang o ministro dos Negócios estrangeiros soviético manifestou o total apoio da URSS à reunião para o desanuviamento da tensão na península que se realizará amanhã entre o primeiro-ministro sul-coreano, Kang Yong-Hoon, e o seu homólogo norte-coreano, Yon Hyong Muk.

Este último, depois de ter sido acolhido na cidade fronteiriça de Panmunjon por Kang já chegou a Seul onde decorrerão as conversações. «Depois de atravessar a fronteira pela primeira vez, vejo que afinal é fácil», disse o primeiro-ministro norte-coreano, Yong Hyong Muk, ao atravessar a fronteira.

Pela primeira vez após 37 anos de divisão da península coreana, os primeiros-ministros da Coreia do Sul e do Norte estreitaram as mãos e sorriram, assinalando com estes primeiros gestos o reconhecimento mútuo da soberania dos dois países. Durante as conversações, Seul poderá apresentar um plano de desarmamento, a afectuar em três etapas e um acordo de não-agressão, enquanto Pyonyang tem em agenda uma proposta para um desarmamento efectuado em tempos mais breves. Entre outros pontos, prevê-se também a discussão de eventuais acordos de cooperação e a implementação das trocas comerciais entre os dois países.

Os observadores em Seul são unânimes em considerar que esta ronda de conversações poderá a longo prazo abrir as portas para a reunificação dos dois Estados que, criados em 1948, não mantinham nenhum tipo de relação desde então. Porém, avisam os especialistas, não se poderá esperar muito deste primeiro encontro.

Por seu lado, o Presidente sul-coreano, Roh Tae-Woo exprimiu a esperança de que as conversações entre os dois chefes de Governo abram caminho para um encontro com o seu homólogo norte-coreano, o Presidente Kim Il-Sung.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Pretória libertou 11 presos políticos

Apesar de continuarem a registar-se episódios de violência nos guettos negros de Joanesburgo, o Governo sul-africano libertou os primeiros 11 prisioneiros do ANC que se encontravam detidos na prisão de Robben Island, cumprindo assim a primeira exigência da organização de Nelson Mandela para conversações políticas com Pretória. Segundo um acordo subscrito pelas duas partes, no mês passado, 3500 pessoas classificadas como presos políticos na África do Sul deverão ser libertadas dentro dos próximos cinco meses. «Existem ainda grandes dúvidas quanto às datas e locais de libertação dessas pessoas», afirmou um líder local do Congresso Nacional Africano por ocasião desta libertação. Este dirigente afirmou contudo que o ANC espera que já no próximo dia 14 sejam libertados mais 125 prisioneiros políticos. Em Robben Island, a cadeia onde Nelson Mandela cumpriu 27 anos de cativeiro, continuam detidas outras 230 pessoas, acusadas de cometer crimes contra o regime do Apartheid.

Entretanto continua a aumentar o número de vítimas dos confrontos entre apoiantes do ANC e movimento zulu Inkhata. Na noite de ontem mais três pessoas foram mortas no bairro negro de Vosloorus, a 30 quilómetros a sudeste de Joanesburgo.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

QUOTIDIANO

Lisboa e periferia sem luz e comboios

Uma avaria ocorrida na madrugada e primeiras horas da manhã, na subestação da EDP na Serra da Mira, Amadora, deixou parte de Lisboa e três outros concelhos sem energia eléctrica, paralisando os comboios nas linhas de Cascais e de Sintra.

A ocorrência verificou-se pelas cinco horas e 15 minutos. Pessoas da região da Amadora viram um intenso clarão e ouviram um enorme estrondo. Segundo informou ao «DL» o engenheiro Costa Fonseca, da EDP, não se tratou de uma explosão mas de um fenómeno de contornamento, passagem da corrente de um lado para o outro dos seccionadores, provocado por poeiras, que afectaram quatro linhas de alimentação e puseram fora de acção outras subestações que serviam Cascais, Oeiras, Queluz, Cacém e Massamá.

Segundo a mesma fonte, espera-se que tudo fique normalizado ao princípio da tarde. A meio da manhã estva já a ser fornecida corrente eléctrica ao concelho de Oeiras, a parte do de Cascais e da zona do Cacém, alimentadas por outras vias.

Os comboios das linhas de Cascais e de Sintra estiveram imobilizados durante cerca de três horas, afectando largos milhares de utentes daquele sistema de transportes, parados por falta de corrente.

A falha de energia obrigou também a paragens de algumas emissoras de rádio e paralisou os semáforos, com a consequente confusão no trânsito.

Pelo mesmo motivo, muitas pessoas com despertadores sem pilhas acordaram mais tarde e tiveram de tomar banho à luz de velas, além de terem perdido o ponto nos empregos.

Centrais sindicais têm estratégia comum

UGT e CGTP reuniram-se esta manhã para concertarem posições quanto à discussão do Pesan na reunião de Concertação Social

A reunião desta tarde do Conselho Coordenador do Conselho Permanente de Concertação Social deverá ser marcada pelo assumir de posições bastante diferentes dos parceiros sociais quanto ao Programa Económico e Social para os Anos 90 (Pesan), da autoria do Governo. As centrais sindicais reuniram-se esta manhã na sede da UGT e definiram uma estratégia comum.

O encontro de hoje é essencialmente para definir a metodologia das negociações mas servirá para também, segundo os sindicalistas, para «ver qual o clima».

Os parceiros sindicais mostram-se bastante cépticos. Se são já conhecida as críticas da UGT e da CGTP ao documento do ministro das Finanças, as duas centrais não aceitam igualmente as propostas apresentadas pelo grupo patronal, reunido no Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP).

Segundo afirmou ao DL uma fonte da CGTP, «as propostas do patronato são inaceitáveis, eles vão buscar todas as matérias do 'pacote laboral' que foram chumbadas. Assumem agora uma posição que nas reuniões bilaterais já tinham deixado cair».

Também Agostinho Roseta, da UGT, afirmou que o documento patronal em matérias como «a legislação laboral, horários de trabalho e lei da greve» expressa as mesmas posições que tinham «quando em Março se reuniram com as centrais. Não avançaram nada, e se nessa altura nós não aceitámos, já se pode ver que agora também não o vamos fazer. O que se verá é se, partindo de posições diferenciadas, é possível chegar a acordo».

Francisco Paraíso

A CGTP criticou ontem o Governo e o patronato relativamente ao Pesan

«O fundamental das posições do CNEP em termos políticos não constam do seu documento, como as privatizações e as indemnizações», acrescentou aquele elemento da UGT.

Relativamente às opiniões das centrais sindicais, segundo os seus dirigentes, elas não divergem no essencial, pelo que é possível «procurar concertar posições para me-lhor defender os trabalhadores».

O que se pretende, segundo Agostinho Roseta, é que «as posições das centrais, sem terem que ser rigorosamente iguais, sejam concertadas», o que não é difícil, pois «não há grandes divergências nem contradições e também não se trata de fazer um documento único».

Manuel Lopes, da CGTP, afirmou igualmente ao DL que «os documentos das duas centrais não diferem quanto às principais questões».

A negociação do Pesan está também dependente da análise «macro-económica que Miguel Beleza apresentar, tendo em conta o Orçamento de Estado e a política de rendimentos», afirmou Agostinho Roseta.

Já ontem, em conferência da Imprensa, Manuel Carvalho da Silva, dirigente da CGTP, se pronunciou no mesmo sentido. «Pensamos que o Governo vai assumir uma posição de expectativa no discussão do Pesan, o que é uma fuga perante uma questão por ele despoletada», disse, acrescentando que «algumas matérias são da sua exclusiva responsabilidade. O Governo não pode escamotear os compromissos que assumiu, como o Orçamento de Estado e a redução dos horários de trabalho».

«Exigimos na reunião de terça-feira do CPCS que cada parceiro social assuma as suas responsabilidades e diga claramente o que está disposto a dar», frisou Carvalho da Silva.

Para a CGTP, o patronato português continua com a mesma posição que tem tido durante os últimos 50 anos: «Para aumentar a competitividade das empresas é preciso moderniza-las adoptando novos modelos de gestão, ao contrário do que é defendido pelo patronato, que acha que a modernização deve ser feita à custa da precaridade, dos salários e dos horários dos trabalhadores».

Elsa Andrade

Incêndios florestais voltam à Serra da Estrela

Os incêndios florestais que deflagraram na tarde de ontem em alguns concelhos da Covilhã e da Guarda foram extintos ainda durante a tarde e, nalguns casos, à noite, «sem no entanto terem suscitado alarme», disse ao DL uma fonte do Centro Coordenador Operacional da Guarda. Neste distrito, o fogo lavrou junto das localidades de Codeceiro, Alfaiates, Nave, Vila Ruiva, Coriscada, Paranhos da Beira, Vila Cortez e Carrapichana. A falta de água e os acessos dificultaram a acção dos bombeiros. Segundo a mesma fonte, o incêndio na zona das Penhas da Saúde, no Parque Natural da Serra da Estrela, não chegou a ameaçar as áreas de veraneio e recreio.

Faleceu Carolina de Oliveira

Faleceu na tarde de ontem, após doença prolongada, a poetisa Carolina de Oliveira, mulher do nosso camarada de redacção João Paulo de Oliveira. Foi uma cidadã interessada nos destinos do seu País, um espírito sensível e uma companheira dedicada e corajosa que desafiou o perigo quando a liberdade do seu marido foi posta em risco por um regime arbitrário.

Natural de Braga, Carolina de Oliveira, de 59 anos, era mãe do sr. dr. Manuel Alfredo Oliveira e Sá, casado com a sra. dra. Maria Clara dos Santos Silva Oliveira e Sá; avó de Gonçalo e de Catarina Oliveira e Sá; irmã do sr. Alfredo Fernandes Oliveira, casado com a sra. D. Manuela Franco Oliveira.

Além da actividade poética, materializada nas obras «Construção» e «Signo de Leão», a extinta exerceu o ofício de tradutora, tendo deixado obras de qualidade dadas à estampa por várias editoras. O seu nome figurou ainda em colaboração vária, publicada ao longo de anos, em diversos jornais, designadamente «Diário Popular» e «O Ponto».

O funeral segue esta tarde, a partir das 15.30 horas, da igreja do Beato para o cemitério do Alto de São João.

À família enlutada e particularmente a João Paulo de Oliveira, o «DL» apresenta sentidas condolências.

LOTARIA POPULAR

1º - 327476	**3 000 000$00**
2º - 061608	**1 000 000$00**
3º - 357276	**500 000$00**
4º - 096944	**250 000$00**
Terminações em 7476	**85 000$00**
Terminações em 476	**60 000$00**
Terminações em 608	**10 000$00**
Terminações em 276	**3 500$00**
Terminações em 944	**1 500$00**
Terminações em 10,16,37,49,53,55 e 86	**500$00**

Unidade sindical na Carris não está comprometida

Os «laranjas» da Carris circularam esta manhã pelas ruas de Lisboa como habitualmente, depois da Festru (CGTP) ter desconvocado, ontem à noite, a greve inicialmente prevista para decorrer entre as 5 e as 8 horas, na sequência de idêntica atitude do Sitra (UGT). Os sindicatos criticam-se mutuamente, mas ambos consideram que a unidade na acção não está comprometida.

O Sitra, tal como o DL ontem noticiou, suspendeu a greve marcada para hoje devido à apresentação, pela administração, de uma proposta de enquadramento profissional, posição que a Festru só assumiu à noite. Foi a primeira vez, desde as negociações de Novembro passado, que as duas organizações sindicais da Carris não agiram em conjunto.

Augusto César, da Festru, justificou ao DL a posição da Federação: «Os nossos dirigentes andaram todo o dia pelas estações a recolher as opiniões, e ficou bem claro que a maioria dos trabalhadores considerava a proposta da empresa insatisfatória, pelo que a nossa intenção era manter a greve».

«No entanto, surgiu a notícia de que o Sitra tinha desconvocado a paralisação, o que gerou confusão entre os trabalhadores, que começaram a pôr em em causa que assim a greve tivesse o efeito de impacto desejado. A Festru não quis fazer finca-pé na sua posição, e pensámos que era melhor suspender a luta», acrescentou aquele elemento da Federação.

Em comunicado de ontem à noite, a Festru afirma que «tendo em conta o clima entretanto criado no seio dos trabalhadores motivado pela desconvocação da greve, de forma apressada, por outras organizações sindicais» decidiu suspender a paralisação. Esta uma crítica feita ao Sitra, e claramente assumida por Augusto César: «É uma crítica, porque a nossa opinião era de manter a greve, não estavamos de acordo com a proposta da Administração da Carris, mas pelos visto o Sitra fez uma leitura diferente da nossa».

No antanto, aquele membro da Federação da CGTP não considera que este desentendimento entre as duas estruturas possa comprometer a unidade sindical. «Pensamos que isto pode ser ultrapassado, sem consequências para os trabalhadores. Continuamos abertos ao diálogo, quer com a administração, quer com outras organizações sindicais», afirmou.

Igual posição é defendida por José Brandão, do Sitra, que em declarações ao « DL» ssutentou que «mal estava o movimento sindical português se a tomada de uma posição autónoma por um sindicato prejudicasse a unidade dos trabalhadores. Isso significaria que a unidade conseguida até agora na empresa tinha sido falsa».

José Brandão não aceita as críticas feitas pela Festru, afirmando que, «se com o decorrer das negociações se verificar que o documento da administração não corresponde à vontade dos traballhadores, o Sitra assumirá as suas responsabilidades, com ou sem a Festru».

E. A.

QUOTIDIANO

Santa Cruz de Coimbra está a morrer por desleixo

O inesperado acontece: os recentes desmoronamentos no Claustro do Silêncio do Mosteiro Santa Cruz, em Coimbra, foram provocados pela infiltração nas abóbadas de água proveniente das casas de banho da Direcção Regional dos Edifícios do Centro, situadas mesmo por trás das paredes do claustro.

Um técnico do IPPC, António Tavares, que superintende directamente aquele histórico monumento, asseverou ao «Jornal de Coimbra» que as casas de banho «estão em mau estado e deixam passar a água». Mas os técnicos têm outras explicações: a culpa fundamental é dos construtores do sec. XII. Apesar da construção ter resistido durante 8 séculos sem problemas de maior, insistem que os arquitectos da altura, talvez por razões económicas, preferiram a pedra de Coimbra, um calcáreo argiloso, à pedra de Ançã, que teria dado muito melhores resultados se os ditos construtores tivessem imaginado que, um dia, as veneráveis pedras viriam a tornar-se num vasadouro da urina dos funcionários encarregados, precisamente, de por elas velarem. Inexplicável descuido de tão aprimorados artesãos, que «poderiam ter arranjado pedra melhor, talvez mais a sul».

E o mesmo acontece com a Sé Velha e o convento de Santa Clara-a-Velha. Razão para a Câmara ordenar a construção nas vizinhanças de indispensáveis urinóis públicos.

Mas a fachada do monumento é, precisamente, construída em pedra de Ançã e os problemas não parecem menores, talvez mesmo mais graves. São os gases dos automóveis, as imagens da fachada substituídas por reproduções, as centenas de pombos com os seus dejectos ácidos que atacam o calcário, os turistas que até chegam a «degolar» os santos para levar uma relíquia para casa.

Outras razões são óbvias: restauros mal feitos, soluções inadequadas, negligência dos responsáveis. O suficiente para o pároco do mosteiro poder afirmar: «Estou aqui há 25 anos e tenho estado a assistir gradualmente ao desfazer da pedra», apesar dos seus repetidos alertas para todos os possíveis (ou hipotéticos) responsáveis.

R.A.

Presos britânicos queixam-se de prisões portuguesas

Vários casos de desigualdade no tratamento de reclusos estrangeiros nas prisões portuguesas foram, no passado fim-de-semana, denunciados no semanário internacional «The European». A acusação parte de uma organização inglesa, Prisoners Abroad (Priosioneiros no Estrangeiro), que, segundo o «The European», trabalha para o bem estar de 400 reclusos britânicos no estrangeiro, 17 dos quais se encontram em Portugal.

Segundo a Prisoners Abroad (PA), há reclusos que aguardam julgamento durante mais de um ano queixando-se ainda de traduções deficientes durante as alegações em tribunal.

Insurgem-se igualmente contra o facto de não usufruírem do sistema que permite saídas da prisão aos fins de semana para os reclusos que, após um quatro da pena cumprida, demonstram bom comportamento.

Também quanto à distribuição de trabalho nas cadeias portuguesas são referidos casos de tratamento desigual: os reclusos estrangeiros de língua latina são, de acordo com a PA, protegidos em relação aos nórdicos.

Contudo, na opinião de Maite Machado, representante desta organização em Portugal, citada pelo «The European», muitos dos empregos são manuais e saber falar português não é necessário».

Entretanto, o director-geral dos Serviços Prisionais, Fernando Duarte, negou, em declarações à agência Lusa, que «haja qualquer diferenciação entre o tratamento dado aos portugueses e aos estrangeiros» nas cadeias de Portugal.

«Dentro de um sistema que sofre de algumas carências, todos comem do mesmo», sublinhou.

Fernando Duarte considera no entanto «natural» que as saídas precárias não sejam aplicadas a presos estrangeiros – o que é uma decisão do poder judicial -- porque estes, na sua maioria, não têm família em Portugal. «Há muito menos possibilidade de os localizar caso eles queiram fugir», acrescentou.

Transportes rodoviários infringem horários de trabalho

A Inspecção-Geral do Trabalho fiscalizou, na área dos transportes rodoviários, durante o segundo trimestre deste ano, 6.790 veículos na estrada e 233 estabelecimentos, tendo detectado 2.078 infracções, a maioria das quais sobre horários de trabalho.

Dados agora divulgados pelo Ministério do Emprego e Segurança Social indicam que as infracções sobre horários de trabalho correspondem a 42,1 por cento do total.

Quanto às restantes infracções, 15,5 por cento referem-se à falta de aparelho de controlo (tacógrafo), 15,2 por cento à não utilização de folhas de registo e 9,6 por cento a mau funcionamento ou não utilização do aparelho de controlo.

Como resultado foram aplicadas 1.894 sanções (91,1 por cento do total das infracções), tendo sido levantados 124 autos de advertência e 1.770 autos de notícia que originaram um valor para as sanções aplicadas estimado em 29.988 contos.

Relativamente aos veículos inspeccionados, 98,3 por cento eram nacionais e 1,7 por cento estrangeiros, com a seguinte distribuição: mercadorias, 88,8 por cento, passageiros, 8,9 por cento, táxis, 1,3 por cento e mercadorias perigosas, 1 por cento.

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO

SETÚBAL

A dois passos de Lisboa, SETÚBAL –
– A CAPITAL DA COSTA AZUL – começa já a viver o FUTURO!
Já lhe chamam SILICON BAY... E com razão...
OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!
AS **TORRES DO SADO** – JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL – SÃO UM **INVESTIMENTO CERTO**, COM **VALORIZAÇÃO GARANTIDA.**

Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

MESMO NO–
–CORAÇÃO–
–DA CIDADE!

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A.

ANDAR MODELO EM SETÚBAL: Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto Mobil
Telefone **065 / 72 11 44** Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.º Esq. – 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

Estou interessado em receber todas as informações sobre os vossos andares nas **TORRES DO SADO** em SETÚBAL.
Nome
Morada
Tel.

bisturi

Foi a primeira mulher a entrevistar políticos na RTP e, com isso, ganhou fama O despedimento de que foi objecto, se a afastou dos ecrãs, devolveu-lhe o rosto à dos jornais. Hoje, no DL, ela evoca dezanove anos de jornalismo na antena e nos bastidores da 5 de Outubro

O rosto

A notoriedade parecia torná-la intocável. Era das primeiras figuras da televisão. Mas na televisão os ídolos têm pés de barro. E... a 20 de Agosto de 1990, consumou-se o que há muito se preparava. Maria Elisa, depois de dezanove anos, em que na RTP, fez de tudo, acabou por ser despedida. Em tudo dera nas vistas. Mas nunca como desta vez. Com o despedimento, foi o rosto de Elisa que se tornou, ele próprio, *o rosto da notícia*, para evocarmos aqui uma das muitas rubricas que a notabilizaram.

- O que a levou a participar num concurso de admissão para locutoras na RTP aos 19 anos? Uma paixão irresistível?

- Andava pura e simplesmente à procura de trabalho. Tinha tido vários primeiros empregos, daqueles que os jovens arranjam. Vi o anúncio, e como andava no Conservatório, decidi concorrer, tal como já concorrera a outros trabalhos. Só que este funcionou.

Lembro-me que, em princípio, éramos quinhentos candidatos, depois, sucessivamente eliminados por etapas, num processo que durou quase um ano.

- Quando entrou para a RTP foi para locutora de continuidade. Como era o trabalho nessa altura?

- Fui fazer continuidade, de facto, mas sem receber qualquer formação. Tinha o mínimo de indicações. É claro que muito tempo depois a RTP me permitiu frequentar cursos no estrangeiro, mas na empresa propriamente dita nunca recebi nada neste aspecto.

Naquela altura, ao entrar para a televisão, não conhecia ninguém, não tinha amigos ou «padrinhos». Hoje, por exemplo, os cabeleireiros são fornecidos pela Isabel Queiroz do Vale, mas, nesse tempo, era um funcionário da RTP que definia os penteados. E aconteceu que levei anos para impor o meu. Foi um tormento.

- Como é que lembra o ambiente da RTP desses tempos?

- Como era bastante nova, fui muito mimada pelos colegas, nomeadamente pelo Carlos Cruz, com quem me relacionei desde cedo, o Fialho Gouveia, o Artur Agostinho, a Alice Cruz e o Manuel Caetano. O Manuel era irmão do Marcello Caetano, mas não tocava em questões políticas, era uma pessoa super bem-disposta, um óptimo contador de anedotas, mas foi saneado a seguir ao 25 de Abril. Nessa altura, foram as senhoras que pertenciam ao Movimento Nacional a dizerem-se de esquerda. Antes da revolução, disseram-me que podia ter problemas por causa de pertencer ao grupo de Teatro da Comuna. Estávamos em 1973, mas nunca fui despedida. O trabalho não era criativo, mas havia, de facto, um ambiente de camaradagem.

- Esteve muito tempo na continuidade?

- Só na continuidade, estive apenas alguns meses. Nessa época, eram os realizadores que requisitavam as locutoras para os programas. Eu fui requisitada para magazines de artes, letras e de cinema. Foi aí que comecei a trabalhar em jornalismo quase sem dar por isso. Os autores não impunham perguntas, o que havia era troca de impressões.

Em 72, 73 comecei a trabalhar logo em programas de palco: o concurso «Taco-a-Taco» que me deu uma certa experiência do trabalho em palco, ao vivo, embora gravado, mas com claques e em 73 fiz «O Tempo Em Que Você Nasceu», então o programa de luxo da RTP. Lembro-me que pudemos entrevistar pessoas que todos sabíamos de esquerda: o Carlos Pinhão, o Victorino Nemésio que, não sendo de esquerda, era, no entanto uma personalidade muito rica. Eu já lia textos, fazia entrevistas e havia sempre a possibilidade de discutir o conteúdo dos programas com os produtores.

- Tudo corria pelo melhor possível?

- Não! As relações com a administração eram extremamente formais e havia censura.

- Alguma vez se sentiu condicionada por ela?

- Nos programas, não muito. Mas no Telejornal, era duro. Uma vez, um jornalista requisitou-me. Tinha havido um atentado bombista da oposição, em que uma criança fora ferida. Ele queria que eu fosse ao hospital falar com a criança, fazer as perguntas que ele entendia, e, no fundo, jogar com a emotividade da situação. Senti-me manipulada.

Na área de programas, não sentíamos tantas dificuldades. Tudo dependia dos autores, mas era possível passar coisas. O Carlos Pinhão que toda a gente sabia comunista, esteve duas horas em antena.

Depois do 25 de Abril

- O que é que o 25 de Abril veio alterar na sua actividade?

- Tudo! Quando o 25 de Abril se deu, estava eu com licença de parto. Depois dela, fui integrada na Direcção de Informação e fiz um primeiro curso de jornalismo. Sentia que necessitava porque, afinal, não recebera qualquer formação.

Em 75, já só fiz informação, sobretudo, apresentando o Telejornal. Os comunistas estavam no poder e não havia grande liberdade: limitávamo-nos a ler as notícias. Eu e o meu colega Fernando Balsinha subscrevemos, então, o «Documento dos Papagaios», aliás, publicado no «Expresso». O que nós queríamos era responsabilidade pelo que dizíamos.

- E o que foi aconteceu?

- A seguir ao 25 de Novembro, conseguimos o que queríamos. Em 76, desempenhei a coordenação do telejornal e chefiei o serviço regional. Em 77, fui convidada para frequentar novo curso: desta feita, de aperfeiçoamento para jornalistas profissionais. O objectivo era obter contacto directo com as instituições políticas, financeiras dos (então) nove membros da C.E.E. Foi um curso óptimo e muito prático: metade do mês era ocupado por seminários e outra metade com reportagens sobre as diversas áreas. De resto, os seminários eram ministrados por correspondentes colocados naqueles países ou por grandes jornalistas franceses.

Quando voltei à RTP, fiz programas de informação não diária.

- Em que consistiam?

- Debate e entrevista política, sobretudo.

- É então que aparece a sua experiência como assessora de imprensa de Maria de Lurdes Pintassilgo. Como é que recorda essa experiência?

- Não gosto de a isolar das outras. Eu era amiga da engenheira Maria de Lurdes Pintassilgo e aceitei. Mas, devo dizer, quando o jornalista passa para o outro lado, tudo se torna mais difícil. Sobretudo, se ele é uma pessoa muito emotiva, se tem uma natureza mediterrânica como eu... É que a pessoa, por uma questão de lealdade, sabe o que tem a fazer, mas a vontade é toda outra. Foi uma experiência interessante e as minhas reticências não têm tanto a ver com a natureza política do governo, mas com o cargo.

- Finda a experiência voltou à RTP...?

- Para estar na prateleira durante oito meses. O curioso é que eu estava de castigo por ter participado num governo de esquerda e, ao fim desses meses, fui convidada pelo Daniel Proença de Carvalho para Director de Programas. Ele era de direita e eu não o conhecia de lado nenhum. Penso que ele apostou em mim.

- E esses tempos? Como é que convive com a memória deles?

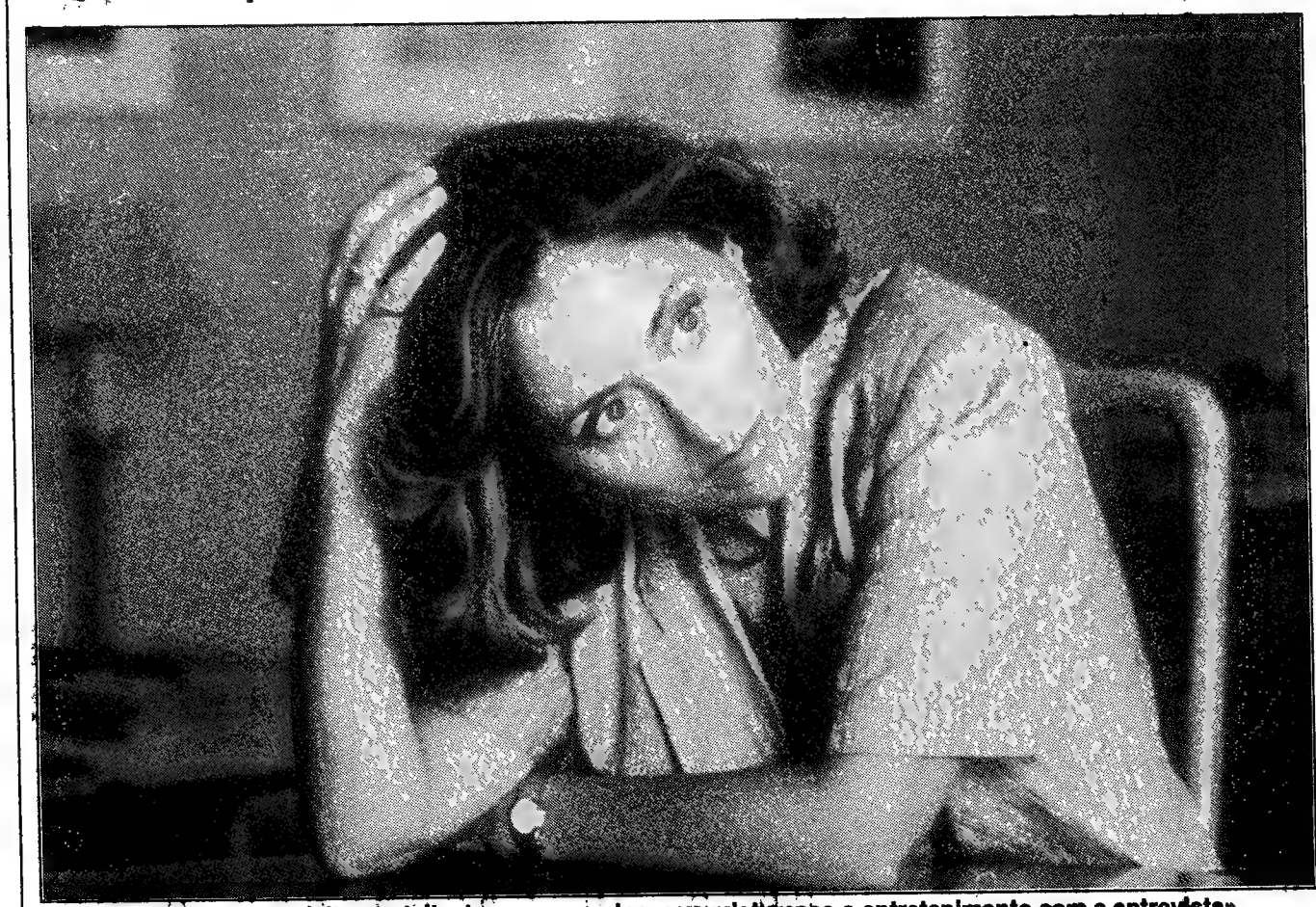
- Empenhei-me na direcção de programas como nunca me empenhara no que quer que fosse. É que se para

Rui Pacheco

«Também aprendi lições»

a continuidade havia algumas indicações, se para o jornalismo havia cursos, a Direcção de Programas tive que apreender à minha custa. Sob a minha responsabilidade estavam cerca de 600 pessoas e orçamentos que mexiam com números muito elevados. Por outro lado, havia áreas completamente novas para mim. Julgo que me consciencializei como nunca de que a televisão, sendo um monopólio, exerce um grande poder sobre as pessoas. No princípio, quase sucumbi ao pensar o que uma opinião minha podia marcar a vida das pessoas, nomeadamente a das crianças.

Foram dois anos em que não tive vida pessoal, em que vivi enfiada dentro da televisão. Foi fascinante. Aprendi, aprendi, aprendi



Rui Pacheco

«Gostava de ter feito um talk-show com meios, que misturasse o entretenimento com a entrevista»

CONCESSIONÁRIOS

A.M.A.

Auto Monumental do Areeiro S.A.

Audi

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICIN

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

na e uma imagem.
to às primeiras páginas

de Elisa

Rui Pacheco

«O bom jornalista não é, de forma alguma, aquele que está sentado sete horas a uma secretária»

do
go.
ncia,

leira
curi-
stigo
num
e, ao
con-
ença
ctora
a de
ia de
e ele

mo é
mória

di-
como
oque
para

l imenso quando fui saneada»

havia
para
os, na
s tive
inha
onsa-
ca de
entos
meros
outro
mplet-
mim.
encial-
que a
mono-
rande
as. Ao
umbia
opção
a vida
mente

m que
m que
da te-
nante.
endi...

Também aprendi imenso quando fui saneada. Soube tudo pelo meu motorista de então. Ouvi insinuações torpes a meu respeito, percebi que pessoas que estavam do meu lado, deixavam quase de me falar de um momento para o outro, com medo daqueles que me viriam sanear. E o que consegui foi aprender a olhar tudo com relatividade. Esses foram os anos em que apreendi mais sobre os sentimentos humanos. O Doutor João Palma-Ferreira, da direcção que me saneou, tornou-se meu amigo. Criou, para mim, o programa «Testemunhos», uma edição mensal, com grandes meios. Foi um pouco uma reparação, mas, para mim, é importante que ele tenha percebido como eu me tinha empenhado durante aqueles dois anos na Direcção de Programas.

Em 85, comecei a preparar o programa «Europa», um trabalho quase didáctico sobre a integração de Portugal na C.E.E, em que tive uma equipa estupenda.

- Gosta de trabalhar em equipa?

- Depende das equipas. Esta relação foi excepcional. E quando é assim, é muito bom, porque eu mantenho muito os laços de amizade, habituo-me às pessoas. A memória do «Europa» foi quase perfeita, até porque duas das amizades foram interrompidas pela morte. Por outro lado, ganhámos o Prémio da Associação de Jornalistas Europeus relativo ao ano de 87.

Em Setembro de 88, vim de Madrid para fazer a «Marie Claire» e para voltar para a televisão, só que nesta só me distribuíram trabalho em Março de 90. Em princípio de 89, esteve para sair um programa meu, mas não se concretizou.

- E o último programa, «O Rosto da Notícia» correspondeu áquilo que queria?

- Julgo que era um programa com dignidade e com alguma qualidade. Mas não foi aquilo que propus ao José Eduardo Moniz. O que eu queria era um magazine de informação semanal do género «Sept Sur Sept» (no fundo, há pouco para inventar em televisão), em que a informação seria prestada com maior reflexão, introduzindo-se a perspectiva dum ou outro convidado. O José Eduardo Moniz considerou a proposta interessante, mas não podia disponibilizar jornalistas, pelo que - disse ele- ficava para Setembro, pedindo-me para entretanto arranjar uma fórmula mais simples. O «Rosto da Notícia» foi, assim, um programa de estrutura o mais simples possível. Tinha uma jornalista estagiária comigo e raramente saíamos de Lisboa, mas, apesar de tudo, conseguimos um dossier de crítica muito bom.

- A Maria Elisa destacou-se como entrevistadora política. Mas neste programa, dedicou-se sobretudo a temáticas sociais. Como é que isto se justifica?

- Gosto mais de temas sociais. Não estou a dizer que não me interesso pela política. Por outro lado, também me queria libertar dessa imagem que me foi dada pelo facto de ter sido a primeira mulher a fazer entrevista política na televisão portuguesa. Não é a primeira vez que abordo temas sociais. Fi-lo nos «Testemunhos», no «Em Questão» e sobretudo no «Telejornal». Fiz muitas horas de reportagem.

-Pensa que ser boa entrevistadora é uma questão de talento, de técnica ou um misto das duas?

- É uma questão de saber ouvir. A maior parte não ouve: ligam o gravador e, pronto, daí a nada, estão a perguntar aquilo que já dissémos. Outros preparam-se muito bem, mas não conseguem alterar o rumo se for caso disso. E, por vezes, é necessário fazê-lo. Não quero dizer que não preparo as entrevistas. Antes pelo contrário, sou muito minuciosa nesse aspecto.

- Qual foi a experiência que mais lhe agradou? De que tem mais saudades?

- São duas coisas distintas. Como tempo de aprendizagem global foi, sem dúvida, a Direcção de Programas. Do que tenho mais saudades é da vivência afectiva do «Europa». Mas também recordo o encontro com Jorge Luís Borges, em Buenos Aires, em que ele me mostrou a cidade, sendo cego.

- O que lhe faltou fazer em televisão?

- Mas eu penso voltar a fazer! De qualquer forma, o que gostava de ter feito e nunca fiz seria um *talk-show* com meios, que misturasse o entretenimento com a entrevista.

Mas eu vou voltar! Aprendi tanto com o saneamento da Direcção de Programas, que reduzi a história do despedimento aos ditados portugueses: as coisas dão muitas voltas.

A RTP vista por dentro

- Mas o que lhe dói mais no meio desta história toda?

- A leviandade com que foi tratado todo um passado profissional que eu considero respeitável. Dói-me por mim, dói-me pela RTP. Nós já provámos sermos válidas e a empresa não merece que os seus recursos humanos sejam assim delapidados. É uma tão flagrante injustiça, uma arbitrariedade tão leviana, que confio na justiça. Os tribunais não podem aceitar que uma pessoa seja despedida sem que lhe possam apontar uma falta - somos despedidas por suposição.

Na televisão, nunca recusei o que quer que fosse e, desde muito cedo, que me permitiram expressar opiniões.

E ,depois, estando dezanove anos ligada à empresa, não me posso deixar de preocupar com o futuro dela. Ainda não vi que este Conselho de Gerência tivesse um projecto, quando há um potencial técnico extraordinário. Dói que isto não seja aproveitado num projecto consequente.

Tentam pseudo-moralizar a televisão e não pensam que o bom jornalista não é, de forma alguma, aquele que está sentado sete horas a uma secretária. Aliás, desconfio muito daquele que o faz. O que convém é distribuir-lhe trabalho, estimular o que nele há de mais criativo e, evidentemente, pedir-lhe responsabilidades. Quando me foi distribuído trabalho, passei a ir lá todos os dias.

- Parece-lhe que haja um muro de silêncio na RTP? As pessoas têm medo de falar?

- Há dezenas de jornalistas a dias, cujo trabalho depende da boa vontade do chefe. É natural que as pessoas sintam dificuldade em falar. De resto, é muito fácil sugerir que um certo tipo de bom comportamento será premiado. As pessoas não são todas heroínas - e quem não gosta de uma promoção, de um aumento? O abaixo-assinado relativo ao nosso despedimento já tem centenas de assinaturas, mas se não tivesse eu compreendia. Quando o poder descriminatório vai até ao despedimento é legítimo que as pessoas sintam medo.

- Há bons jornalistas, alguns dos quais estão completamente desaproveitados, não figurando sequer na Direcção de Informação. O próprio Director do Canal admite que o nível médio da redacção é baixo, quando, hoje, se dispõe de excelentes meios (correspondentes no estrangeiro, coisa que não havia e que sempre permite uma maior vivacidade). E isto porque a orientação é seguidista. O ritmo é passivo, é pouco apelativo. Para mim, não faz sentido que, em 1990, se transmitam reportagens que são ministros a inaugurar sucessivamente três corporações de bombeiros. São temas que devem ser tratados pela imprensa local. Ou, então, cobrem colóquios sobre os quais nada se fica a saber. O que se devia fazer era pegar nos temas e fazer um *background* .

Julgo que a informação televisiva melhorava muito se não filmasse mais dentro de salas de reuniões, porque não é lá que existem realidades. Porque é que o Carlos Fino é um excelente repórter. Porque anda na rua, porque fala com as pessoas, porque nunca o vi dentro de salas de reunião.E depois, há todo um espiríto de novo-riquismo na informação. Fazem-se sondagens de opinião sobre temas pouco relevantes - descobriu-se que há meios e trata-se de os desbaratar.

Outra coisa que me dói é o facto da antena, aquilo que dá mais prestígio, estar entregue a pessoas imaturas. Isto retira credibilidade.

- E «queima» um pouco esses jovens jornalistas. Não lhe parece?

- Sim, perverte as carreiras. Eu tive imensa sorte. Comecei na antena, mas na continuidade que, enfim, implica menos responsabilidades do que a informação.

É tão fascinante o que se passa no mundo que à antena devia reservar-se o melhor. Ao contrário do que se passa na América, cá não temos o Telejornal de fulano.

Não pretendo criar vedetas, mas é necessário criar pessoas credíveis que as pessoas ouvissem para formar uma opinião.

- O «Rosto da Notícia» criava opinião?

- Não era esse o objectivo. Queríamos alertar para situações e, sobretudo, dava a ideia de que a televisão está aberta a toda a gente, aos anónimos que são, afinal, os protagonistas da nossa sociedade. Foi com este programa que recebi mais correspondência, mais sugestões.

A primeira directora da «Marie Claire» portuguesa

- Como é que a direcção da «Marie Claire»apareceu na sua vida?

- Porque o Carlos Barbosa me telefonou a convidar. Só isso. Antes fora convidada a dirigir as páginas femininas do «Semanário», mas, com muita pena, tive que recusar porque estava ocupada na RTP. E eu, de facto, sacrifiquei muita coisa à televisão.

Quando estava em Paris a negociar, o Carlos Barbosa lembrou-me que eu lhe tinha dito que gostava de dirigir uma revista feminina.

É uma coisa que me agrada. Há vinte e tal anos que leio a «Marie Claire». É o modelo de revista que gosto muito e de que sou grande consumidora.

Ainda penso que há uma linguagem feminina própria, leio muito mais escritoras do que homens. Tenho uma biblioteca só de livros de mulheres.

A nossa redacção é também exclusivamente feminina. As nossas relações são de uma grande cumplicidade. É, de resto, muito mais complicado as mulheres entenderem-se com os homens.

- A «Marie Claire» é a sua primeira experiência na imprensa?

- Antes, fui colaboradora do «Expresso», do «Diário de Notícias» e depois do «Semanário», para o qual fiz grandes entrevistas. Mas era uma simples colaboradora. Com a «Marie Claire» fiquei a conhecer mais um *media*, fiquei a conhecer a confecção do produto.

-Desde há pouco que tinha abdicado de muita coisa pela televisão. Por exemplo?

- A primeira vez que deixei o meu filho tinha ele quatro meses. A segunda vez tinha dois anos e foi durante um ano. Foram opções dificílimas, consultei psiquiatras para saber se ele poderia ficar com traumas.

Houve muitas coisas que não aceitei porque a televisão era o mais importante. Acho que só fiquei a dirigir a «Marie Claire» porque tinha consciência de que era conciliável. Dei tudo, dei tudo o que podia. Tenho um amigo que diz que eu vivo cada programa como se fosse um exame de fim-de-curso.

Com «O Rosto da Notícia» passei noites inteiras, em minha casa, a preparar os temas. É verdade que a televisão me retribuiu, oferecendo-me grandes oportunidades. Tudo isso valeu a pena, independentemente dos acidentes de percurso.

- O despedimento não é um acidente de percurso?

- Não, é um acto premeditado de má fé, justamente pelo que tem de irreversível. Durante meses, ninguém falou comigo. Não é maneira decente de tratar quem deu tantos anos a uma empresa.

Maria João Martins

Polémica no Aeroporto de Faro

Director e sindicalistas debatem segurança

Representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos (SITAVA) reuniram-se ontem com o director do Aeroporto de Faro para debaterem os problemas de segurança denunciados na passada sexta-feira pela Direcção Regional de Faro do referido sindicato.

Em declarações ao DL, Carlos Cruzinhas, director do aeroporto, afirmou que «a situação está sanada».

A Direcção de Faro do SITAVA chamara a atenção para «a precaridade da segurança no aeroporto de Faro».

A nota enviada à nossa redacção interroga: «Qual o plano e quais as instruções de evacuação numa situação de emergência?». O SITAVA afirma que o aeroporto não tem saídas de emergência em número suficiente (em especial, na área onde são feitos os *chek-in*) e que, as existentes, se encontram bloqueadas com floreiras. Mais: de acordo com informações daquela estrutura sindical, no caso de falha de energia, as portas automáticas do aeroporto correriam o risco de ficar inoperantes.

António Azeredo, da Direcção das Relações Exteriores da Aeroportos e Navegação Aérea, em Lisboa, adiantou ao DL que «em termos de segurança, o aeroporto de Faro está devidamente equipado».

«Existe um sistema de energia alternativa para o caso de quebra de energia. É um sistema substituto que alimenta, inclusive, as luzes da pista. Para além disso, caso a energia falhe, as portas automáticas dispõem de um dispositivo que as mantém abertas».

A versão de Lisboa foi confirmada pelo director do Aeroporto de Faro. Carlos Cruzinhas afirmou ao DL que «existe, na realidade, um plano de evacuação, distribuído nos vários departamentos e portanto, do conhecimento de todos os funcionários do aeroporto. Não pode é ser divulgado no exterior.

Quanto às saídas de emergência, elas existem e em número suficiente. Na área do *chek-in* , há quatro portas automáticas e, para além dessas, o edifício dispõe de mais doze só para a zona de terra. Nenhuma delas se encontra tapada com floreiras, posso garantir-lhe».

O aeroporto internacional de Faro regista, como média, cerca de 50 a 60 voos diários.

Arqueologia nas Portas do Ródão

O «Neanderthal» passou por aqui

Escavações na foz do Enxarrique: um Setembro de prospecção minuciosa.

Presumíveis vestígios do longínquo «homem de neanderthal» vão ser recolhidos por arqueólogos perto de Vila Velha do Rodão, durante uma campanha de escavações que se prolongará por todo este mês.

De acordo com uma informação do responsável pela pesquisa, professor Luís Raposo, do Museu Nacional de Arqueologia, ela decorrerá na zona de confluência no Tejo de um seu afluente, a ribeira de Enxarrique, recentemente classificada de «imóvel de interesse público», devido aos resíduos de arcaicas ocupações humanas já ali encontrados.

Entre essas descobertas, Luís Raposo destaca a de «numerosos instrumentos em pedra lascada, ali fabricados» e de «abundantes restos da fauna caçada e consumida também localmente». Do segundo caso, serão exemplos ossadas de cavalo, de veado e de auroque, este, um gigantesco antepassado do boi actual.

Desenterrados a seis metros, esses resquícios são supostos corresponderem à fixação na Foz do Enxarrique de uma tribú de caçadores-recolectores, isto, segundo o arqueólogo, «há mais de 30 mil anos, no período que se designa por Paleolítico Médio». De acordo com o entendido, tudo indica que se trataria de «homens de neanderthal».

Um dos objectivos anunciados da campanha de escavações é a verificação de se, ao tempo, ali existia e era caçado o elefante, presunção legitimada pela descoberta no local de um resto inconfundível de um dente do paquiderme. A mais longo prazo, pretende-se pôr a descoberto o remanescente desta remota ocupação humana.

Outro elemento valorizador desta estação arqueológica são os mais recentes vestígios de um acampamento de tropas romanas, que ali terão estacionado no século I a. C. Anteriores explorações permitiram já a detecção de projectéis em chumbo, que eram utilizados pelos fundibulários.

Os trabalhos a empreender, autorizados por despacho do secretário de Estado da Cultura, contam com o apoio da Câmara Municipal de Vila Velha do Ródão e do Instituto Português do Património Cultural, além da Portucel, empresa prorietária do terreno.

Ganhe

trabalho dependente
pensões

(líquidos) **14%**

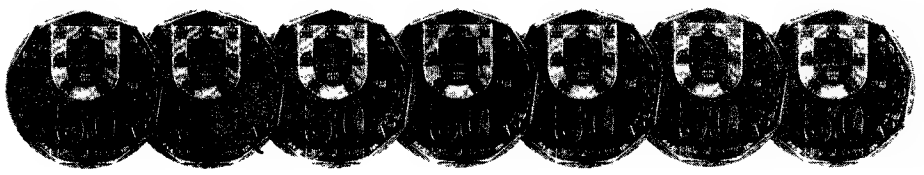
com os seus impostos

opte pela tabela fixa do IRS

precisa apenas de entregar à entidade pagadora dos rendimentos uma declaração da qual constem a sua identificação fiscal, a sua opção pela retenção segundo uma taxa mensal fixa, a indicação dessa taxa e, claro, a sua assinatura

tire partido desta medida (sistema retenção-poupança)

informe-se sobre mais esta vantagem do novo sistema fiscal



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS • DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Castelo Branco à espera de herdar uma enorme fortuna

Um rico industrial alemão chegou, gostou da terra, comprou quintas e fez investimentos. Agora, está a constituir uma fundação

É uma sentimental história de amor à primeira vista. E já que o idealístico amor e uma cabana nunca chegaram para nada, como toda a gente sabe, o dinheiro (muito dinheiro) vem dourar esta história das mil e uma noites que traz Castelo Branco suspensa. Ninguém pensa noutra coisa: «Vamos herdar uma fortuna», exclama-se nas ruas e em grandes parangonas nos jornais locais. Só que não se sabe quando.. É preciso aguardar as leis da vida.

Há pouco mais de dois anos, o industrial alemão Peter Schaufler, que já tinha negócios na região, visitou Castelo Branco e enamorou-se por aquela paisagem. Não tardou que entrasse em contactos com o município para instalar na Zona Industrial mais uma das suas oito fábricas espalhadas um pouco por todo o mundo.

«Gostei do lugar e gostei das pessoas e entendi que estava aqui uma boa oportunidade de investimento», disse o industrial germânico à «Gazeta do Interior». Mas não só de trabalho vive um homem (sobretudo um milionário). Em breve, Schaufler adquiriria a Quinta do Penedão, nas vizinhanças de Alcains, a dois passos de Castelo Branco, para ali instalar o pessoal superior da sua empresa e onde se recolhe nas suas fugidias visitas a Portugal.

No velho edifício, onde não faltam uma piscina e um heliporto (pois o argentário apenas se desloca em helicóptero) está já instalada uma colecção de arte sacra brasileira, de arte rústica portuguesa, bem como pinturas do pós-modernismo alemão.

Uma nova fundação

Posteriormente, o industrial adquiriu a Quinta de Santo Isidro, a meio caminho entre Tinalhas e os baixos de Santa Águeda, onde se localiza a albufeira da Marateca. Aí está a nascer o projecto de uma fundação que levará o nome daquele amigo de Portugal.

«Quero reconstruir tudo num estilo que respeite a paisagem, o ambiente e a época», afirma. A intenção é criar ali um centro cultural onde, por temporadas, serão acolhidos jovens pintores e escultores, portugueses e alemães, convidados à criação artística «em ambiente de repouso e diante de uma natureza única».

As obras de reconstrução do actual casario quinteiro prevêem a instalação de vários *ateliers*, acompanhados pelas necessárias infraestruturas. A Fundação admite vir a abrir, ou em Tinalhas ou em Castelo Branco, um centro de arte moderna para exposição, porventura comercialização, das produções dos artistas seus protegidos.

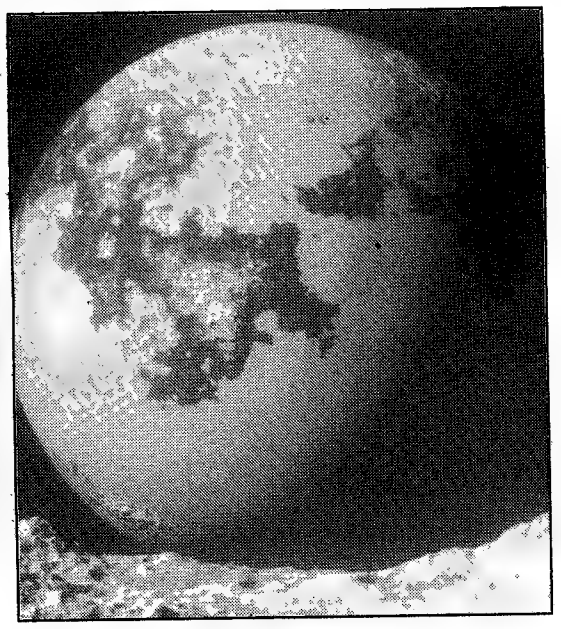
Peter Schaufler não tem herdeiros directos e admite que com «algum tempo mais... pretendo deixar esta obra a Castelo Branco, como sinal de gratidão para com o município que me acolheu como seu cidadão honorário».

Para já, trata-se de lançar a fundação, com os habituais problemas administrativos e burocráticos a resolver. Uma questão que parece não preocupar grandemente Peter Schaufler.

CULTURA

A política de importações discográficas é em Portugal chão que continua a dar uvas talvez porque fique mais barata do que a edição nacional. Este mês começa a ser comercializada uma colecção, com carimbo Rykodisc, que reúne algumas das músicas étnicas situadas «entre o deserto nubiano e a tundra ártica». Tudo bem, mas dá para perceber como às vezes o som tem mais importância do que tudo o resto, até o mais essencial

A digitalização do planeta



As polémicas a propósito das relações entre Som e Música parecem substituir as que em tempos foram motivadas pelo binómio Forma/Conteúdo. Se até recentemente se pôde concluir que uma das características fundamentais da música do pós-guerra foi a sobrevalorização formal, agora que nos voltamos para o naturalismo, senão mesmo para o ecologismo musicológico, a verdade é que esta espécie de digitalização étnica a que assistimos, seja pela recolha e divulgação das músico-culturas planetárias através dos canais da grande indústria discográfica ou pelas disposições ambientalistas da electrónica e certos novos impressionismos acústicos, é o coroar de todas as tendências do século para empacotar, vestir e maquilhar a arte dos sons.

Não é preciso indicar como exemplos maiores os folclores universalistas, imaginários e absolutamente falsos de uns Codona ou uns Oregon, nem há necessidade de lembrar os exotismos arquetípicos de Laraaji ou as montagens e *samplings* do duo Roberto Musci/Geovanni Venosta. A coisa começa logo na produção, tratamento sonoro e remixagem das bandas magnéticas registadas nos lugares perdidos do mundo. É aí, na filtragem de estúdio, que principiam todas as conversões, impondo-se o primórdio «metafísico», puro, limpo do Som à matéria e às linguagens da Música.

É perfeitamente possível, hoje em dia, distinguir uma colectânea etnográfica, antropológica, das músicas de raiz - resultado de investigações desenvolvidas por estudiosos interessados na recuperação das culturas em perigo -, de todas as edições super-produzidas que vieram satisfazer, pelo menos parcialmente, a necessidade mercantil de produtos que ainda constituam surpresa. Por isso ouvimos os pigmeus centro-africanos e os índios do Amazonas segundo os nossos parâmetros, os nossos envolvimentos digitais... Ou seja, escutamo-los como eles nunca puderam escutar a música que tocam desde os primórdios.

E é assim que aos vários catálogos étnicos de que tinhamos conhecimento vem acrescentar-se, a partir deste mês, uma colecção exclusivamente dedicada à «World Music» (um termo generalizador que diz tudo), incluído no programa editorial da etiqueta norte-americana Rykodisc, uma importação da JC Sousa. Não foge inteiramente à regra, mas tem muito que se lhe diga. O seu inventor e produtor é Mickey Hart, baterista nos saudosos Grateful Dead, e muitas das gravações finalmente comercializadas em Portugal com suporte CD foram conseguidas durante digressões do grupo ou beneficiando da sua qualidade de anfitrião na solarenta Califórnia. Se o primeiro facto não estranha (afinal os mais empenhados militantes da causa étnica vieram do rock, casos de Brian Eno ou Peter Gabriel), com o segundo verificamos uma certa ambiguidade do projecto em causa.

Uma ambiguidade, aliás, que só beneficia os intentos da Ryko - as recolhas que por estes dias o leitor poderá encontrar nas boas lojas de discos de Lisboa foram feitas em grande parte dos casos na década de 70, obedecendo aos critérios do gosto pessoal de Hart e dos restantes elementos do famoso agrupamento «psicadélico», sem excessivas preocupações ao nível do *sound design*, porque ainda não era altura disso - o *boom* da World Music teria que esperar. Foi mais tarde, de 88 para cá - e curiosamente quando os seus efeitos já se começavam a dissipar -, que as adaptações para a edição em disco compacto se concretizaram. A colecção tem pois algum trabalho de etnógrafo, não se afastando tanto quanto isso da autenticidade original das músicas abordadas, com as devidas excepções.

Apontem-se as três mais gritantes. «Freedom Chants From the Roof of the World», apresentando os monges tibetanos de Gyuto, é um dos tais objectos sonoros e musicais em que o enquadramento tecnológico (a Forma) dimensiona e dá expressão aos Conteúdos - e até dá para pensar que o facto de ser o melhor de todo o lote não é casual.

Talvez sim e talvez não. Trata-se de um disco DDD, integralmente digital, potencializador ao máximo das extraordinárias capacidades harmónicas e tímbricas do canto budista, com *recording engineers*, *remix*, *digital transfer* e *CD mastering*, jogos sofisticados de microfones, gravadores sincronizados, etc.: afinal é esta a base discursiva e metodológica que as vanguardas vocais procuram hoje reencontrar, como percebemos atentando nos trabalhos de um Morton Feldman ou uma Joan LaBarbara com *overtones* e microtonalidades. Dois longos e pesados tantras do Tibete são completados por um terceiro tema em que actuam o próprio Mickey Hart, Philip Glass (na altura o director da Tibet House em Nova Iorque) e o japonês Kitaro, muito próximos na ocasião da chamada New Age, designação vaga suficientemente para categorizar o espiritualismo indefinido que indica.

«Diga», pela Diga Rhythm Band, documenta-nos por sua vez a existência, há mais de dez anos, de um colectivo de percussionistas formado pelo indiano Zakir Hussain que, se se inspirava nas fórmulas tradicionais do Norte e do Sul da Índia, buscou também fundamentos na música árabe e somou tudo isso a disposições rítmicas latino-americanas e africanas e a sonoridades de conjunto de tónica inquestionavelmente «ocidental», para o que contribuiu a guitarra eléctrica de outro Grateful Dead que foi capa da «Rolling Stone» há um par de meses - Jerry Garcia.

Algumas das faixas estão claramente datadas (a gravação remonta a 1976, note-se bem), mas o mal deste álbum remixado não o encontramos aí. Tentando um cruzamento trans-estilístico e geográfico antes que os anos 80 fizessem disso um hábito geralmente bem sucedido, ainda que tantas vezes híbrido e absurdo, o resultado pouco mais foi do que infeliz, se excluírmos talvez os primeiros oito minutos de música, ao misturarem-se as tablas com as congas.

Desastrada foi a inclusão na lista Ryko do volume dedicado à Golden Gate Gypsy Orchestra of America and California, também conhecida como The Travelling Jewish Wedding. Repositório que é de banalidades como «Kalinka» ou «Tumbalalaika», nenhum interesse étnico ou musicográfico, sequer acústico ou virtuoso, nele descortinamos.

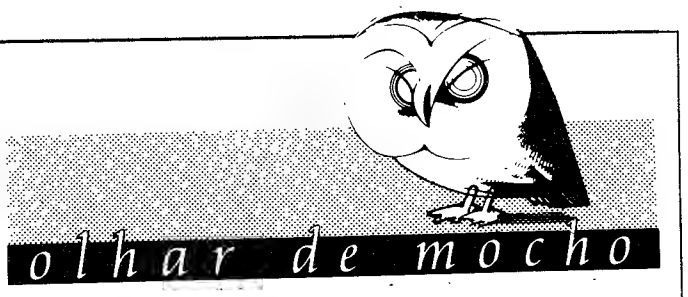
Terá sido um equívoco que obras tais como «Venu», da dupla Hariprasad Chaurasia (flauta de bambu, conhecida localmente como *bansuri*) e Zakir Hussain (tabla) ou «Sarangi - The Music of India», com o mestre Ustad Sultan Khan no sarangi (um instrumento da família do violino) e Shri Rij Ram na tabla, servem para esquecer. Um raga nocturno e outro matinal, registados ambos em 74 na Casa de Pedra de Fairfax, Califórnia, permitem-nos tomar nota, todos estes anos depois da digressão pelos States de George Harrisson com o guru Ravi Shankar, do outro lado da música clássica indiana, menos espectacular porque decididamente introspectiva mas mais sólida em todos os seus aspectos, relativamente ao que é habitual ouvirmos em criações da área.

A mais-valia dos dois trabalhos é óbvia: pouca intervenção sofreram de Hart e da equipa técnica, talvez porque o co-produtor foi Hussain, que soube evitar fenómenos de «estranhamento». Na mesma linha está o documental «The Music of Upper and Lower Egypt», datando de 1978 mas com *remix* de 88, e o magnífico disco do sudanês Hamza El Din, cantor e tocador de oud e dumbek, que dá pelo nome de «Eclipse» e se inscreve na mesma zona da cultura musical núbia - este um pouco mais «purificado» que o anterior, apesar de tudo, o que significa que no fundo e nos vazios entre acordes e batidas percussivas, fonias e *reverbs*, podemos aperceber-nos do silêncio que é o grau zero do Som digital.

Na colecção «The World» da Rykodisc consta igualmente uma peça com justificação na actualidade política mundial. Mickey Hart, desta vez acompanhado por Garcia, gravou e produziu um coro feminino de Latvia, no Báltico (76 elementos e uma solista, as Dzintars), sob o título geral «Songs of Amber», acabado de publicar. O propósito consistiu, tal como no disco dos monges tibetanos já referido, em cantar a liberdade - embora neste caso com um sucesso bastante inferior, por falhas na produção, e justamente quando se esperava que tentasse ultrapassar os enfeites que vêm deformado as virtudes das Vozes Búlgaras, tanto e tão mal divulgadas por cá.

Liberdade? Sim, afinal é proposta do projecto editorial em questão «atravessar fronteiras» e «transcender limites», ainda que a preservação das «músicas autênticas» de diversas nações e estilos, «seleccionada pela sua beleza, poder e significado na ecologia precária da música mundial» possa por vezes ser sacrificada pela confessada «pursuit of sonic accuracy», um desejo de perfeição auditiva com contornos algo totalitários e enganadores...

Rui Eduardo Paes



«War Story»

Em certa medida até parece que nós portugueses já somos o quinquagésimo e tal (aos 52 deixei de contar e perdi o rasto) estado da União. Mal tinha acabado o *soap* do «Querido John», aparece no ecrã o letreiro alusivo à guerra: «War Story». Não há palavras prévias de explicação do que se trata, quando são filmes propriamente ditos, filmes de cinema, temos sempre um sermão introdutório carregado de nomes que ninguém entende com a finalidade de nos explicarem a película nestes termos: ou vês no filme isto que te estou a impingir ou terás de te considerar estúpido. Com a «História de Guerra» pressupõe-se que todos sabemos o que é um vietcong, que todos estamos familiarizados com a intervenção americana no Vietname e com os problemas inerentes a *essa* guerra. Sabendo, como é notório, que em Portugal só os cinquentões e daí para cima, se lembram da guerra do Vietname, o resto dos portugueses ligam, hoje, tanto ao Vietname como à Guerra dos Trinta Anos, apresentar esse tema de chofre e sem mais intróitos equivale a considerarem-nos estado americano ou colónia dos EUA. Tanto mais que em questão de datas a guerra do Vietname coincidiu, no seu núcleo essencial, com a nossa guerra colonial. Ora bem, o que interessará mais aos portugueses: recordar o Vietname ou trazer à baila o que se passou entre 60 e 74 nas ex-colónias?

Logo de início é-nos explicado: no Vietname perderam a vida 58 mil americanos. Alguém sabe quantos portugueses por lá ficaram, Angola, Guiné, Moçambique?

Adiante. O filme tem evidentes predicados de qualidade: os bordéis, a soldadesca, os copos, a tensão psicológica, a religião a untar todos para que a máquina funcione bem lubrificada, tudo é dado com naturalismo factual, espelho da realidade passada. Mas o problema é deles, nós nada tivemos a ver com isso. Excepto, evidentemente, os pouco politizados dos anos 60 que em Lisboa também viveram o Vietname à ilharga das guerras de África e para os quais o trauma foi duplo. Mas esses tais já não riscam, e por isso, o importante seria mostrar o processo de traumatização a que um povo é submetido quando tem de enfrentar uma guerra que não é civil.

Há dois aspectos perfeitamente chocantes na estreia de domingo «Histórias de Guerra»: primeiro, que se apresente a guerra do Vietname sem qualquer enquadramento do que por lá se passou. Depois, que indirectamente, se afaste do nosso povo televisivo e da nossa opinião pública o que significou para nós, portugueses, nos anos 60 e até 74, o horror da guerra.

Sublinho o «indirectamente». Como não vimos nas imagens televisivas a bandeira portuguesa nos bares e bordéis do teatro de guerra, como não houvimos falar português, como não identificamos facilmente os vencedores e vencidos, fica a impressão de que nada daquilo nos diz respeito. Com um bocadinho de jeito a RTP até poderia subintitular aquilo, «Anabasis» ou o «Regresso dos Dez Mil», filme de Xenofonte onde se relatam as aventuras do regresso à pátria dos soldados de Ciro depois de vencidos por Artaxerxes. Teríamos, nesta hipótese, espectáculo e ninguém se lembraria de perguntar se estávamos no século V a.C. ou em 1968 d.C.

José Sousa Monteiro

Jovens criadores portugueses na Bienal de Marselha

Com a participação de jovens espanhois, franceses, gregos, italianos, jugoslavos, cipriotas, argelinos, tunisinos e portugueses, realiza-se este ano em Marselha, entre 9 e 19 do corrente mês, a Bienal de Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo.

A comitiva portuguesa, que integra cerca de meia centena de jovens talentos nas áreas mais diversificadas, fica a dever-se a uma iniciativa do Instituto da Juventude, que contou com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e do Clube Português de Artes e Ideias e a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa.

O Clube Português de Artes e Ideias terá a seu cargo a organização de uma passagem de moda na galeria «Les Arsenaux» e, as outras áreas, decorrerão em espaços de Marselha como a Vieille Charité (artes plásticas, fotografia e moda), Maison de L' Artisanat (joalharia e artes gráficas), Espace Ecureil (arquitectura) e Espace Sirva (design).

A participação portuguesa é constituída por: Pedro Parcidário e António Pereira (arquitectura); João Louro e Carla Mendes (pintura); Jorge Branco e Paulo Ferreira (escultura); José Maçãs de Carvalho, Margarida Dias e João Tabarra (fotografia); Miguel Rios, João Tomé e Francisco Pontes (moda); Zé-Di-Sastre - Mário Delgado, António Pinto, Yuri Daniel e Alexandre Frazão (jazz); Luís Moreira (artes gráficas); Cláudia Silva e Pedro Morais (ilustração e banda desenhada); Teresa Milheiro e Miguel Brito (joalharia contemporânea); José Viana (design de mobiliário); Francisco José Viegas e Fernando Pinto do Amaral (literatura); Carlos Pedro (gastronomia); Grupo de Joana Providência (dança).

Em música contemporânea, estarão em Marselha os "Saxofínia", grupo constituído por José Massarrão, Armindo Luís, José Lopes e Alberto Lopes e a colaboração da pianista Ana Mafalda Correia; no que toca à música moderna, registam-se as presenças do grupo "Sétima Legião" - com Pedro Oliveira, Ricardo Camacho, Paulo Abelho, Gabriel Gomes, Paulo Martinho, Nuno Cruz e Rodrigo Leão; por fim, o teatro estará representado pelo "Grupo Aquilo", da Guarda, constituído pelos actores Américo Rodrigues e Élia Fernandes e ainda por José Neves (músico), Luís Pedro de Almeida (luz) e Armando Jaime (som).

Os jovens portugueses não participam nas disciplinas de vídeo e cinema bem como nos projectos de intervenção cultural, uma área que, a par da gastronomia, foi criada este ano.Os nossos compatriotas actuarão no próximo dia 10 no Thêatre de la Minoterie e os "Sétima Legião" no "Espace Julien". A 14, os artistas portugueses da área do jazz exibem-se no "Court de La Vieille Charité" e, no dia 16, os Saxofínia tocam no Thêatre National de Lacriée. Logo no dia seguinte, o grupo de dança de Joana Providência faz a sua prestação no Thêatre du Gymnase.

Entretanto, na próxima quinta-feira, num espaço cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, decorrerá uma apresentação à Imprensa dos jovens portugueses presentes na Bienal de Marselha, oportunidade também para a divulgação do catálogo e do cartaz (d- .toria de Luís Moreira).

Companhia de Teatro de Almada no Festival de Cangas na Galiza

A Companhia de Teatro de Almada participa hoje, na Galiza, no Festival de Cangas, onde apresenta «As Velhacarias de Scapin», peça de Molière encenada pelo argentino Julio Castronuovo.

Estreada em 1988 pelo Teatro de Almada, esta comédia contém todos os ingredìentes do melhor teatro de Molière que, segundo Jacques Copeau, «trezentos anos depois continua a dirigir-se directamente às pessoas, falando-lhes, tocando-lhes».

Com cenário e figurinos de Vasco Eloy, «As Velhacarias de Scapin» contam com interpretação de Ana Nave, António Assunção, Carlos Sebastião, Fernando Jorge, João Azevedo, João Paulo Santos, Josefina Correia, Luísa Paramès e Vítor Gonçalves.

Este será o último espectáculo que o grupo sediado no Teatro Municipal de Almada realiza antes de entrar em férias, até final de Setembro.

Duas salas, dois espectáculos

O Teatro Municipal de Almada reabrirá em Outubro com a inauguração de uma nova sala e a exibição simultânea de dois espectáculos: «Felicidade e Erva Doce» de Peter Shaffer e «Amor a Quanto Obrigas», adaptação de Virgílio Martinho de textos de Gil Vicente.

«Felicidade e Erva Doce» é a mais recente criação daquele dramaturgo britânico radicado em Nova Iorque, responsável por grandes êxitos na cena londrina e na Broadway. Peter Shaffer notabilizou-se internacionalmente com o argumento original do filme de Milos Forman «Amadeus», que lhe valeu um Óscar na respectiva categoria.

Joaquim Benite encenou o texto de Shaffer, que apresentará nos principais papéis Cecília Guimarães e Teresa Gafeira, acompanhadas por Luzia Paramés e Carlos Sebastião, entre outros. A partir de 12 de Outubro, às sextas e sábados pelas 21.15 horas e aos domingos pelas 16.30.

A nova sala 2 do Teatro Municipal de Almada será paralelemente ocupada com a reposição de «Amor a Quanto Obrigas», a mais recente estreia da Companhia de Teatro de Almada.

A encenação deste espectáculo é de Vítor Gonçalves, que assim se estreou nesta função. São intérpretes Ana Nave, Carlos Sebastião, Fernando Jorge, João Azevedo, João Paulo Santos, Josefina Correia e Manuela Cassola. «Amor a Quanto Obrigas» poderá ser visto entre quarta a sábado às 19 horas e aos domingos às 15 horas, a partir do dia 17 de Outubro.

João Azevedo e Luzia Paramés em «Velhacarias de Scapin», hoje no Festival de Teatro de Cangas

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os srs. passageiros que, por motivo de trabalhos revisão integral da catenária são suprimidos, entre **LISBOA (ROSSIO) E CACÉM**, nos dias 03 e 04 de Setembro, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO) — CACÉM

Comboios com saída de Lisboa (Rossio) às: 10.52h, 11.28h e 11.40h.

CACÉM — LISBOA (ROSSIO)

Comboios com saída do Cacém às: 09.55h, 10.11h e 10.27h.

CP Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

BREVES

Madalena Caixeiro vence Prémio Vitorino Nemésio

O romance «Os Novelos», de Madalena Caixeiro, foi galardoado este ano com o prémio Vitorino Nemésio. Nas categorias de ensaio foram premiados os trabalhos de Thomas Percy, Eduardo Moreira da Silva e Armando da Câmara Pereira. Estes prémios têm o valor pecuniário de 500 contos.Quanto ao prémio de poesia Antero de Quental, no valor de 250 contos, foi atribuído a Madalena Fern, com a colectânea«Ano Fálico»O júri decidiu não atribuir distinções na modalidade de teatro.Ao prémio literário Açores concorreram este ano cerca de 60 trabalhos, a maior parte dos quais ao prémio poesia.Machado Pires, Eduino Jesus, Fernando Pimentel, Marinho dos Santos, Reis Leite, Fátima Morna e Margarida Gouveia foram os elementos do júri. Madalena Caixeiro já vencera, em 1988, o prémio literário dos Açores, com o título «Limite».

II Bienal de Gravura da Amadora

Inaugura-se no dia 8 a II Bienal de Gravura da Amadora, promovida pela Câmara Municipal. Patente ao público até 14 de Outubro, a mostra tem por objectivo prestar homenagem aos pioneiros da gravura em Portugal, incentivando, ao mesmo tempo, novos valores.A Bienal de Gravura reparte-se entre os Recreios da Amadora e a Galeria Municipal e conta com a participação de 30 artistas brasileiros (60 obras) e 89 portugueses (197 obras).

Exposição de Maria da Paz Nóbrega

Está patente até ao fim do mês, na Biblioteca Nacional, a exposição de Maria da Paz Nóbrega «Dispersão». Trata-se de uma mostra de desenhos de homenagem a Mário de Sá-Carneiro, cujo centenário do nascimento, como se sabe, passa este ano. Maria da Paz Nóbrega nasceu em 1959 e até agora esteve presente em várias exposições colectivas. Esta, patente na Biblioteca Nacional, foi concebida sob a égide dos seguintes versos de Mário de Sá-Carneiro:«*Quase o amor, quase o triunfo e a chama, / Quase o princípio e o fim -quase a expansão... / Mas na minh'alma tudo se derrama... / Entanto nada foi só ilusão!*».

O Festival de cinema começa hoje

Veneza: Santana Lopes na gala Portugal no rol das ausências

Pedro Santana Lopes está hoje em Veneza, numa reunião dos ministros da Cultura da CEE que tem por fim debater questões relacionadas com a denominada «Comunidade Europeia de Cinema». A reunião ministerial visa a adopção de medidas concretas no tocante à produção, distribuição e desenvolvimento da indústria cinematográfica ao nível de todos os países europeus e subsequente abertura cultural a Leste.

Um tema que não será indiferente à reunião de ministros relaciona-se com uma eventual estratégia comunitária de películas europeias de qualidade, face à avalanche e força da indústria cinematográfica norte-americana.

Entretanto, Pedro Santana Lopes estará presente esta noite na gala inaugural do 47º Festival de Cinema de Veneza,onde , logo por azar, Portugal não participa ...salvo através de Maria de Medeiros.

A actriz portuguesa é a principal intérprete feminina de "Henry and June", de Philipp Kaufmann, o cineasta , entre outras obras, «A Insustentável Leveza do Ser»

Em «Henry and June», que está em Veneza fora de competição, Kaufmann baseia-se na vida do escritor norte-americano Henry Miller. Maria de Medeiros interpreta a personagem de Anais Nin.

O festival, como omtem noticiámos, abre com a estreia mundial de «Dick Tracy», de Warren Beatty, com ele próprio e Madonna. O filme estará em Veneza fora de competição e ainda este mês terá estreia comercial em Lisboa.

Julia Roberts em «Flores de Aço»

Festival de Montréal: vitória de um cineasta peruano

O Grande Prémio das Américas do Festival dos Filmes do Mundo de Montréal foi atribuido ontem a «Caidos del Cielo», do peruano Francisco Lombardi. O prémio da melhor interpretação feminina foi atribuído, «ex-aequo», ao actor espanhol Andres Pajares pelo seu papel no filme «Ay Carmela !», de Carlos Saura, e ao canadiano Marcel Leboeuf por «Rafales», de André Melançon. O prémio pela melhor interpretação feminina foi ganho pela actriz russa Natalia Goudarova, por «O Festim dos Cães», de Leonid Menaker.

Alain Mazars («Primavera Perdida», França) e Irena Pavlaskova («O Tempo dos Criados», Checoslováquia) obtiveram um prémio especial pela primeira obra. Claudia Cardinale obteve um prémio especial pelo conjunto da obra.

Julia Roberts revelação em Deauville

A actriz norte-americana Julia Roberts, de 22 anos, foi a revelação do Festival de Deauville que está a decorrer em França. Julia Roberts é conhecida do público português através do filme «Flores de Aço», em que desempenhava um dos seis papeis femininos (o da jovem que morre).

Em Deauville, Julia Roberts surge em dois filmes:«Flatinners», de Joel Schumacher; e «Pretty Woman», de Garry Marshall. Neste último filme, Julia Roberts , no papel de uma prostituta, surge ao lado de Riichard Gere. Em «Flatinners», Julia Roberts tem como companheiro o actor Kiefer Sutherland, filho de Donald Sutherland. Kiefer pode ser visto actualmente em Lisboa no filme «Renegados Selvagens».

Cinema de Paris

«Cry Baby» - Ainda...

Lançado por John Waters, hábil descobridor de talentos de «show business», Jonny Depp é o herói deste «menino chorão» que traz o êxito consigo. Um êxito muito americano que tende a invadir as plateias europeias cada vez mais alargadas de consumo inútil mas ansioso...

«Baby» porque tem cara de menino, e «cry» pela propensão à lágrima que as suas canções e o seu estilo denotam. Menino mau e menino bom que nos arredores de Baltimore se bate por seu amor, numa história que vem de Romeu e Julieta e já deu um filme célebre de música e bailado. Que este sucesso se pretenda reproduzir em «Cry Baby» é naturalmente justo, contando com os ingredientes actualizados que lhe foram fornecidos - mas tudo repousa sobre a qualidade de bilheteira do jovem prodígio do «rock», este Johnny Depp que procura levar-se à altura dum James Dean.

Montagem defícil, certamente, nas armadilhas do negócio - e que não pode estar certa de contar com um talento realmente necessário como o de James Dean foi, num quadro mitológico que nos anos 50 estava aberto a propostas de lírico desespero. E que teve a sorte de ser servido pela própria morte-suicídio da estrela.

Por enquanto Johnny Depp, levado na história do filme para os mesmo anos 50, mal simulados em «retro», é apenas um capitão de bando que com outro bando se bate, como em todas as cidades que se prezam (ou desprezam) está acontecendo, nos Estados Unidos como, já amanhã, na União Soviética. Que o seu talento seja esteiado por 10 000 cartas por mês que o seu agente publicitário anuncia, não é certamente de desconsiderar. Que o filme em questão por detraz disso se dissolva, simples veículo de uma operação mediática, seria injusto dizê-lo; mas pouco mais se acrescentaria com justiça ou necessidade.

José-Augusto França

A não ser dizer que Johnny Depp é o herói de uma série televisivo celebérrima na América, nisso ganhando uma audiência frenética. Faz ele de polícia jovem e sentimental, esquadra do 21 Jum Street _ mas (por enquanto) a televisão francesa não tem nada com isso. Nem a portuguesa...

Daniel Ortega anuncia livro de memórias

O livro que o ex-presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, tem intenção de escrever está já a receber ofertas de centenas de milhares de dólares de várias editoras norte-americanas.

Segundo declarações do agente literário de Ortega, Edward Acton, ao diário «The New York Times», dez editoras norte-americanas anunciaram ir participar na corrida ao direito do livro, na próxima semana.

No entanto, Acton escusou-se a confirmar que a soma final pelos direitos do livro de Ortega atinja um milhão de dólares.

Apesar das divergências existentes no mundo editorial nova-iorquino sobre o valor do livro, várias editoras reconheceram já que o seu preço só muito dificilmente será inferior a 300 mil dólares.

«Passa Por Mim No Rossio» estreia em Dezembro

O texto da revista portuguesa «Passa Por Mim No Rossio» está completo e já foi entregue a Ricardo Pais, director do Teatro Nacional D. Maria II - apurou a agência Lusa junto do seu autor, Filipe La Féria.

Ricardo Pais, que até agora só tivera conhecimento do primeiro acto da peça, como salientou Filipe La Féria, garantiu, entretanto, o começo dos ensaiosda revista para o próximo dia 2 de Outubro.

Quem integra o elenco de «Passa Por Mim No Rossio»...?

Todos os actores da companhia residente do Teatro Nacional D. Maria II, tendo sido convidados a dar o seu contributo Rita Ribeiro e António Cruz, os dois principais intérpretes da comédia musical «What Happened To Madalena Iglésias?», também da autoria daquele encenador.

Da companhia residente de actores da Casa de Garrett, Filipe La Féria destacou os nomes de Eunice Muñoz, Rui de Carvalho e João Perry, entre outros, «figuras de enorme prestígio cujo contributo é de assinalar», indicou ainda.

«Há ainda uma atracção-surpresa, cuja identidade será revelada mais tarde» - referiu também Filipe La Féria, que se mostrou «muito satisfeito com a peça».

A estreia está programada para Dezembro, «podendo tornar-se num grande espectáculo, uma vez que se trata de uma verdadeira revista à portuguesa» - acentuou ainda aquele homem de teatro.

O autor de «What Happened To Madalena Iglésias'», comédia musical que esteve longos meses em cena na Casa da Comédia, em Lisboa, conquistando depois numeroso público pelo país, vê assim ultrapassadas as dificuldades surgidas para a produção de «Passa Por Mim No Rossio», peça evocativa dos anos de ouro da revista à portuguesa e homenagem aos grandes actores que a popularizaram.

EXTERNATOS

MP MARQUÊS DE POMBAL
RUA MORAIS SOARES, 93 (AO CHILE) T. 834658

AC ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA) T. 706974

REGIME NORMAL: 7.º, 8.º e 9.º ANOS
10.º, 11.º e 12.º ANOS

CURSO GERAL PLANOS PRÓPRIOS - em 2 anos e no regime de UNIDADES CAPITALIZÁVEIS

REGIME INTENSIVO: GERAL
COMPLEMENTAR

30 ANOS AO SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

DESPORTO

Nunes Liberato apoia desporto

A adjudicação da empreitada para construção dos balneários e bancadas do polidesportivo de Veiros (concelho de Estarreja), foi já homologada por Nunes Liberato, secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território. Esta obra, comparticipada pela Administração Central com 6600 contos, integra-se num conjunto de 12 que estão a receber apoios governamentais no distrito de Aveiro.

As obras em questão totalizam uma comparticipação que ultrapassa os 370 mil contos, ntre elas encontram-se os pavilhões gimnodesportivos de Esmoriz, Travesso (em Águedas) e o Ginásio Clube da mesma vila. Destaque, ainda, para os complexos desportivos do Vouga Sport Clube de Sever do Vouga, o de Oliveira do Bairro, as piscinas de Aveiro e do Sport Clube Beira Mar e, também os campos de ténis de Oliveira de Azeméis.

Entretanto, Nunes Liberato, recebe hoje a direção recém-eleita da ANASD (Associação Nacional dos Autarcas Social-Democratas). Tratou-se de uma reunião para apresentação de cumprimentos e abordagem genérica de matérias respeitantes à Administração Local.

Depois de Rosa Mota e Aurora Cunha

Atletismo turbulento: Dionísio critica duramente a Federação

Dionísio Castro: mais um campeão contra a Federação

Mais um atleta de prestígio se insurge contra o procedimento de elementos da federação, nomeadamente criticando o comportamento do director-adjunto Fernando Mota, a mesma figura já altamente contestada por outros campeões, desde Rosa Mota a Aurora Cunha.

Desta vez é Dionísio Castro que, sem papas na língua, acaba de anunciar às Rádios que o foram esperar ao Aeroporto da Portela, no regresso de Split, que vai abandonar o atletismo de alta competição.

Dionísio Castro, 4.º classificado na prova de 5 mil metros dos «Europeus», adiantou que esta sua decisão se prende com a forma como vem sendo tratado pela Federação Portuguesa de Atletismo. «Estou farto disto tudo. Por isso, vou escrever uma carta à federação e abandono de vez a alta competição», disse o atleta sportinguista, fazendo questão de salientar o facto de o Sporting tudo ter feito para lhe permitir ter condições de forma a poder obter os melhores resultados internacionais. Muito convincente, garantiu o meio-fundista verde-branco:

— *Vou dedicar-me apenas ao atletismo do Sporting que tudo tem feito para ser um dos melhores do Mundo. A nossa Federação de Atletismo nem sequer teve peso suficiente para conseguir levar em frente o protesto justo sobre o que me aconteceu na corrida.*

Estou muito magoado com uma federação que me desconhece e maltrata, não ligando nenhuma ao esforço que fiz para tentar curar uma lesão de molde a poder estar presente nos Campeonatos Europeus.

Uma resposta na palavra de Fernando Mota, realmente um director-técnico por quem a maioria dos atletas portugueses parece não morrer de amores:

— *Se o Dionísio quiser deixar o estatuto de alta competição pode fazê-lo, nas não fica afastado da estrutura federativa. Não é mais possível atingir-se o ponto de ruptura que afecta o nosso atletismo. Há poucos anos o Dionísio estava lá na sua terra natal e agora já quer falar como um técnico ou um dirigente...*

Ao lado, alguém procurou lembrar a Fernando Mota que o atleta («saído há poucos anos lá da terra natal») tem hoje, dentro e fora de Portugal, uma popularidade e um prestígio que o director-técnico nacional nunca obteve: e, provavelmente, nunca poderá ter. Daí que, depois de Rosa e Aurora a posição de Dionísio represente a última gota de água que vai obrigar os mais altos dirigentes do nosso desporto (acima, claro, da federação da modalidade) a fazerem severa análise do papel até hoje desempenhado pelo actual elenco federativo, com todos os seus dirigentes equacionados, dada a aparente cega cobertura que é dada ao sucessor do professor Mário Moniz Pereira.

N. de S.

MUNICÍPIO DE LISBOA
ANÚNCIO N.º 83/90

Concurso público para ADJUDICAÇÃO DO FORNECIMENTO E MANUTENÇÃO DO SISTEMA DE INSPECÇÃO DE COLECTORES DE ESGOTOS DA CIDADE DE LISBOA

1 — O concurso público é lançado pela Câmara Municipal de Lisboa, sendo promovido pela Direcção Municipal de Infra-Estruturas e Saneamento — Departamento de Saneamento, Rua da Cruz Vermelha, n.º 12 — 1600 LISBOA — Telefones 77 59 58/80/88.
2 — Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
3 — a) — Local de execução dos trabalhos — Cidade de Lisboa;
b) — Designação do Fornecimento — Fornecimento e manutenção do sistema de inspecção de colectores de esgotos da cidade de Lisboa;
c) — Natureza e extensão dos trabalhos e características gerais do fornecimento:
— Fornecimento do equipamento indispensável para a inspecção de toda a rede de esgotos da cidade de Lisboa com a recolha e processamento dos dados necessários para uma definição exacta do seu estado de conservação, dos materiais em que é executada e ainda do respectivo cadastro, conforme disposto nas Cláusulas Técnicas.
4 — O preço do fornecimento é de Esc. 30 000 000$00, não incluindo o IVA.
5 — O prazo do fornecimento é de 6 meses.
6 — a) — O processo de concurso e documentos complementares podem ser consultados, durante as horas de expediente, na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração Geral, Av.ª 24 de Julho, 171-D — 1300 Lisboa e na Direcção Municipal de Infra-Estruturas e Saneamento — Departamento de Saneamento, Rua da Cruz Vermelha, n.º 12 — 1600 Lisboa;
b) — Podem ser solicitados, por escrito, cópias do processo e pedidos de esclarecimentos técnicos ao Departamento de saneamento;
c) — Os pedidos das cópias do processo serão feitos até 15 dias antes da data limite para a entrega das propostas.
d) — O custo do processo é de Esc. 4700$00 (acrescidos do IVA), a pagar em dinheiro ou cheque passado a favor do tesoureiro da CML.
7 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até ás 17.30 horas do 45.º dia contado a partir do di seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República»;
b) — A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração Geral, Av. 24 de Julho, 171-D 1300 Lisboa.
c) — As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.
8 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito;
b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 7 alínea b), a partir das 14.00 horas do dia útil seguinte ao da entrega das propostas;
9 — A caução é de 5% do valor total da adjudicação (depositados no acto da assinatura do contrato nos termos do Art.º 102.º do decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto). Os restantes 10% serão deduzidos na facturação mensal.
10 — O fornecimento é por **preço global**, nos termos da alínea a) do Art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
O financiamento terá como fonte, receitas municipais e os encargos serão satisfeitos por dotação do Orçamento do Município de Lisboa.
11 — Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista a celebração do contrato.
12 — O concorrente deverá possuir nos termos do Decreto-Lei n.º 100/88, de 23 de Março, o Alvará de fornecedor de obras públicas com as correspondentes autorizações.
13 — O prazo de validade das propostas é de 90 dias.
14 — A adjudicação será feita á proposta mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância:

— Qualidade técnica;
— Prazo de fornecimento;
— Preço global.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/08/13.

O Vereador,
A. Anselmo Aníbal

No Campo de Pine Cliffs

Golfe acelera no Algarve

No campo de Pine Cliffs Golf and Country Club disputou-se pela 1.ª vez a Taça «Pinhal de Falésia», torneio anual de golfe, especialmente dirigido aos representantes dos órgãos de Comunicação Social. A equipa vencedora (da zona Norte do País) capitaneada por António Massa Constâncio («Comércio do Porto»), contou com a participação de Amélia Camelo («Primeiro de Janeiro»), Jorge Trepa (RDP/Norte), Marques da Cruz (RTP/Porto) e de Fernando Alvarino (RTP/Açores).

Jogado na modalidade de «Stroke Play», o torneio opôs três equipas, que representaram o Norte, Centro e Sul do País, compostas por quatro golfistas e um capitão, todos eles pertencentes ao Clube de Golfe da Comunicação Social. Quinze jornalistas tiveram oportunidade de conhecer e experimentar o magnífico campo de nove buracos deste empreendimento, tendo ficado agradavelmente surpreendidos com as dificuldades que se lhes depararam ao longo da prova.

Entretanto, foi disptuada a 3.ª qualificativa do Troféu do Presidente. Nesta prova, o vencedor foi Ola Dybwald-Olsen, que alcançou 36 pontos, tendo sido secundado por Hélder Pinto Camelo, com 34 pontos. Desta forma, os dois golfistas juntaram-se a Teresa Abecassis (vencedora da 1.ª qualificativa, com 35 pontos) e a Jimmy Smith (um dos futuros residentes de Pine Cliffs) que, na mesma ocasião, ficou na 2.ª posição, com 32 pontos, estando apurados para a final da prova. Na 2.ª classificativa, o sueco Michael Konig (com «handicap» 16) fez a melhor pontuação (32 pontos), enquanto que Colin Briggs («handicap» 5) totalizou 28 pontos. Marcada para o próximo dia 18 a 4.ª classificativa constitui a última oportundiade de tentar ganhar um convite de Nigel Mansell para a final, a disputar em Setembro, no campo de Pine Cliffs, de que o piloto é o presidente.

Ola Dybwald-Olsen: o vencedor da 3.ª qualificativa do Troféu do Presidente

Os jornalistas nortenhos que triunfaram na 1.ª edição da Taça «Pinhal da Falésia»

Começaram as «chicotadas»

Barnabé despedido do Torreense

A notícia da 1.ª «chicotada psicológica» da temporada futebolística foi dada ontem, em 1.ª mão, no programa «Bola branca» (da Rádio Renascença) que, adiantando o despedimento de João Barnabé, do Torreeense, já apresentava declarações do dirigente local dr. Joaqum Cruz, historiando os factos:

— Entendeu-se ser melhor dispensarem-se os serviços de João Barnabé e ele já hoje (ontem) não comandou o treino. Esteve no campo apenas para se despedir dos jogadores. De momento, a equipa fica entregue ao adjunto Jean Paul.

«Vamos estudar a situação com muita prudência, certos de que encontraremos uma solução que seja boa para o clube e perfeitamente aceite pelos nossos associados. Nós até tínhamos apreço pelo trabalho de Barnabé: porém, o facto da massa associativa nunca ter gostado dele fez com que a equipa se visse envolvida em factores negativos.»

O Torreense, com três jogos efectuados no calendário da 2.ª Divisão de Honra, ainda não venceu qualquer encontro e tem apenas dois pontos. Para o lugar de treinador avançam já diversas propostas e nomes dançam no ar: Vítor Manuel, Carlos Alhinho, Mário Wilson e Fernando Peres.

Por seu lado, João Barnabé (que foi um dos adjuntos de Juca nos trabalhos da selecção nacional, ao lado de José Costa) comenta o caso do modo seguinte:

— Estranho esta atitude, que apenas me foi comunicada às nove e meia da manhã de ontem. Não a comento até ter uma conversa com o presidente (coronel Oliveira Santos) *que deve regressar dos Estados Unidos na tarde de 4.ª feira. Acho tudo isto muito confuso.*

Federação ultrapassada

Andebol: clubes organizam campeonato

A notícia chegou-nos através de declarações proferidas expressamente para o «DL» por José Gomes Machado (presidente da ANCA e ali representante do Benfica) e Fiel Farinha (delegado do Sporting nessa Associação Nacional dos Clubes de Andebol): o campeonato nacional, previsto para começar este fim-de-semana, vai sofrer uma alteração profunda, deixando de pertencer ao alvedrio federativo para passar a ser organizado pela ANCA.

Esse é o voto unânime dos clubes que, amanhã, pelas 18 horas, no Estádio de Alvalade, vão apresentar à Comunicação Social o estado em que se encontram as suas relações com a federação da modalidade, dirigida por Luís Santos.

José Gomes Machado é peremptório:

— A ANCA denunciou o protocolo celebrado com a federação e, depois de ter sido recebida pelo ministro Roberto Carneiro, quer promover os campeonatos, modificar os aspectos que tocam ao número de inscrições de jogadores estrangeiros e as questões financeiras relacionadas com a organização de jogos.

O dirigente máximo da ANCA acrescenta:

— Posso confirmar que, na conferência de Imprensa de amanhã, vão estar presentes os presidentes do Benfica, Sporting, Vitória de Setúbal e Boavista, para além de delegados de todas as outras colectividades da 1.ª Divisão andebolística. O que desejamos agora é (afinal e só) consequência da publicação da Lei de Bases do Sistema Desportivo, tal como uma adaptação às normas mais gerais para o Seguro Desportivo. Temos pena que os actuais dirigentes federativos continuem morando muito a Leste das realidades que se vivem no nosso país. Por isso vamos tomar uma posição de força: de um lado os clubes com todo o seu potencial e na barricada os dirigentes da federação que não acertaram os relógios pelo calendário.

N. de S.

Ténis: Capriati tomba no Open dos EUA

A rápida eliminação da jovem e promissora tenista norte-americana Jennifer Capriati frente à alemã (e número um do mundo) Steffi Graf, foi a nota mais saliente na 4.ª ronda do Open dos Estados Unidos.

Graf (detentora do título) não deu hipóteses a Capriati (de apenas 14 anos) vencendo-a pelos parciais de 6-1 e 6-2, que traduzem a nítida superioridade da tenista germânica.

Capriati, que se tornou profissional em Março passado, teve possibilidade de testar as suas enormes potencialidades frente à melhor tenista do mundo da actualidade, mas o domínio da sua antagonista foi avassalador: «Capriati recebeu uma lição de ténis da número um do mundo», comentou o seu treinador, Tom Gullikson, que não deixou de sublinhar a boa prestação da tenista norte-americana no Open de Flushing Meadow. Apesar de derrotada, Capriati não se mostrou muito abatida com o seu afastamento, afirmando aos jornalistas: «Agora sei o que é jogar em torneios do Grand Slam. Aprendi imenso com Graf, mas isso não é o fim do mundo para mim.»

A checoslovaca Jana Novotna (12.ª cabeça-de-série) esteve em evidência, ao superar a búlgara Katerina Malleva (7.ª cabeça-de-série) pelos parciais de 6-4, 6-2, passando aos quartos de final da prova, onde lhe cabe defrontar Steffi Graf.

A inesperada eliminação de Maleeva surge um dia após a sua irmã mais velha (Manuela Maleeva) ter batido a veterana norte-americana Martina Navratilova (2.ª cabeça-de-série) pelos parciais de 7-5, 3-6 e 6-3.

Nas outras partidas da 4.ª ronda, a norte-americana Zina Garrison (4.ª cabeça-de-série) afastou a francesa Nathalie Tauziat pelos parciais de 6-1 e 7-5, enquanto a espanhola Arantxa Sanchez Vicario também não teve de suar muito para derrubar a austríaca Barbara Paulos (6-4, 6-3).

No sector masculino, o alemão Boris Becker (2.º cabeça-de-série do torneio) teve de se empregar a fundo para levar de vencida o australiano Darren Cahill, numa maratona de cinco «sets», com os parciais de 2-6, 6-2, 6-3, 3-6 e 6-4. O soviético Andrei Cherkasov teve missão mais fácil frente ao sul-africano Christo van Rensburg, triunfando por 6-4, 6-4, 7-5, enquanto Andre Agassi (EUA) bateu o seu compatriota Jay Berger por 7-5, 6-0, 6-2. Na outra partida de singulares, Aaron Krickstein (EUA). 9.º cabeça-de-série, apenas necessitou de três «sets» (6-3, 6-4, 6-4) para se impor ao israelita Amos Mansdorf.

Para os jogos com a Finlândia

Selecção com Barros à espera de Futre

Garantido pela palavra de Artur Jorge: *«embora não participe no estágio dos restantes atletas, Paulo Futre foi cedido pelo Atlético de Madrid para o confronto Finlândia-Portugal, seguindo de Espanha directamente para Helsínquia e, na 2.ª feira, esperando aí os seus companheiros.*

As selecções nacionais «A» e de Esperanças, que nos próximos dias 11 e 12 defrontam as formações finlandesas, em jogos de apuramento para os respectivos Europeus, concentraram-se ontem em Lisboa. Semedo foi a única excepção na selecção «A»: lesionado, em consequência de choque com um adversário no jogo que o FC Porto disputou com o Boavista, foi dispensado da concentração.

«Futre fora considerado incapaz, e por isso não foi convocado. A situação, entretanto, modificou-se, pois o Futre já jogou em Valência. Assim, vamos avançar no sentido de o convocar, e só depois saberemos com o que contamos», esclareceu Artur Jorge.

A presença de Rui Barros é, por outro lado, uma nota diferente na concentração: o jogador do Mónaco mostra-se em boa condição física, denotando igualmente excelente disposição: *«estou satisfeito com a minha carreira em França. Ao fim e ao cabo, o futebol é igual em todo o mundo. Na Juventus realizei boas e menos boas exibições. No Mónaco, onde ainda tenho pouco tempo de integração, já fiz também coisas melhores e outras nem tanto. Mas estou contente por jogar num clube que me recebeu muito bem.»*

Rui Barros interrompe na 5.ª feira o estágio, para viajar até França, a fim de (sábado próximo), jogar mais um encontro do campeonato francês, regressando domingo a Lisboa.

A selecção «A» vai cumprir dois treinos diários até sábado, partindo 2.ª feira, às 15 e 10 para Helsínquia, em cujo estádio olímpico Portugal defronta (na 4.ª feira seguinte), às 17h (horas portuguesas), a representação finlandesa, com a RTP-2 a transmitir em directo. Encontram-se concentrados os seguintes jogadores da selecção «A»: *Guarda-redes:* Silvino (Benfica) e Vítor Baía (FC Porto); *defesas:* João Pinto (FC Porto), José Carlos (Benfica), Venâncio (Sporting), Sobrinho (Belenenses), Jorge Ferreira (Vitória de Setúbal), Veloso (Benfica) e Fonseca (V. Guimarães); *médios:* Hernâni (Benfica), Vítor Paneira (Benfica), André (FC Porto), Oceano (Sporting) e Gonçalves (Belenenses); *avançados:* Rui Águas (Benfica), Pacheco (Benfica), Cadete (Sporting) e Rui Barros (Mónaco).

De assinalar o regresso do portista João Pinto, já recuperado da lesão que o afastou do lote escolhido para o encontro com a RFA, e as saídas de Galo (Belenenses) e Soeiro (V. Guimarães), que Artur Jorge chamara para o jogo da Luz.

Por seu lado o técnico responsável pela formação «Sub-21», António Oliveira, conta com os seguintes jogadores para o compromisso da Finlândia: Resende (Académico de Viseu), Neves (Aves), Rui Neves (Estrela da Amadora), Abel e Secretário (Penafiel), Fernando Couto, Jorge Couto e Morgado (FC Porto), Folha, José Nuno, Paulo Alves e Valido (Gil Vicente), Tozé (Leixões), Mário Fonseca (Freamunde), Paulo Madeira e Sousa (Benfica), Gama (Sporting de Braga), Amaral e Filipe (Sporting), José Carlos (Varzim), Hélio (V. Setúbal) e João Pinto (Atlético de Madrid). A selecção de «Esperanças» cumprirá, também, dois treinos diários até sábado, estando a partida para a Finlândia marcada para as 12 h do próximo domingo. O encontro com os «Sub-21» finlandeses realiza-se na 3.ª feira às 16 e 30 portuguesas, na cidade de Lahti, a cerca de meia centena de quilómetros de Helsínquia.

Adversários

O avançado Mika Lipponen faz parte da lista de 18 futebolistas finlandeses convocados pelo técnico Jukka Vakkila para o jogo com Portugal. Lipponen esteve em dúvidas para integrar o lote dos escolhidos por Vakkila, em virtude de ter estado lesionado.

Finlândia e Portugal integram o grupo seis de apuramento do «Europeu» juntamente com a Holanda, Grécia e Malta. A lista dos eleitos por Jukka Vakkila é composta pelos seguintes futebolistas: Olli Huttunen, Jurki Rovio, Jari Europaeus, Ilkka Remes, Erik Holmgren, Ari Heikkinen, Markku Karneva, Patri Jarvinen, Ari Hjelm, Marko Myyry, Pasi Tauriainen, Tommi Paavola, Kimmo Trakkio, Jari Rinne, Mika-Matti Paatelainen, Mika Lipponen, Erkka Petaja e Jari Litmanen.

Braga-União no sábado

O jogo Braga-União da Madeira, referente à 3.ª jornada do Campeonato da 1.ª Divisão, está marcado para sábado às 21 e 30. Este desafio foi adiado do último fim-de-semana em virtude do protesto apresentado pelo Portimonense em relação a um dos encontros do Torneio de Competência em que participou a turma madeirense.

Ao mesmo tempo, o Estrela da Amadora solicitou à federação a antecipação para dia 15 do jogo em casa frente ao Tirsense, a contar para a 4.ª jornada do Nacional. Caso o pedido seja aceite, o embate terá lugar pelas 17 horas, no Estádio José Gomes (Reboleira) devendo os restantes jogos disputarem-se dia 16, conforme consta do calendário.

O pedido de antecipação do jogo visa dilatar o período que separa aquela jornada do Campeonato da 1.ª eliminatória das competições europeias, já que o Estrela da Amadora participa na Taça das Taças.

«LUSÁGUA — GESTÃO DE ÁGUAS, S.A.»

JOSÉ ATAÍDE ROCHA, 1.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa,

CERTIFICO que foi alterado o objecto da sociedade, tendo em consequência o art.º 3.º do respectivo contrato ficado com a seguinte redacção:

«ARTIGO 3.º

1 — A sociedade tem por objectivo o estudo, a concepção, a instalação, a manutenção, a gestão e a exploração de sistemas de abastecimento de água e de evacuação e tratamento de resíduos líquidos ou sólidos, bem como quaisquer actividades com estas directamente relacionadas, designadamente, assistência técnica, controlo laboratorial, fiscalização de processos e formação.»

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

Está conforme.

Lisboa, 27 de Agosto de 1990.

O Ajudante,

José Ataíde Rocha

INSUCESSO ESCOLAR?!

Aprende electricidade, electrónica, rádio, TV, durante 10 meses, aulas teórico-práticas de 3 horas das 08.00 às 23.00. Mais de 600 contos de material didáctico por aluno.

Início do curso 1 de Outubro, assiste gratuitamente a uma semana de aulas, quando desejares.

MÍNIMOS

4.ª classe ou 6.º ano de escolaridade (16 anos).

DIPLOMA CARTEIRAS PROFISSIONAIS

De Técnico de Electrónicaa, Rádio, TV e de Electricista de Baixa Tensão. Válidas em todos os países com sindicatos.

PREÇO: 200+7 mil escudos em 10 prestações mensais de 20 mil.

ESCOLA LASER

Capacidade para 870 alunos.

Praça Bernardo Santareno, 3-B 1900 Lisboa — Tel. 805801 - 809557

Metro Areeiro, autocarros 15-27-35-40

(Alugamos salas-aula)

FÉRIAS EM AGOSTO

I Série N.º 204
Dia 4 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 53/90:
Autoriza o Governo a legislar em matéria de associações de pais e encarregados de educação.

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 788/90:
Aprova o Regulamento Técnico Relativo ao Projecto, Exploração e Manutenção de Redes de Distribuição de Gases Combustíveis.

Portaria n.º 789/90:
Aprova o Regulamento Técnico Relativo ao Projecto, Construção, Exploração e Manutenção das Instalações de Gás Combustível Canalizado em Edifícios.

N.º 201
Dia 31 de Agosto

SUPLEMENTO

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 268/90:
Permite que o provimento de cargos e o exercício de funções por militares nos quadros permanentes do Ministério da Defesa Nacional se efective em regime de comissão normal de serviço. Altera os artigos 19.º e 20.º do Decreto-Lei n.º 46/88, de 11 de Fevereiro (Lei Orgânica do Ministério da Defesa Nacional).

Decreto-Lei n.º 269/90:
Cria e regulamenta o Fundo de Pensões dos Militares das Forças Armadas.

PESSOAS & FACTOS

LAR preside em Estocolmo a reunião da ERA

Sob a presidência do comandante Palma Rodrigues, em representação da companhia aérea portuguesa LAR-Transregional, realizou-se em Estocolmo a reunião do Industry Affairs Comitee da ERA (Associação Europeia das Linhas Aéreas Regionais).

Parte da reunião foi dedicada ao estudo apresentado pela Comissão das Comunidades Europeias sobre o congestionamento das infra-estruturas aeroportuárias em alguns aeroportos europeus, tais como Heathrow, Gatwick, Frankfurt e Dusseldorf. Segundo o referido documento, o tráfego europeu cresceu a um ritmo de 8% nos últimos 5 anos, a que não correspondeu o desenvolvimento das infra-estruturas aeroportuárias.

Foi igualmente referida a posição da ERA sobre a liberalização do espaço aéreo europeu e reafirmado que as restrições que possam vir a ser impostas às companhias de aviação regionais ou aos aeroportos regionais, vão ter como resultado restrições ao desenvolvimento das regiões servidas pelo transporte aéreo. De facto, mais de 65% dos serviços operados pelas companhias de aviação filiadas na ERA preenchem um papel vital no desenvolvimento regional.

Três milhões de clientes no Albufeira Jardim

No fim de Agosto, o **Albufeira Jardim**, unidade composta por apartamentos turísticos em Albufeira, a capital turística do Algarve, atingiu três milhões de clientes.

Tendo iniciado a sua actividade em 1972, sob a administração da Admitur, o complexo hoteleiro, que está integrado no Vila Magna Hotéis, acolheu o casal alemão Eva-Maria e Gumter Ottle, clientes de um dos mais importantes 'tour-operadores' germânicos, a TUI, com um conjunto de menifestações que encerraram com um jantar a que esteve presente o governador civil de Faro, o presidente da Câmara de Albufeira e o presidente da Região de Turismo do Algarve.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros na faixa costeira ocidental durante a madrugada e manhã. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado e com neblinas ou nevoeiros durante a madrugada e princípio da manhã, no litoral Oeste. Vento fraco soprando moderado de Noroeste para a tarde no litoral Oeste.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo apresentamdo-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste. Neblinas ou nevoeiros durante a madrugada e manhã na faixa costeira ocidental.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros nas vertentes viradas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação sueste inferior a 1 metro na Costa Sul.

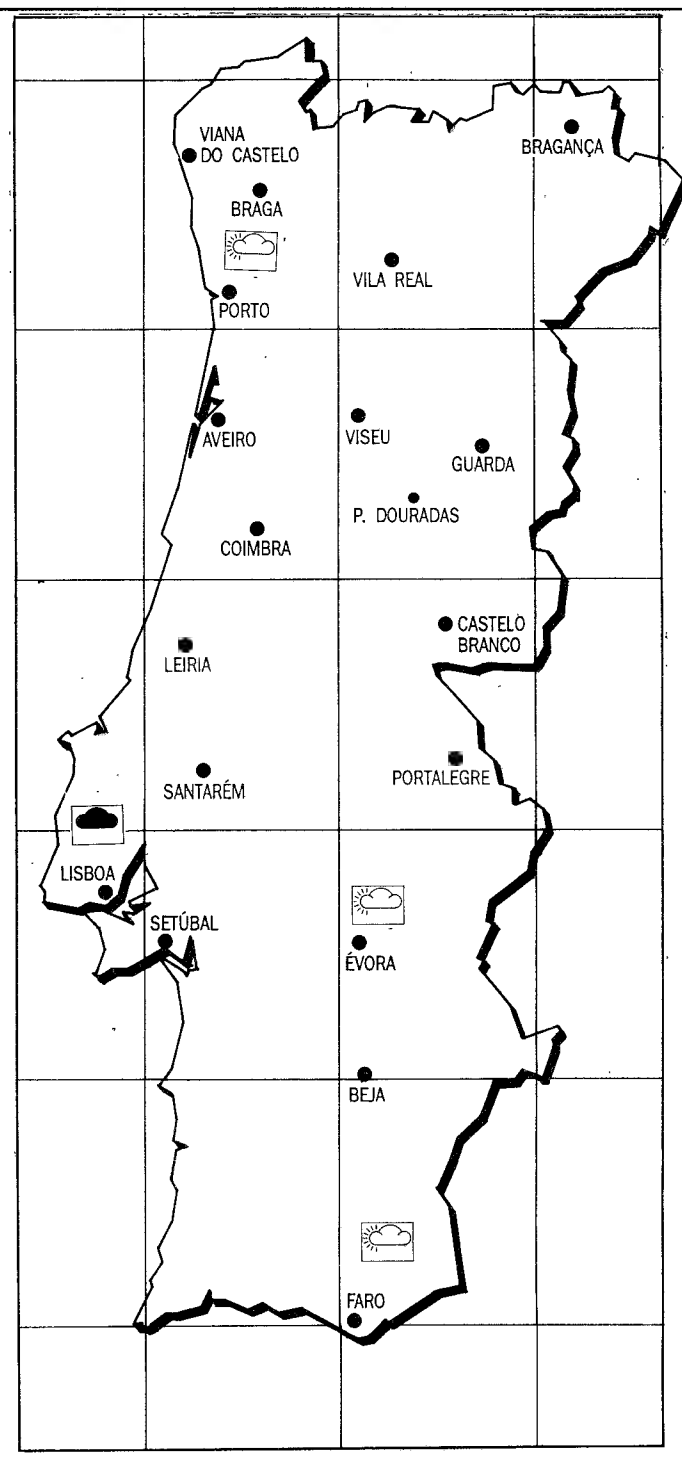
No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

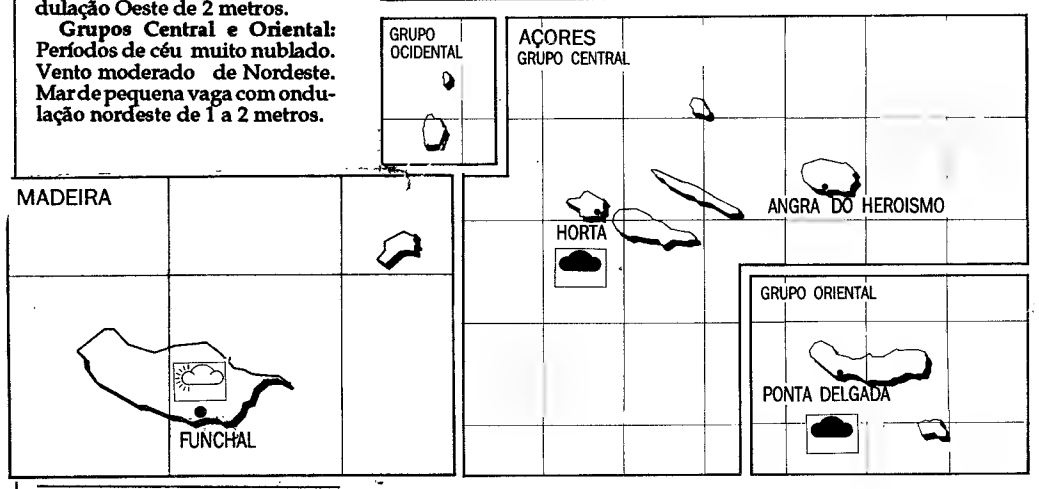
Amanhã e depois
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, sendo fraco no Funchal. Aguaceiros fracos.

AÇORES

Grupo Ocidental : Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Mar encrespado com ondulação Oeste de 2 metros.

Grupos Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga com ondulação nordeste de 1 a 2 metros.





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.31	3,5m	09.04	0,7m
15.43	3,8m	21.26	0,5m

Amanhã

04.05	3,6m	09.39	0,5m
16.19	3,9m	22.01	0,4m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	16	16	P. nub.
V. Castelo	14	14	Nevoeiro
Vila Real	17	17	P. nub.
Porto	14	16	Nevoeiro
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	16	16	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	Limpo
C. Branco	17	17	P. nub.
Portalegre	22	23	P. nub.
Lisboa	17	18	Limpo
Évora	17	17	Neblina
Beja	16	16	Limpo
Sines	-	-	-
Faro	19	19	Limpo
Sagres	18	18	P. nub.
P. Delgada	21	21	M. nub.
Horta	21	21	M. nub.
Funchal	22	22	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 22; Faro, 29; P. Delgada, 25; Funchal, 27.

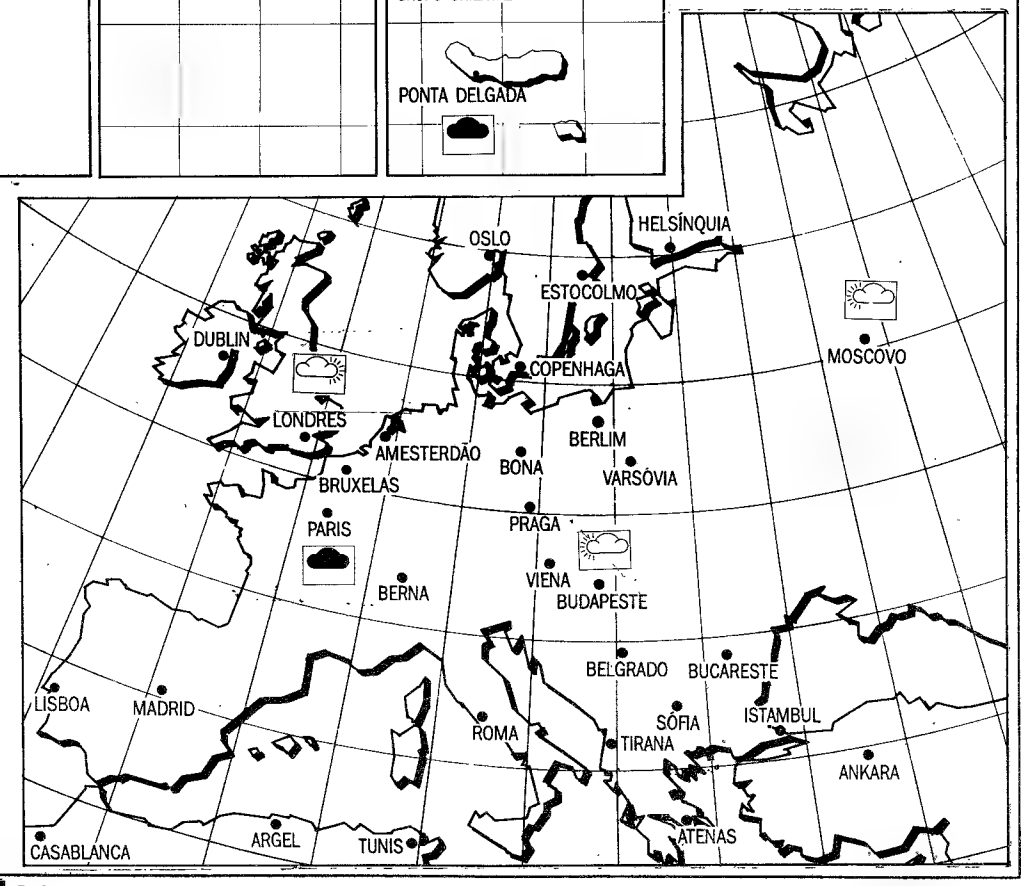
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	18	19	M. nub.
Londres	11	11	P. nub.
Paris	18	18	M. nub.
Bruxelas	14	15	Chuva
Amesterdão	15	16	Aguaceiros
Genebra	10	11	P. nub.
Roma	16	18	Neblina
Oslo	13	13	Encoberto
Copenhaga	14	15	M. nub.
Estocolmo	4	7	P. nub.
Berlim	13	13	Encoberto
Viena	13	13	M. nub.
Varsóvia	4	8	Limpo
Atenas	23	24	P. nub.
Moscovo	9	10	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	10	13	Limpo
Caracas	20	28	Limpo
Hong Kong	29	33	Limpo
Joanesburgo	3	15	Nublado
Los Angeles	19	28	Nublado
Montreal	15	27	-
Nova Deli	-	-	-
Nova Iorque	20	30	Nublado
Rio de Janeiro	9	21	Nublado
São Francisco	15	21	Nublado
São Paulo	-	-	-
Tóquio	25	31	Limpo

*** Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica**



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Lumiar:** Patuleia, Alameda Linhas de Torres, 262-B. Telefone 7590332; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Poço dos Negros:** Valentim, Rua Poço Negros, 88-90. Telefone 601453; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A. Telefone 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1 9311203; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Baixa:** Normal de Lisboa, Rua da Prata, 220. Telefone 878342; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30. Telefone 3960955; **Chile-Alameda:** Nobel, Rua Actor Vale, 53. Telefone 8141052; **Conde Redondo-Santa Marta:** Davi, Rua Conde Redondo, 68-72. Telefone 554342; **Pampulha-Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39. Telefone 667460; **Quinta da Luz-Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E. Telefone 7145271; **Santo Amaro:** Botânica, Rua da Junqueira, 38-40. Telefone 3638132; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17. Telefone 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Paço de Arcos: Pagana, Av. Eng.º Bonneville Franco. Telefone 4435147. Até às 22 horas; **Oeiras:** Ribeiro, R, Dr. Flávio Resende, 9-A. Quinta Marques. Telefone 4466066. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R.Elias Garcia, 167. Telefone 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173. Telefone 9214103. Até às 22 horas; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Telefone 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Galeno. R. Capitão Leitão, 85-B. Telefone 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 Outubro, 62. Telefone 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82. Telefone 2954436. Até às 19 horas; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A. Telefone 2901060. Até às 19 horas; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A. Telefone 2296464. Até às 22 horas; **Sesimbra:** Leão. Av. Liberdade, 13. Telefone 2233471. Até às 19 horas; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C. Telefone 2043126. Até às 19 horas; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A. Telefone 2040141. Até às 19 horas; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz, Casal do Marco. Telefone 2210369. Até às 22 horas.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

A MOSCA

A PAISAGEM DA PROVÍNCIA ESTÁ A SER AFECTADA

90 KM/H É O LIMITE PARA OS NEOCONDUTORES

PAULO VI CONTRA A VENDA

A paisagem da província está a ser afectada

- A tragédia de Odivelas, nas cheias de 1967, não teria ocorrido se no nosso País existisse uma política de solos - afirmou-nos, esta manhã, ao sublinhar a importância do Congresso da Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas, a inaugurar domingo, na Fundação Gulbenkian, o sr. Leonel Fadigas, tirocinante de arquitectura paisagística da Câmara Municipal de Lisboa.

90 Km/h é o limite para os neocondutores

Alterações no Código da Estrada: «os condutores não profissionais que estejam habilitados a conduzir veículos de determinada classe há menos de um ano não poderão exceder a velocidade instantânea de 90 Km/h quando conduzam esses veículos...»

Paulo VI contra a venda de armas à África do Sul

Fontes bem informadas em Lusaka disseram hoje que o Papa Paulo VI enviou uma mensagem ao presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, dizendo que se opõe à venda de armas inglesas à África do Sul.

EFEMÉRIDES

1980

• O general António Ramalho Eanes, anuncia a sua recandidatura à Presidência da República.

• Tem início a guerra entre o Iraque e o Irão.

• O Presidente da República empossa o Oitavo Governo Constitucional. presidido por Pinto Balsemão.

1984

• O secretário-geral adjunto da ONU, Rafendin Ahmed, chega a Lisboa a convite do Governo português para debater diversos assuntos, nomeadamente o problema de Timor-Leste.

• Fernando Mamede ganha a prova dos 10 000 metros do «meeting» internacional de atletismo de Paris.

1985

• Começa a circular em Israel uma nova moeda, o novo shekel, que vale 1000 dos antigos shekel.

1986

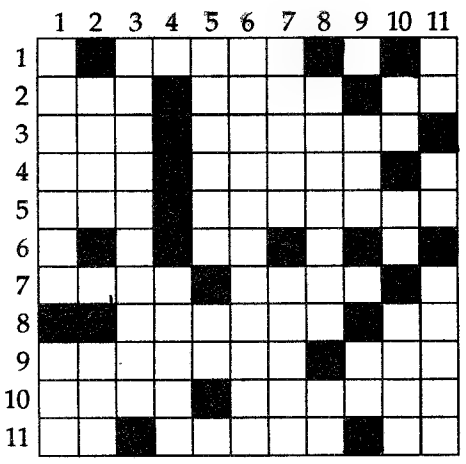
• O Presidente da República veta o novo estatuto de autonomia dos Açores.

• Morre, no Rio de Janeiro, o treinador de futebol Otto Gloria, que contava 69 anos

1989

• Morre o escritor belga Georges Simenon, 86 anos, criador da figura do comissário Maigret, traduzido em 70 línguas e com tiragens superiores a 500 milhões de exemplares.

PALAVRAS CRUZADAS



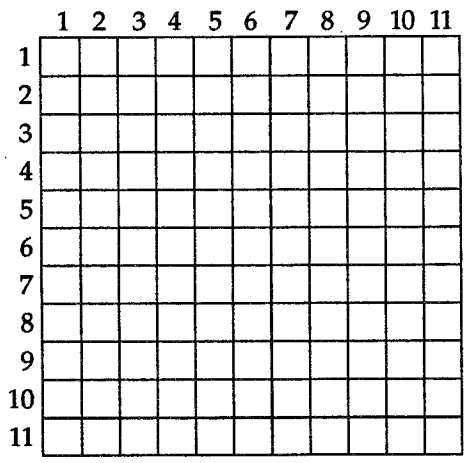
PROBLEMA N.º 17995

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Célebre ditador romano. Artigo definido.
2 - Forma apocopada e proclítica de vale. Lavrei. Cério (s.q.).
3 - Sufixo que designa pequenez. Aragens.
4 - Ente. Nome do deus peixe a quem os Caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país.
5 - Cidade de Espanha. Inanimado.
6 - Antes de Cristo.
7 - Escarnecem. Serra de Portugal.
8 - O mesmo que garçota (ave e pl). Crença.
9 - Cálidos. Uma das Espórades.
10 - O mesmo que urso (ant). República da Europa meridional entre o Mediterrâneo, os Alpes e o Adriático.
11 - Duas vogais desiguais. Planta têxtil. Brisa.

VERTICAIS:

1 - Ver. Pronome relativo.
2 - Ímpio. Emprega.
3 - Instrumentos musicais de sopro.
4 - Tempo do verbo ser. Macacos.
5 - Freguesia do concelho de Odemira. Item.
6 - Desenraizareis.
7 - Impera. Apelido.
8 - Livres. Alumínio (s.q.).
9 - Agarrei. cloro (s.q.)
10 - Césio (s.q.). Mulo. Pico na serra de Monchique.
11 - Preposição. Germânio (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.



PROBLEMA N.º 16805

HORIZONTAIS:

1 - Vila e sede de concelho (Castelo Branco)
2 - Freguesia do concelho da Covilhã. Além.
3 - General de Napoleão. Mencionar.
4 - Preposição e artigo (pl). República federativa da Ásia meridional membro do Commonwealth.
5 - Indague. Transpira.
6 - Fútil. Fisiologista inglês, Prémio Nobel em 1922 por seus trabalhos sobre os músculos. Mil e cem em romano.
7 - Verso. Escavais.
8 - Enfeitas. Aqui está.
9 - Remas para trás. Fileira.
10 - Filtrar. Limpara metais.
11 - Atacariam.

VERTICAIS:

1 - Vila e sede de concelho (Coimbra). Centiare.
2 - De cobre, zinco ou bronze. Cabrito-montês (pl).
3 - Cidade da Polónia. Esteiros.
4 - Preposição latina que designa movimento. Comera à ceia.
5 - Freguesia do concelho de Salvaterra de Magos.
6 - Planta utilizada em salada. Átomo.
7 - Freguesia do concelho de Amares. Batráquio.
8 - Escavai. Vi. Prefixo que designa ar.
9 - Rumos. Carimbai.
10 - Nota musical. Artigo indefinido. Palmeira da Amazónia.
11 - Pessoas que perseguem outra com pedidos (pl). Antes do meio-dia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO N.º 17 994

HORIZONTAIS: 1 - ONDE. CHORAM. 2 - Soera. Anula. 3 - Atiá. Cid. Oc. 4 - Catre. Aiara. 5 - Airó. NS. 6 - Orava. 7 - Saí. Aué. Não. 8 - Andor. Reata. 9 - It. Mingas. 10 - Der. Aia. Cai. 11 - Ossos. Moeis.
VERTICAIS: 1 - Osaca. Saído. 2 - Nota. CANTES. 3 - Deita. Id. Rs. 4 - Erário. Om. 5 - Errarias. 6 - Oaú. Ni. 7 - Haia. Vergam. 8 - Ondina. Ea. 9 - Ru. As. Nasce. 10 - Alor. Cat. Aí. 11 - Maçar. Oásis.

SOLUÇÃO N.º 16 804

HORIZONTAIS: 1 - Galuzo. Gela. 2 - Uman. Ro. Ar. 3 - Ao. Imanasse. 4 - Traçar. Osa. 5 - Entornaria. 6 - Maus. AC. TSF. 7 - Ara. Claro. 8 - Léria. Lusos. 9 - Ama. Nome. Ag. 10 - Pg. Aluía. 11 - NS. Saíra. Or.
VERTICAIS: 1 - Guatemala. 2 - Amornaremos. 3 - La. Atuara. 4 - Únicos. PS. 5 - Mar. Canga. 6 - Arnal. 7 - Rn. Acalmar. 8 - Goa. Ruela. 9 - Soito. 10 - Lassas. Oaio. 11 - Área. Fisgar.

PROVÉRBIO: ONDE CHORAM NÃO CANTES.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John McTieman
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Vaiman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
CAT - A VINGADORA
Filme de Alan Amiel
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
ALIENS - O RECONTRO FINAL
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA
Encerrado para férias

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO PARA RICOS E POBRES
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
O DINHEIRO
Filme de Marcel L'Herbier, às 18.30
DAMA, VALETE E REI
Filme de John Ford, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Jack Sholder
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
O CADILLAC DO AMOR

«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
FANTASIA
M/4 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ANJO NEGRO
Filme de Craig R. Bayley
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXUALMENTE ESCANDALOSA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
FILIPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTA
Filme de Lino de Brocka
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
Filme de Bob Radler
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Sérgio Martino
M/16 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

S I N T R A

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
SERES DO ESPAÇO
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

L I S B O A

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3.ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

MONTE ESTORIL TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

P O R T O

SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3.ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e Castro
Interpretações de Badaró, Maria Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e Carlos Areias.

S E T Ú B A L

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI
Av. Luisa Todi - T. 522127
Às 18.30 e 21.45
DR. KNOCK OU O TRIUNFO DA MEDICINA
de Jules Romains
Em cena até dia 14

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

15.00: Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

15.00: Música na Tarde; **17.00:** Ciência e Tecnologia... A Procura sem Fim; **17.30:** Efemérides. Darius Milhaud; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - A Integral dos Trios para piano, violino e violoncelo de Beethoven; **19.40:** Álbum Musical. Obras de Mozart, Tchaikovsky, Kurt Weill, Mahler, Carl Maria von Weber, Monteverdi e Johann Strauss; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Dois concertos para violino de Delius e Saint-Saens; **22.00:** Concerto Barroco. Obras de Bach e Handel; **23.00:** Eurorádio. Concerto de música de câmara em que participam: Emanuel Ax em piano, Young Uck Kim em violino e Yo Yo Ma em violoncelo; **00.55:** Obras da 1.ª metade do sec. XX; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

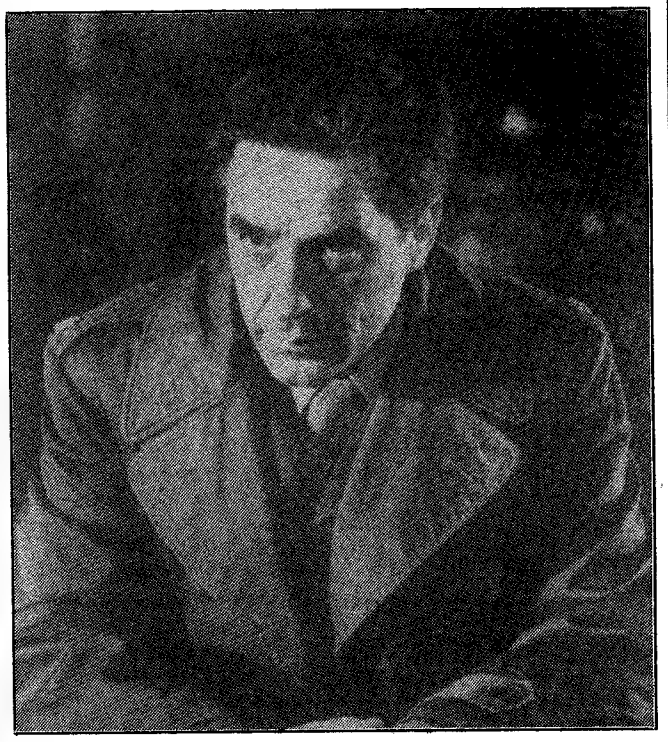
RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Jornal das Vinte (Inf. Religiosa); **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Universidade Aberta; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

No 1º canal às 22.15, o 8º episódio da série «Saracen»



«Tempo de Amar», um filme de John Cassavetes, no 2º canal às 21.50

HOJE

RTP-1

15.30 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
16.20 - DAMON AND DEBBIE
2º Episódio
17.05 - O MUNDO ANIMAL
«Os Animais do Mar de Bering»
17.35 - BRINCA BRINCANDO
Com «Bill - O Ama Seca», «Ferdy», «Os Biscoitinhos» e «Hey Bumboo»
18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
52ºEpisódio
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - SARACEN
8º Episódio
23.15 - 24 HORAS
23.45 - REMATE

RTP-2

15.30 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Destino Aventura»
Bloco B: «Colt em Acção»
16.55 - OS NOVOS CAÇA-FANTASMAS
17.20 - OS HENDERSON
É uma série australiana de vinte e quatro espisódios que conta a história de Alice Henderson. Ela vive na cidade com dois filhos, Steve e Tamara. Defende com determinação uma propriedade de família que Ashley se esforça por adquirir ambiciosamente. Quando Alice morre, os dois filhos herdam a propriedade e vão viver para lá com o tio Mike, um jovem polícia.
17.40 - NO RASTO DOS ANIMAIS SELVAGENS
8º Episódio
18.25 - O HOMEM DA CARABINA
2º Episódio
18.50 - TI - TI - TI
12º Episódio
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Lucas e Filho»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«Tempo de Amar» (Minnie and Moskovitz) E.U.A. (1971): é mais uma excelente realização de John Cassavetes onde possívelmente o grande cineasta americano conseguiu pela primeira vez o mais perfeito equilíbrio entre o seu gosto por um cinema de rua, espontâneo e realista e as convenções do cinema de Hollywood. Assim a liberdade criativa de Cassavetes, a sua linguagem simples e directa alia-se a um argumento bem estruturado contado de forma lógica e contínua nesta história sobre dois inadaptados que se conhecem por acaso, se apaixonam por curiosidade e acabam por casar apesar de uma tragectória em comum pontuada por divergências, discussões e desentendimentos. «Tempo de Amar» é assim um sentido e envolvente retrato da realidade e do seu jogo irónico com o sonho embalado que Cassavetes manipula com inegável mestria e talento ao mesmo tempo que é servido por um elenco de grandes interpretes com destaque para Gena Rowlands e Seymour Cassel nos principais papéis.
Duração: 111 minutos
23.45 - UNIVERSIDADE ABERTA

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - CLÍNICA GERAL
14.20 - ESTRADA LARGA
14.50 - T'PAU LIVE
15.40 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
16.35 - ACÇÃO EM MIAMI
17.20 - O MUNDO ANIMAL
17.45 - BRINCA BRINCANDO
18.45 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.05 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.15 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Flash Gordon»
23.30 - 24 HORAS
00.00 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA, ESCOLHA!
16.35 - O LICEU DEGRASSI
17.00 - O MENINO DOUTOR
17.25 - NATIONAL GEOGRAPHIC
18.20 - O HOMEM DA CARABINA
18.45 - TI - TI - TI
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - TRÊS MOEDAS PARA SARAH
22.25 - SÉCULO XX
«Hotel Terminus - A História de Klaus Barbie»
23.20 - FADOS DO FADO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 SARACEN
RTP 2 CINEMADOIS
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Profundamente afectado pela crise petrolífera, Portugal vive um momento crucial da sua integração europeia»

Mira Amaral, ministro da Indústria, nos jornais, 3.Set.90

A PERGUNTA DO DIA

Gentil Martins
médico

Como médico, que pensa da medicina popular, a propósito do congresso de Vilar de Perdizes?

A medicina popular é um dado histórico que tem o valor da invenção da roda. Foi pela medicina popular que se iniciou o que é hoje a medicina científica. Não faz pois sentido, encarar a medicina popular como substituta ou alternativa à medicina moderna, dada a diferença de eficácia das duas. Como dado cultural é importante e como estudo tem todo o interesse. Não podemos esquecer que muitos dos produtos hoje utilizados com rigor científico resultaram da síntese química de produtos que foram primeiro descobertos em certas plantas usadas como medicamentos há centenas de anos, mas sem o rigor que a medicina actual permite. A medicina popular deve ser estudada, mas tem que ser vista na sua perspectiva cultural e histórica e não para tratar doentes na época em que vivemos. A não ser que, a doença seja do foro psicológico e não uma doença real. Não há dúvida que a simples suguestão pode resolver muitas situações em que o doente se sente sofrer realmente.

Quarta-feira no
Diário de Lisboa
Macau é uma questão de Estado entrevista com Magalhães e Silva

Eurodeputados preparam-se em Portugal

Antevisão do Festival da Figueira

Beja Santos e as palavras mágicas do consumerismo

ENTREVISTA

Medeiros Ferreira não acredita que haja guerra no Golfo e tem vindo a ganhar todas as apostas que faz numa solução negociada da crise. É que, para a guerra a sério, já não se parte de barco

Guerra no Golfo é improvável

«Há uma falha no nosso sistema para resposta a este tipo de crise externa» afirma Medeiros Ferreira

D.L. Vai ou não haver guerra no Golfo?

M.F. Fui fazendo várias apostas de que não haveria guerra em Agosto e já as ganhei: se houvesse uma intenção bélica, os Estados Unidos não utilizaria o método de aproximação naval e o embargo que, no fundo, são de natureza negocial. Quando os Estados Unidos privilegiam este método estão a dar tempo e sinais de que é necessário uma negociação. Ainda é esta a essência da actual manobra internacional. Se houvesse uma intenção bélica tudo seria diferente. Utilizar-se-ia o ataque aéreo que não dá tempo para negociações. Mas convém ter em atenção que os Estados Unidos já alcançaram um resultado indirecto extremamente importante, que é o da manutenção de tropas a expensas dos próprios países onde estão estacionadas. Isto pode permitir também uma negociação com o Iraque em que este país surge aparentemente numa posição de força; todavia, em termos de negociação os Estados Unidos possuem os instrumentos para exercer uma influência maior.

D.L. Dentro do grande tema do Golfo, que problema dominará a cimeira Bush/Gorbachov?

M.F. Um dos problemas que será discutido terá a ver com a atitude a tomar em relação aos países que se aproximam da aquisição de um instrumento atómico. Veremos se há um entendimento entre os Estados Unidos e a União Soviética quanto a uma política dissuasora dirigida áqueles países. Não acredito que haja guerra, mas, se houver, não será clássica porque serão utilizadas a arma atómica e a arma química.

D.L. Que pensa da atitude do Governo português nesta crise?

M.F. Esta crise tem entre outras duas características importantes. Uma é o facto de não ter havido na opinião pública mundial a menor previsão de que o Iraque poderia intervir no Kuwait. Foi uma surpresa. Digamos que havia um vazio na região. O Golfo estava muito desguarnecido e podemo-nos perguntar em que medida não era previsivel a crise actual. A outra característica, uma das negativas - e refiro-me agora a Portugal - foi que os orgãos de informação não souberam proteger-se das ondas de propaganda. Isto impediu os dirigentes portugueses de terem os reflexos e as atitudes apropriadas. Não se souberam impor à linguagem dos media. Esta crítica vale para o Governo, para a oposição e para os orgãos de informação. O Governo foi provocado pela oposição no sentido de tomar uma atitude e tomou a de menor custo possível; mas penso que a oposição também não se sai bem com as críticas que formula. Uns e outros demonstram que há uma falha no nosso sistema para resposta a este tipo de crise externa.

J.P.O

meteorologia

A Lista

Momento solene mitigado de terror - reescrever esse caderninho de bolso cheio de números telefónicos, algumas centenas consideradas, com ou sem razão, de primeira necessidade. Quem vive em contactos permanentes e variáveis compreende facilmente que um número telefónico na mão é melhor do que dois *faxes* no telhado: no momento exacto pode ser importante, e, quiçá, decisivo. Aliás - deixa-me ver o teu repertório telefónico particular, dir-te-ei quem és.

Essa preciosidade - a lista - precisa de ser cultivada: *conservada* em boas condições de legibilidade, *renovada* consoante os tempos que passam. Movimentos contraditórios? Talvez. Não obstante, aproveitei o meu último fim de férias para a obra, depois de adiamentos sucessivos.

Vejamos em que consiste, em linhas gerais, um saneamento destes:

a) na reflexão sobre os contactos interrompidos, entupidos, outras amizades moribundas, mortas até,

b) na meditação sobre os nomes dos falecidos que, ao cortarmos, enterramos pela segunda vez,

c) na averiguação dos nomes que não nos dizem absolutamente nada; por exemplo, quem é esta Jacqueline de número esquisito, não daqui... E todavia, figurava durante anos alfabeticamente ordenada,... Assim, há números durante anos em dormência.

d) Na constatação dos nomes-números agora juntos, ou, pelo contrário, na maioria dos casos, separados. Coisas familiares.

e) nas mudanças dos possuidores de telefones directos nos Ministérios e instituições afins.

Isto, sem falar do conhecido jogo sádico da rede lisboeta de mudar e acrescentar números.

Finalmente, a agenda telefónica novinha em folha fica preparada para enfrentar a próxima temporada. Uma vida em variações do 0 até ao 9.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Miguel Beleza considera feliz não adesão ao SME

O ministro das Finanças português, Miguel Beleza, considerou uma «felicidade» o facto de Portugal não estar ainda submetido à total liberalização de capitais ou a uma disciplina rígida, ao contrário do que aconteceria se tivesse já aderido ao Sistema Monetário Europeu.

Falando no Congresso da European Economic Association (EEA), que decorreu no passado fim-de-semana em Lisboa, Miguel Beleza disse que Portugal está a ser «um exemplo quase perfeito» da impossibilidade de conduzir uma política monetária autónoma, em ambiente de uma taxa de câmbio pré-fixada e de perfeita mobilidade internacional de capitais.

Este congresso foi organizado pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, um departamento que se quer afirmar como paradigma de um ensino moderno e prestigiado: «mais americanizado», como diz ao «DL» Pedro Telhado Pereira, docente e organizador da reunião da EEA em Portugal.

Pág. 8

Perturbação é o adjectivo mínimo para caracterizar o sector das celuloses e papel: papeleiras ameaçadas pela integração das fábricas de pasta, receio destas com a concorrência que farão aos seus clientes, sobrecapacidade instalada, efeitos energéticos da crise do Golfo, ameaças de recessão económica mundial...

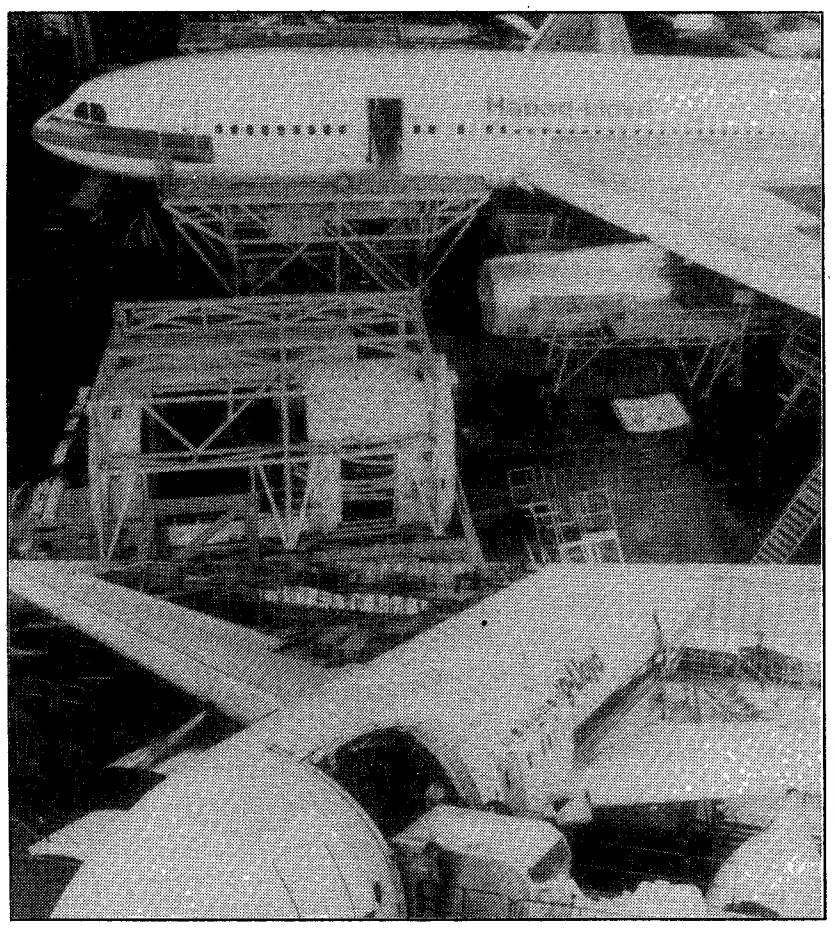
Grande «desordem» reina na indústria papeleira

Muito dependente da conjuntura, a indústria da celulose e do papel está a atravessar mais uma das suas crises cíclicas. Qual «termómetro da economia», como a classifica Rui Ribeiro, administrador da Portucel, está a acusar a recessão britânica e a crise norte-americana. Fábricas fechadas e mercado inundado de pasta eram alguns dos efeitos. As implicações da invasão do Kuwait pelo Iraque só pioraram a situação.

Se bem que a crise em Portugal toque a todos os intervenientes, são as papeleiras independentes quem mais tem a recear do futuro. É que as fábricas de celulose estão a apostar na integração da sua actividade, ou seja, terminar o ciclo produtivo com a fabricação de papel.

Esta integração não é pacífica: «Temos de ter cuidado com a entrada neste mercado», reconhece Rui Ribeiro. A concorrência aos seus clientes é uma das razões que suscita cuidados. A outra é a satisfação de quantidades crescentes de pasta.Decorrerá daqui a verificação da tendência que se adivinha: a de localizar a produção de pasta na África e na América Latina onde, pelas extensões disponíveis e pelo clima, se produzirá mais, mais rápi-do e mais barato, e a de papel nos seus mercados consumidores e/ou respe-ctivas cercanias, desde que, neste caso, exista acesso rápido.

Centrais



Aeronáutica: uma indústria no caminho da cooperação internacional

Década de evolução complexa para a indústria aeronáutica

Embora a indústria aeronáutica se mantenha como actividade altamente lucrativa, a verdade é que se torna extremamente difícil qualquer nova empresa entrar neste sector produtivo. O seu volume de negócios ronda os 250 mil milhões de dólares, o que ultrapassa qualquer indústria de manufactura do mundo. Avizinha-se, entretanto, uma década de evolução complexa, com alterações profundas e importantes investimentos.

Mercado liderado pelos norte-americanos, nem mesmo o Japão consegue fazer-lhes frente quando se trata, por exemplo, de entrar no fabrico de aviões civis de transporte. Ainda recentemente os nipónicos puseram de parte um projecto seu, para enveredar por uma cooperação com a Boeing.

Pág. 6

Cinco grandes revêem política monetária
Pág. 2

«Retenção-poupança» a quem beneficia?
Pág. 3

Itália não aguentará choque petrolífero
Pág. 6

Turismo: Portugal quer invasão japonesa
Pág.7

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Cinco mais industrializados revêem política monetária

Estudo do FMI refere que bancos centrais elegem taxas de juro de curto prazo como principal elemento

Os bancos centrais dos cinco principais países industrializados estão a fazer das taxas de juro de curto prazo o principal elemento da sua política monetária, segundo afirma um estudo efectuado por técnicos do FMI que acrescenta que, relativamente à última década, a execução da política monetária desse grupo variou consideravelmente, especialmente na França e no Japão.

Tal facto deu origem a que os cinco já não recorram, no que se refere a regulamentação da oferta e preço do crédito, aos controlos quantitativos para intervir nos mercados financeiros.

O trabalho, da autoria de peritos de tesouraria do Fundo Monetário Internacional, faz a análise e a comparação dos instrumentos e procedimentos de aplicação da política monetária a curto prazo usados pelos bancos centrais dos Estados Unidos, Japão, França, Reino Unido e RFA.

O estudo em referência acrescenta que a meio da década de 70, e principalmente na de 80, para alguns bancos centrais os agregados monetários constituiam uma meta da política económica - flutuando entre os fixados pelo Reino Unido (muito estreitos) e os da Alemanha Federal (muito amplos).

Foi nos anos 80, considerados como época de mudança, que as autoridades monetárias, com excepção da britânica, iniciaram a fixação de objectivos amplos, devido a ter sido considerado que os estreitos dão menos garantias como indicadores da situação monetária, sendo assim menos previsíveis.

Tal situação, segundo o estudo do FMI, levou a grande maioria dos bancos centrais a aplicarem uma política monetária mais acomodatícia, com a ampliação da gama de variáveis de controlam. As autoridades monetárias dos cinco tendem, entretanto, a moderar a flutuação das taxas de juro a curto prazo.

Nesse sentido, as taxas são determinadas em grande medida pelo mercado, limitando-se as autoridades a modificar a gama de flutuações. No geral, diz o documento, os cinco procuram adaptar a sua política monetária à variação da procura de crédito, pelo menos, com o objectivo de impedir uma excessiva flutuação das referidas taxas.

Contudo, acrescentam os especialistas, para a importância das taxas de juro de curto prazo, não é de prever que as mesmas revelem a variação da política monetária. Os autores sustentam, em conclusão, que a médio prazo os cinco irão orientar tendencialmente as suas taxas de juro de modo a que sejam alcançados níveis compatíveis com os seus objectivos de crescimento económico e de inflação.

Crédito Agrícola Mútuo tem de modernizar-se

A importância crescente da modernização dos serviços e da qualificação dos recursos humanos nas Caixas de Crédito Agrícola Mútuo foi salientada por Francisco Silva, secretário-geral da Confagri e director da Fenacam, ao usar da palavra numa sessão que assinalou o Dia do Créito Agrícola Mútuo.

Efeméride celebrada em Lagoa, simultaneamente com o Dia da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, contou com a presença do secretário de Estado da Alimentação, Luis Capoulas, que, na altura, considerou que o desenvolvimento harmonioso da região algarvia não pode estar apenas alicerçado no turismo.

«Tem de olhar para o interior, para o barrocal, onde existem potencialidades no campo hortofrutícola e pecuário que importa rentabilizar, aproveitar e desenvolver», afirmou aquele membro do Governo.

Luis Capoulas sublinhou a necessidade de uma tomada de consciência em relação à internacionalização da economia, salientando que as únicas respostas são a modernização, organização, qualidade e preparação de circuitos comerciais».

Por seu turno, Francisco Silva lembrou que dentro em breve vai ser aprovado o Regime Jurídico do Crédito Agrícola, que vai exigir um aumento da capacidade técnica das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo.

Este director da Federação Nacional daquelas entidades financeiras referiu ainda que, dentro em breve, vai ser assinado um protocolo entre a Fenacam que vem «dar mais acesso e facilidades aos agricultores» quando este pretendam aceder aos fundos comunitários.

Redacção «DL»

Stanley Ho vai presidir à Transinsular

Os representantes do núcleo duro que adquiriu a maioria do capital da Transinsular já acertaram as principais linhas de orientação que vão ser aplicadas na empresa e deverão propor para presidente da empresa Stanley Ho e para director-geral João de Carvalho.

Segundo a agência Lusa, vai ser reorganizada a estrutura da Transinsular como o objectivo de melhor servir os utentes dos seus serviços. Prevê-se que os actuais membros do Conselho de Administração integrarão a nova composição dos órgãos sociais. Recorda-se que a maioria do capital da Transinsular foi adquirido a 6 de Agosto pela sociedade IPGEST, uma holding dominada pela STDM - Sociedade de Turismo e Diversões de Macau.

O projecto de exploração da Transinsular prevê a associação da Wah Kwong Shipping Co, de Hong Kong, da Exmar, de Bruxelas, e da E.A. Moreira, do Porto. Pretende-se, deste modo, integrar na empresa portuguesa «elementos com larga experiência no sector dos transportes marítimos».

Mercados de capitais tremeram em Agosto

O mês de Agosto terminou, em termos de balanço bolsista, de forma negativa em Lisboa, com totais que rondaram os 33,5 milhões de contos, menos 25,2 por cento dos verificados em Julho. Se, na capital, o esforço dos investidores, na última semana, não foi suficiente para a tendência negativa, no Porto a liderança do mercado de obrigações foi encurtada de 79 para 60 por cento do volume total de negócios.

Segundo os dados divulgados, a totalidade das vertentes sofreu quebras que, no caso das acções, foi dos menos dois por cento, no das obrigações de menos 32,2 e nos títulos de participação de menos 15,4 por cento. Mesmo no que se refere a cautelas de obrigações foram negociados só 3,7 milhões de contos, contra os 9,4 milhões movimentados em Julho.

Para tal deverá ter contribuido o «fantasma» da guerra, que afectou principalmente os investidores estrangeiros, que começaram a vender o papel praticamente a qualquer preço. Só a partir do dia 27 a situação foi travada, quando os particulares e institucionais portugueses começaram a pressionar as subidas de cotação, de forma «agressiva» nas duas primeiras sessões da semana, aligeirando no final.

Quanto à Bolsa do Porto registou, nas cinco sessões da semana em causa, um volume global de negócios de quase 2,2 milhões de contos, tendo a sessão de sexta-feira sido a mais forte de todas, com cerca de 37 por cento do total transaccionado na semana e a única em que o segmento accionista foi superior ao das obrigações.

A tendência das cotações foi para a alta sendo as duas maiores operações da semana, no mercado oficial de acções, as registadas pelas BCI - nominativas e portador, com mais de 110 mil unidades.

BCP - portador e nominativas, BPI - nominativas, Unicer, Papelaria Fernandes, Corticeira Amorim, BTA e Amadeu Gaudêncio foram os restantes papéis com operações superiores às quatro mil unidades.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

«DL» — 5.

ASSOCIAÇÃO WORLD TRADE CENTER

GESTOR 1990

A Associação World Trade Center vai realizar em 1990 o seu programa de formação de quadros médios e superiores de PMEs, GESTOR 1990.

As inscrições encontram-se abertas para os seguintes CURSOS:

Curso	Data de Início	Data do fim	N.º de horas
Gestão Inter. de negócios	17.9.90	13.02.91	200
Processo de Marketing	17.9.90	7.02.91	200
Marketing Internacional	17.9.90	21.12.90	130
Planeamento de Marketing	17.9.90	21.12.90	130
Ges. Global de mark. de comuni.	17.9.90	21.12.90	130
Novas Tecno. de Info. e a Moder. Empre.	1.10.90	28.02.91	210
Int. Businesses Skill	17.9.90	13.02.91	200

Para proceder à pré-inscrição ou para mais informações, é favor contactar:

Associação World Trade Center

Avenida do Brasil, 1 — 1700 LISBOA — Telefs.: 793 35 71 - 793 30 45 - 793 27 08
Telex 12326 WTCLIS-P — Fax 76 84 36

O ensino é administrado em regime intensivo, utilizando-se a AWTC do apoio e co-financiamento dos seguintes organismos:

I.E.F.P. INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

WTC-L WORLD TRADE CENTER LISBOA S.A.

FUNDO SOCIAL EUROPEU

WTCI WORLD TRADE CENTER INSTITUTE

ECONOMIA

Quatro grandes personalidades da cena financeira condenadas num dos mais sensacionais julgamentos do século

Fraude do «caso Guiness» deu penas de prisão

Um dos mais sensacionais julgamentos deste século, na City de Londres, o do «caso Guiness», terminou na semana passada com a leitura das sentenças para quatro grandes personalidades financeiras londrinas.

O júri, após cinco dias de deliberação, concluiu que os quatro eram culpados de 28 acusações de conspiração, roubo e contabilidade falsificada, durante a tentativa da empresa cervejeira de adquirir, em competição com a Argyll, a destiladora Distillers.

Ernest Saunders, de 55 anos, antigo presidente e director executivo da empresa de cervejas Guiness, foi quem teve a maior pena: cinco anos de prisão por conspiração e roubo e mais três e meio por contabilidade falsa.

Os outros condenados foram Tony Parnes, de 40 anos, corrector da Bolsa de Valores da City, com dois anos e meio de prisão, Gerald Ronson, de 50 anos, presidente do Grupo Heron de estações de serviço, distribuição de «Rolls Rpyce», propriedades e finanças, com uma pena de um ano e uma multa de 1,35 milhões de contos.

Finalmente, «sir» Jack Lyons, de 74 anos, consultor financeiro e milionário, cuja sentença foi adiada até 25 de Setembro próximo, por ter dado entrada num hospital londrino para uma grave intervenção cirúrgica, encontra-se em liberdade sob caução.

A pena atribuída a Ronson foi motivada pelo facto do juiz ter tido em consideração declarações de personalidades da City que asseguraram a sua honestidade. Nomes como os «sir» John Quinton, presidente do Barclays Bank, «sir» David Plastow, presidente da Vickers e vice-presidente da Guiness, entre outros, apareceram a afirmar que o acusado é um homem honesto e de absoluta integridade nas suas transacções comerciais.

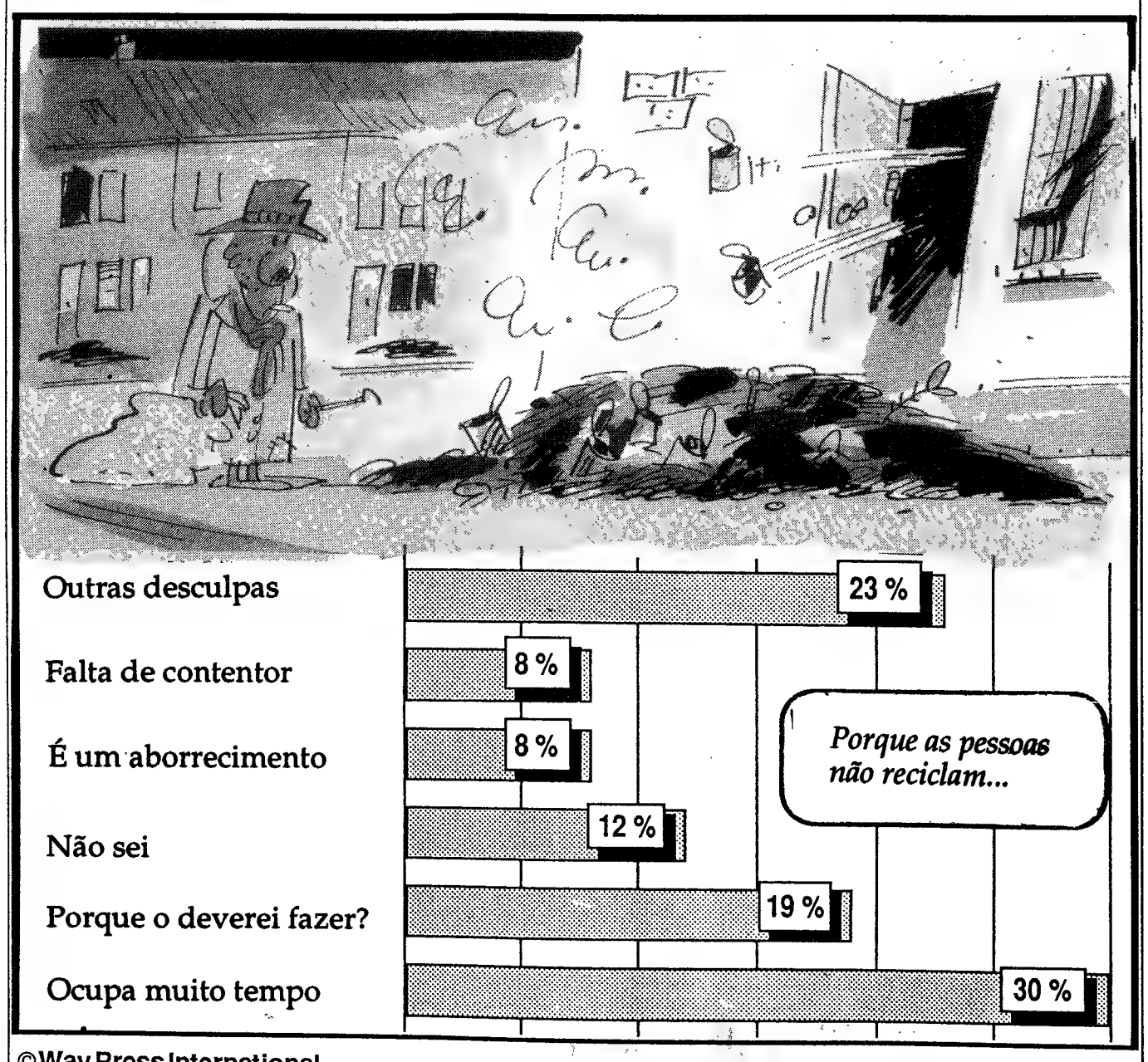
No julgamento, que demorou 112 dias e deverá custar, ao erário público, algo entre os 2,7 e os 5,4 milhões de contos, esteve em causa, particularmente, a medida ilegal, levada a cabo pelos réus, para aumentar artificialmente o preço das acções de uma emissão da Guiness de 81 milhões de contos, a fim de melhorar as possibilidade de sucesso da companhia num processo de 730 milhões de contos, na luta com a empresa escocesa de supermercados Argyll, para o controlo da Distillers.

Para tal várias personalidades financeiras receberam pagamentos e recompensas, para comprarem acções da Guiness, acima do seu valor na Bolsa. As acções, que em Agosto de 1985, altura em que surgiram os primeiros boatos sobre a possível tentatitiva de aquisição da Distillers, valiam cerca de 700 escudos cada, atingiram o valor de dois mil escudos, em Abril último, altura em que a Guiness fechou a transacção.

William Gilman/Lusa

Cinco razões para não reciclar

Se as pessoas procurarem desculpas para o facto de não tratarem o seu lixo pessoal, sem se preocuparem com o ambiente, então a indiferença passa a dominar...



©Way Press International

COMENTÁRIO

«Retenção-poupança» a quem beneficia?

O código do IRS tem tido sucessivas alterações à medida que se vai efectivando a reforma fiscal, iniciada em 1988. Desde alterações de fundo, com fundamento no Orçamento do Estado, até às resoluções administrativas da Direcção-Geral de Contribuições e Impostos, estamos constantemente a ser bombardeados com novidades.

É de tal maneira a produção das entidades oficiais que se começa a notar algumas falhas, como é o caso da divulgação de um ofício circulado do SAIR, onde se informa da inexactidão da nova fórmula dos pagamentos por conta que foi estipulada em decreto-lei, apressando-se a fazer a respectiva rectificação. Era apenas um pormenor matemático que iria beneficiar o contribuinte.

No mês passado, os órgãos de comunicação social divulgaram amplamente uma nova figura no âmbito do IRS: a «retenção-poupança». Foi revelado pela Administração Fiscal que o principal objectivo desta figura era o de proporcionar a diminuição da percentagem de situações em que os sujeitos passivos que aufiram rendimentos de trabalho dependente e de pensões tenham imposto a pagar em resultado da liquidação final com base na sua declaração anual de rendimentos.

Para o efeito foram instituídas tabelas de retenção mensais com taxas inteiras fixas, tendo sido construídas de forma a se reter importâncias superiores às que se revelam indispensáveis.

Vários são os efeitos que decorrem para os sujeitos passivos da sua opção por esta modalidade.

O primeiro é o de que os sujeitos passivos que aufiram apenas rendimentos de trabalho dependente e/ou de pensões não se verão, eventualmente, confrontados com imposto a pagar, visto estarem a descontar mais do que deviam durante o ano.

O segundo, tem a ver com o facto de os sujeitos passivos saberem exactamente qual o imposto que lhes vai ser retido sobre a remuneração ou pensões auferidas, visto as múltiplas situações pessoais tornarem na prática impossível a elaboração de tabelas de retenção na fonte que correspondam com exactidão ao imposto a pagar.

O terceiro, reconduz-se à remuneração de 14 por cento ao ano sobre o montante do imposto retido que for considerado «imposto-poupança», considerando o número de meses decorridos desde a verificação da situação de crédito e o mês anterior à liquidação.

A opção pela «retenção-poupança» terá de ser ponderada caso a caso, dependendo das situações pessoais, pois pode não dar as tais vantagens financeiras de que tanto se fala.

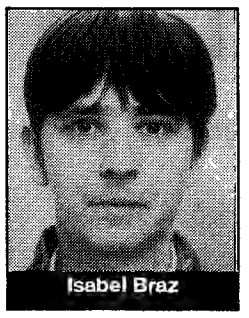
Para o caso das pensões, toda a retenção efectuada é considerada «retenção-poupança», uma vez que não existe, no código do IRS, a obrigação de retenção sobre rendimentos desta natureza. Neste caso pergunta-se: será melhor optar por esta modalidade ou aplicar o dinheiro noutras condições que dêem mais do que os estipulados 14 por cento?

No que respeita aos rendimentos de trabalho dependente (categoria A) é considerada «retenção-poupança» a diferença entre o imposto efectivamente retido e o imposto que for apurado, considerando neste apuramento as condições pessoais e familiares do sujeito passivo, bem como a dedução específica da categoria, os abatimentos garantidos e a dedução à colecta.

Consequentemente, não se consideram, para efeitos de determinação do excesso, as despesas de saúde e as outras sem limite, de harmonia com o artigo 55º do código do IRS, assim como os benefícios que se consubstanciam das contas poupança-habitação, planos de poupança-reforma, os abatimentos superiores a 50 por cento dos limites previstos no nº 2 do referido artigo 55º e os donativos de interesse público (artigo 56º).

Por outro lado, a adicionar a tudo isto, há que ter em conta que não haverá lugar a cobrança ou reembolso quando, em virtude da liquidação, a importância a cobrar seja inferior a cinco mil escudos ou a quantia a retribuir seja abaixo dos dois mil escudos.

Perante isto só podemos dar um conselho aos contribuintes: façam primeiro as vossas contas antes de fazer a opção. Não vão em campanhas publicitárias.



Isabel Braz

Responsável da Portucel considera natural a integração da produção, recomenda prudência na entrada no mercado do papel e prognostica o desaparecimento de alguns produtores não integrados

Indústria de pasta vai produzir papel

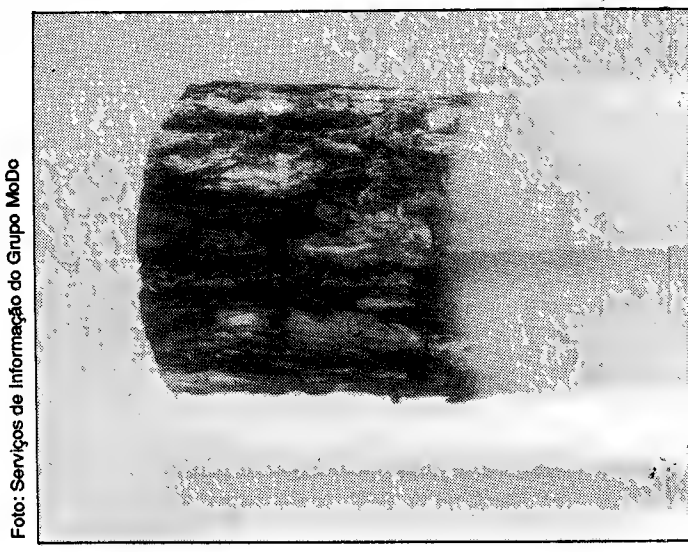


Foto: Serviços de Informação do Grupo MoDo

A integração da indústria de pasta será uma realid

Maior produtor português de pasta, a Portucel é a única das empresas de celulose a destinar parte da sua produção ao fabrico de papel em Portugal. Rui Ribeiro, administrador da empresa, afirma que «há uma tendência, natural, para que o papel de grande consumo seja produzido pelos fabricantes de pasta». Isto, admite, provocará «o desaparecimento das pequenas unidades não integradas».

Reconhecedor da necessidade de «prudência» no desenvolvimento da indústria do papel em Portugal («Temos de ter cuidado para não entrarmos na produção de papel à pancada com os nossos clientes»), Ribeiro não deixa de referir o recente aumento da capacidade de produção da Inapa (da qual a Portucel detém 35 por cento do capital mais 16 por cento da *holding*), as produções das fábricas de Viana do Castelo (210 mil toneladas/ano de *softline*), Cacia (50 mil toneladas/ano de sacos) e de Mourão (embalagens a partir de papel reciclado), bem como a intenção de desenvolver novas produções em Cacia.

De certa forma como "justificativo" da integração de actividades, argumenta: «A pasta está ligada a investimentos muito grandes e implica elevados custos fixos...». A raciocinar só em termos de pasta, afirma que é «preferível vender mais barato do que não vender». Em todo o caso, não seriam estes saldos que aumentariam o mercado da pasta, acrescenta. Conclusão: «O futuro dos produtores de pasta que estão perto dos mercados de consumo é o de fazer papel; o dos que estão longe, é a pasta».

Os custos de distribuição estão na base da sua lógica. Se para a pasta a distribuição é «económica», já para o papel depende do tipo de produto (há basicamente três: o industrial, todos os papéis ligados à comercialização de outros produtos, o da impressão escrita e o doméstico).

O grau da ameaça aos produtores não integrados, oriundo do reforço da integração do sector, variará consoante a sua localização e o tipo de papel produzido.

Como diz: «Os papéis de elevado preço (*couchés*, coloridos, de carta...) podem ser feitos nas fábricas não integradas, mas quando a dimensão dos custos é alta, a integração tem vantagens».

Nas produções de papel onde o consumo, as encomendas, os custos e a concorrência são elevados, os não integrados estão condenados. Nos papéis caros e de qualidade, não.

É aqui que a questão dos custos associados à distância surge, porque o transporte do tipo de papel com perfil para os não integrados - o de uso doméstico - é caro, ao contrário dos tipos industrial e de impressão. Assim: «Quanto mais perto os produtores estiverem dos pontos de consumo, mais difícil se tornará o seu desaparecimento». Só que «Portugal está longe do centro de gravidade do consumo» e não tem níveis de consumo muito apreciáveis: 60 quilos anuais por habitante.

Rui Ribeiro, em suma, não acha difícil prognosticar dificuldades para as empresas sem produção integrada de papel, apesar de algumas delas estarem a especializar-se.

A crise do costume

A actual crise das fábricas de pasta, iniciada no final do ano passado, que conduziu ao encerramento de algumas unidades, não está a ser encarada de forma dramática: «É normal».

A produção de pasta está ligada ao consumo de papel que constitui, diz, um indicador da conjuntura económica: «É como que um termómetro da economia».

Anormal foi a duração do último ciclo positivo que durou mais do que se esperava, assegura.

As razões desta última crise prendem-se com a recessão americana, a baixa do dólar e a política restritiva de Collor de Melo, que resultaram nas baixas do consumo de papel e na inundação do mercado internacional com pasta, que fez baixar os preços desta.

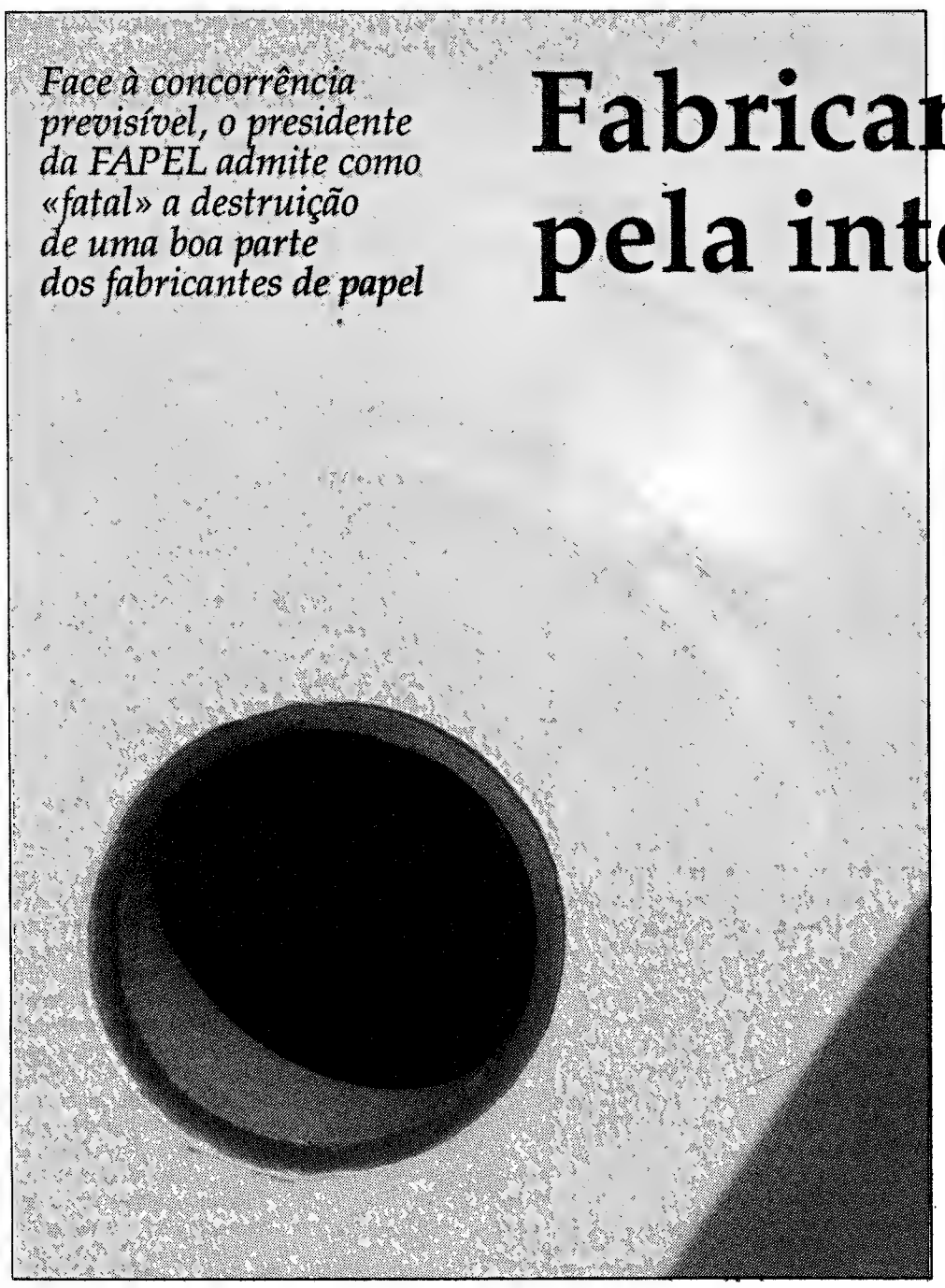
Golfo e energia

Este responsável da Portucel receia os resultados negativos que possam surgir da crise desencadeada pela invasão do Kuwait pelo Iraque: «Basta o aumento do preço do combustível para as economias estremecerem».

Vacinada pelas crises anteriores, a Portucel está hoje melhor de que estaria se não

Face à concorrência previsível, o presidente da FAPEL admite como «fatal» a destruição de uma boa parte dos fabricantes de papel

Fabricantes de papel amea pela integração das celulos



A projectada produção de papel pela Soporcel e Celbi, além da integração Portucel-Inapa e do reforço da capacidade da produção desta última, está a preocupar os diversos produtores independentes de papel, isto é as fábricas não integradas. Júlio das Neves, presidente da Associação Portuguesa de Fabricantes de Papel e Cartão (FAPEL), admite isso mesmo em artigo publicado na revista "Indústria": «Só uma gestão perfeita da produção, da qualidade e da actividade de *marketing* conveniente e adequada, poderá permitir a sobrevivência a longo prazo das fábricas de papel não integradas».

Estas fábricas têm a sua sobrevivência posta em causa pela ausência de condições para «acompanhar o progresso tecnológico», desde logo a incapacidade de investimento, pelo que «irão sossobrando».

A incapacidade é evidenciada pela dispersão e atomização característica deste subsector. Segundo números referidos no artigo, das 90 fábricas existentes, 69 produzem menos de cinco mil toneladas por ano, seis produzem de cinco a 10 mil, oito de 10 a 25 mil, duas de 25 a 50 mil, quatro de 50 a 100 mil e só uma tem a produção situada acima das 100 mil toneladas.

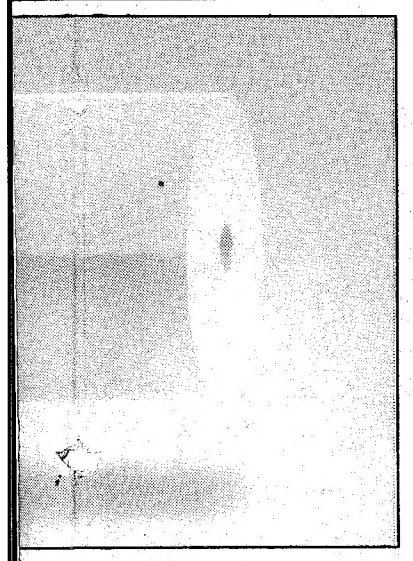
Outro indicador da "insignificância" da indústria papeleira face à da celulose é o do consumo de pasta por parte daquela. Do milhão e meio de toneladas de pasta produzidos em Portugal, apenas são consumidos no fabrico de papel cerca de 450 mil toneladas, a que se juntam 310 mil toneladas de papel reciclado. A produção de 740 mil toneladas de papel gera exportações de 70 milhões de contos (163 milhões no caso da celulose) e alimenta 72 mil empregos (cinco mil na celulose).

Das 90 produtoras de papel, as 12 associadas na FAPEL representam 39 por cento da produção, ao passo que as outras 78 respondem apenas por 15 por cento. À Associação das Empresas de Celulose (ACEL), com a sua produção de *kraft-liner*, correspondem os restantes 46 por cento.

As alusões ao avanço do "progresso tecnológico" baseiam-se nas referidas integrações anunciadas pelas fábricas de pasta celulósica, movimento este que conta com o apoio governamental, diz.

Atenuar-se-á assim, com tendência para desaparecer, a profunda assimetria do sector expressa pela existência de uma «frágil» indústria papeleira ao lado de uma «poderosa» indústria de celulose. Esta atenuação será realizada, em grande parte, através da absorção da primeira indústria pela segunda. Ou seja, a assimetria actual evoluirá para o desaparecimento de um dos pólos da relação: os produtores não integrados, a não ser que... «Resistirão os estiverem mais bem apetrechados e os que ocupem segmentos de mercado que dificilmente possam ser ocupados por produtos papel da *max production*».

No artigo são recordados os projectos, públicos, das celuloses: a Portucel, que produz em cinco fábricas 860 mil toneladas de pasta, tem já uma situação de integração com a Inapa ao nível de [illegible] por cento da produção desta última; a Soporcel, que produz 380 mil toneladas, tem



a realidade em Portugal

que tivesse levado a cabo uma política energética. Segundo pormenoriza, a fábrica de Cacia consome, por tonelada de produto, 50 por cento menos do que consomia, a de Ródão já está auto-suficiente em termos de fuel e a de Setúbal atingirá em breve esta última situação: «Hoje, e em relação a 1978-80, economizamos cerca de três milhões de contos por ano».

Depois de lamentar o abandono de políticas de energia por parte de «outras pessoas», passadas as crises petrolíferas do passado, elogia, face aos resultados, a "sua" Portucel: «É perigoso basear a economia de um país no que os outros têm».

Rui Nunes

eaçados oses

pelas
ísica,
conta
ntal,

com
ecer,
do
ência
istria
uma
celu-
será
arte,
pri-
inda.
ctual
reci-
s da
não
que...
mais
que
mer-
pos-
pro-
oduc-

ados
das
que
s860
tem
ração
de
desta
pro-
tem

em marcha um projecto de integração com uma fábrica de produção de papéis de impressão e escrita com uma produção prevista de 220 mil toneladas por ano e a Celbi, produtora de 240 mil toneladas, tem anunciado um projecto que inclui a produção de 210 mil toneladas de papel. De fora, por enquanto, permanece a Caima, que está a produzir 110 mil toneladas de pasta.

Evolução esperada

A sucessão de projectos de integração decorre de uma evolução esperada e desejada por vários agentes económicos e políticos: a passagem de Portugal a produtor de papel.

A atentar na situação existente nos vários estados comunitários quanto ao número de fábricas de pasta integradas e não integradas, Portugal surge como país destoante da situação geral: é o único com mais fábricas não-integradas (7) do que integradas (1).

Assim, das 112 existentes, 81 são integradas. As combinações integradas-não integradas apresentadas pelos vários Estados são as seguintes: RFA, 30-5, França, 15-5, Itália, 14-5, Espanha, 13-7, Grã-Bretanha, 4-0, Bélgica-Luxemburgo, 2-1, Holanda, 2-0. Só a Dinamarca acompanha Portugal, mesmo assim de forma relativa, ao apresentar uma combinação de 0-1.

O mesmo desfazamento português com as médias comunitárias é patente pelo número das fábricas de papel e cartão. Se bem que todos os Estados tenham mais produtoras não integradas do que integradas, a relação em Portugal, mais uma vez acompanhado pela Dinamarca, é substancialmente diferente da dos seus parceiros.

Em toda a CEE existem 81 fábricas de papel e cartão integradas e 870 não integradas, que se repartem da seguinte forma: RFA, 30-144, França, 15-131, Itália, 14-214, Espanha, 13-157, Grã-Bretanha, 4-87, Holanda, 2-30 e Bélgica-Luxemburgo, 2-12. Nas excepções encontramos, então, Portugal, 1-68 e Dinamarca, 0-6.

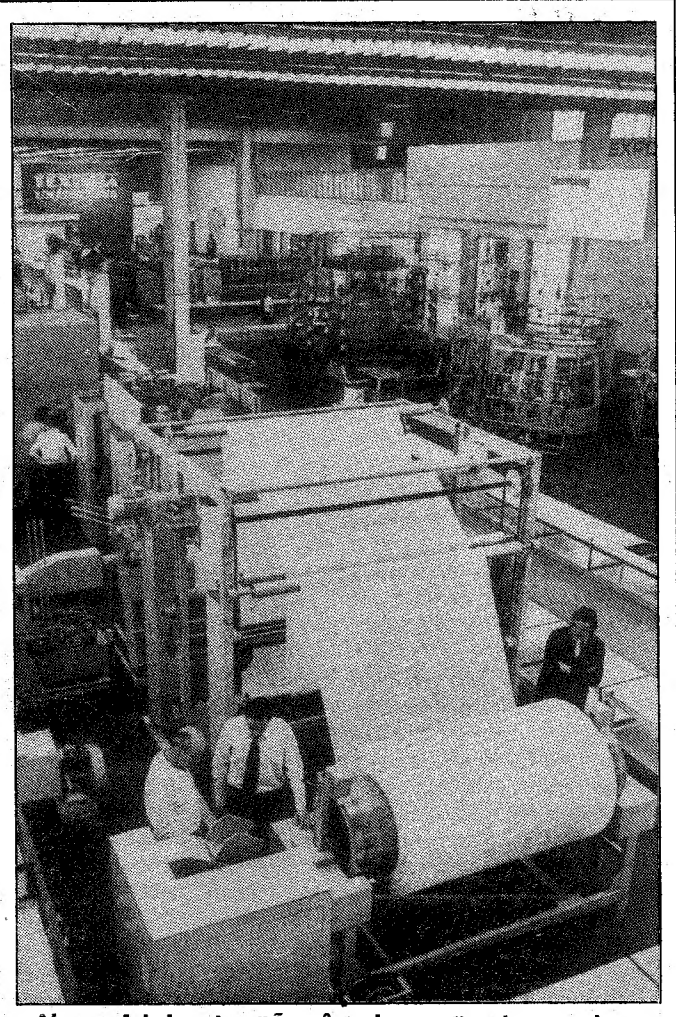
Luta cerrada

O autor entende que da integração da actividade das empresas de celulose poderão resultar quatro cenários específicos: concorrência das empresas de celulose localizadas em Portugal aos seus clientes de pasta na venda dos seus papéis; igualdade de circunstâncias da indústria de papel portuguesa não integrada com as dos países para onde exporta face á concorrência do papel originário da produção integrada em Portugal; concorrência no mercado nacional entre os produtores não integrados, os integrados e os estrangeiros, que fabricam produtos com a matéria-prima exportada de Portugal, para onde enviam os produtos finais; e a expansão simultânea na Europa comunitária da produção de papel e de pasta, para enfrentar o acréscimo do consumo e substituir os fornecedores não comunitários.

Esta situação não perturba os produtores integrados de papel, mas os não integrados ficam colocados em todos os países em igualdade de circunstâncias. Desta forma, afirma, «tenderão a dispersar as suas vendas para fora da CEE, travando uma luta de preços que levará fatalmente à destruição de uma boa parte até à recuperação do equilíbrio».

Para o presidente da FAPEL, quanto aos produtores de pasta, não há qualquer «ofensa» às fábricas da CEE, que não pensarão em expandir. O problema colocar-se-á face aos produtores de fora da Comunidade (Suécia, Noruega, Finlândia, Canadá, Brasil e EUA), que irão suscitar uma «luta cerrada» para não perderem as suas quotas de mercado.

O presidente dos fabricantes de papel considera, por outro lado, que a projectada integração pode ser contraproducente, porque «a exportação de papel para os mercados europeus far-se-á não á custa da actual produção de pasta, mas à custa de excedentes de produção desta matéria-prima». Assim, «Portugal apresentará aos seus clientes uma quantidade de pasta superior à que anteriormente colocava, que concorre no mercado com os seus clientes de pasta, podendo contribuir para a sua destruição, a que corresponderia a redução do mercado de pasta».



Alguns fabricantes não vêem luz no fim do canudo

Arrefecimento da economia congela indústria florestal

Um estudo nórdico previa para 1993 o próximo "pico" dos preços da indústria de celulose e papel. Agora, com Hussein, esta data é adiada. Ignora-se para quando

«No caso de uma perda de vigor simultâneo das economias europeia e norte-americana os preços da pasta e do papel cairão, o que reduzirá consideravelmente os lucros das empresas. A subida de preços que as empresas esperam para a segunda metade de 1991 será então adiada».

Esta era a potencial ameaça a um cenário de crescimento económico que permitiria à indústria da celulose e papel recuperar da sua actual crise no final de 1991 e atingir novos "picos" de preços (dobrariam os actuais) em 1993.

O estudo com estas considerações foi feito e divulgado antes da crise no Golfo Pérsico. Da autoria de Pernilla Rydell e Gustaf von Sivers, da firma sueca de *brokers* bolsistas Hagglof & Ponsbach, e de Anna-Maija Pirskanen, do grupo finlandês Kansallis Banking, este estudo circulou durante a Primavera e o Verão do ano passado por várias instituições financeiras suecas, finlandesas e inglesas.

Foi tornado público em 15 de Junho último e divulgado no mês passado no *MoDo Business Report*, uma publicação de um dos maiores grupos suecos de papel. Pela sua importância, e apesar de datado, achamos importante referir as suas principais linhas-força.

Arrefecimento económico

Para os autores, a economia mundial está a arrefecer. Os grandes responsáveis são a diminuição do crescimento económico nos EUA e a recessão que atinge a Inglaterra.

Porém, o facto da Alemanha Federal e o Japão não apresentarem sinais de fraqueza poderá absorver muito do impacto negativo daquelas situações. O caso da primeira deve ser, contudo, relativizado: se no longo termo as perspectivas são boas, dizem, já no prazo imediato as tendências são mais difíceis de prever, devido à unificação com a RDA.

A importância das oscilações económicas para a indústria de pasta e papel deve-se ao facto desta responder muito depressa às tendências macroeconómicas. De 1986 a 1989, o crescimento da procura foi vez e meia superior ao do produto nacional bruto mundial.

Do arrefecimento económico na América do Norte, continente responsável por 30 por cento da produção mundial de pasta, deverá resultar o aumento da oferta de pasta. O mercado europeu será o principal destinatário (como se sabe, várias unidades foram forçadas, depois de o relatório ter sido feito, a parar a sua produção devido ao excesso de oferta).

Segmentos de mercado

Na análise dos vários segmentos desta indústria, os autores referem em relação ao mercado da pasta que os produtores gozaram de uma procura ele-

Não bastava a crise americana, a recessão inglesa, a unificação alemã ou a sobrecapacidade existente... agora, até Hussein escurece o futuro desta indústria

vada de 1986 a 1989, que lhes proporcionou excelentes lucros. Agora, admitem como provável uma quebra nos lucros de, pelo menos, 30 por cento. Apontam, sobre o papel para impressão de jornais, o excesso de capacidade instalada, que fica a dever-se a causas várias, entre as quais fortes investimentos em novas capacidades, na esteira dos recentes anos prósperos vividos pela indústria. Como este segmento vive muito da publicidade, dada a estagnação económica, ainda mais evidenciada fica a sobrecapacidade instalada.

No respeitante a outros papéis de impressão, utilizados em brochuras, catálogos e publicidade por *direct mail*, verifica-se a mesma sobrecapacidade e fraca procura. A capacidade instalada aumentou muito de 1987 a 1989, porque durante a década de 80 este segmento cresceu, em média, 10 por cento ao ano. As quedas dos lucros destes produtores deverão ser superiores a 20 por cento em 1990.

Nos papéis finos as previsões não são pessimistas, em parte porque a procura aqui tem aumentado de forma tranquila e estável.

Por fim, quanto aos papéis de embrulho e cartões usados no transporte de produtos, os autores estão confiantes que o aumento das trocas intra comunitárias impedirá resultados negativos neste segmento. Esperam, assim, que este ano os lucros mantenham-se ao nível dos anteriores ou sofram uma descida suave.

Se não fosse Hussein...

Em conclusão, os autores afirmam que «os recentes anos muito bons gozados pela indústria mundial de pasta e papel estimularam investimentos consideráveis na capacidade, quer na Europa, quer nos EUA», o que deslocou as vantagens no mercado dos produtores para os compradores.

A conjugação da ausência da subida de preços com o aumento dos custos esmagou as margens de lucro das empresas. Os seus lucros deverão cair em 15 por cento neste ano e mais no próximo. Em contrapartida, o ritmo de expansão da capacidade instalada deverá diminuir de forma acentuada.

Por fim, é recomendado aos investidores bolsistas que comecem a comprar títulos das empresas das indústrias florestais aos níveis actuais, com o aviso que devem preparar-se para uma espera de 12 meses antes que as cotações comecem a subir.

Apareceu, entretanto, Hussein a invadir e anexar 17800 quilómetros quadrados de areia e a alterar, de forma radical, o quadro de análise da economia mundial... Agora, o futuro às armas pertence.

R.N.

ECONOMIA

Indústria aeronáutica aumenta o seu volume de negócios

Novos produtores têm dificuldade em penetrar nos mercados mundiais, mas a próxima década significa a internacionalização do sector

Aeronáutica: uma inevitável internacionalização

Com um volume de negócios de cerca de 250 biliões de dólares, a indústria aeronáutica é uma actividade particularmente lucrativa. Todavia, não é fácil para as empresas recém-formadas obter uma parte do bolo devido ao incontestável avanço tecnológico dos produtores tradicionais, revela um recente estudo elaborado pela Organização Internacional do Trabalho.

A entrada no mercado do sector está condicionada pelos obstáculos tecnológicos e pela concentração das indústrias estabelecidas nos EUA, Europa Ocidental e URSS que podem vir a sofrer uma certa erosão no seu domínio devido ao facto de serem obrigadas a fazer trocas nesta área.

No entanto, se não o fizerem não poderão participar no aparecimento de novos produtores, cortando por isso a possibilidade de alargar os seus mercados de exportação. E é um facto que a indústria aeronáutica assiste, hoje em dia, a uma inevitável internacionalização.

Registe-se que 250 biliões de dólares é um grande volume de negócio e ultrapassa qualquer indústria de manufactura do mundo. As suas actividades compreendem a concepção e a produção dos aparelhos, a electrónica aplicada aos mesmos e a construção dos motores e dos sistemas mecânicos.

A produção é assegurada por um número relativamente restrito de empresas pouco habituadas ao fabrico em série, as quais empregam uma forte proporção de engenheiros e trabalhadores qualificados.

Os poderes públicos jogam neste campo um papel importante, não podendo esta indústria subsistir sem ajuda financeira estatal que garantam os custos iniciais, a concepção e a comercialização do produto.

O Estado, por sua vez, tem todo o interesse em favorecer o desenvolvimento dum sector potencialmente exportador, cliente e fornecedor de outras indústrias e obter daí um suplemento em matéria de defesa nacional.

O motor

A investigação e o desenvolvimento da indústria aeronáutica podem igualmente aproveitar-se da conjuntura das respectivas economias e numerosos governos consideram o sector aeroespacial como o motor do progresso em matéria de tecnologia de ponta.A construção de aparelhos não acarreta somente custos elevados, ela implica grandes riscos financeiros. São «fortes razões económicas» para acrescentar à cooperação internacional no seio da indústria.

O consórcio europeu que fabrica o Airbus é o melhor exemplo de uma tal colaboração. Por outro lado, os fabricantes de novos países industrializados adquiriram uma posição de opção no seio da rede importante das companhias que trabalham em cooperação e em colaboração. O Brasil, por exemplo, possui um indústria aeronáutica nacional bem colocada.

Se a montagem e a concepção dos aparelhos não colocam problemas de maior, o mesmo não se pode dizer dos motores, dos sistemas de comando e da electrónica dos aparelhos, domínios que dependem muito dos países mais industrializados.

Num recente estudo efectuado pela Organização Internacional do Trabalho, refere-se, a título de exemplo, aos obstáculos que os novos produtores enfrentaram com a oposição dos EUA em 1989 e da troca de tecnologias relativas ao avião de combate FS-X por parte do Japão.

A liderança

Existe a convicção de que os EUA não vão perder a partir de 1990 a liderança dos mercados mundiais, apesar do Japão, Coreia do Sul, Brasil e Indonésia terem inovado a sua tecnologia.

Na próxima década, a tecnologia aeroespacial vai entrar numa fase de evolução complexa com alterações profundas. São esperados importantes desenvolvimentos tanto na concepção e integração de sistemas como na propulsão, na electrónica e na utilização dos materiais.

Será errado, porém, estabelecer uma distinção entre aeronáutica e astronáutica, como o demonstra o desenvolvimento potencial dos aparelhos aeroespaciais de uso militar e os aviões de transporte supersónicos dos EUA, Europa e Japão.

No seu conjunto, esta tecnologia especializada engloba sobretudo os aspectos mais específicos do sector, como veículos e reactores espaciais, que têm pouca relação com o fabrico corrente de aparelhos destinados à aviação comercial.

Entretanto, as técnicas de fabrico e os acessórios de electrónica e outros materiais experimentados neste quadro terão profundas repercussões no conjunto da indústria aeronáutica até ao fim deste século.

Redacção «DL»

Desemprego e inflação aumentam e italianos pagam a factura de terem dito não ao nuclear

Itália não aguenta choque petrolífero

A economia italiana, endividada e dependente das importações do petróleo, é uma das mais vulneráveis da Europa. A crise do Golfo traduziu-se, por isso, no recuo da lira nos mercados financeiros e no aumento do desemprego.

As empresas italianas que mostravam já, no início do Verão, uma baixa de 3,6 por cento na produção, aguardam agora um princípio de época difícil tanto nas vendas e nos encargos financeiros como nos problemas sociais.

A Fiat foi a primeira a anunciar ter colocado 35 mil trabalhdores em situação de «desemprego técnico» devido à quebra do mercado do automóvel, o que provocou protestos sindicais que prevêem negociações não muito fáceis já no mês de Setembro.

A Enimont avisou que iria colocar no desemprego dois mil trabalhadores, tendo igualmente a Olivetti anunciado que na sua empresa poderia acontecer o mesmo.

A Bolsa de Milão teve uma descida de 19 por cento desde a invasão do Kuwait pelo Iraque e a moeda italiana que possuía uma posição forte em relação às moedas europeias caiu do seu pedestal de «super-lira» que fazia o orgulho dos economistas daquela península, tendo descido em relação ao marco de 739 para 730 liras no início de Agosto.

O encarecimento do preço do petróleo atinge mais a Itália do que os seus parceiros industriais europeus devido à dependência que este país tem em relação ao ouro negro, pelo facto de não ter optado pela energia nuclear.

O petróleo representa ainda 60 por cento dos abastecimentos necessários para o país funcionar, contra os 75 por cento em 1973 quando do primeiro choque petrolífero. Segundo Franco Reviglio, ex-presidente do grupo petrolífero público ENI, a Itália deverá pagar entre sete e nove mil biliões de liras a mais por ano no que respeita às importações.

Inflação sobe

Este novo choque petrolífero vai fazer aumentar a inflação em Itália para números superiores à média europeia, tendo já em Agosto registado 6,3 por cento, antes mesmo dos aumentos da gasolina que se aproximam.

Para impedir uma derrapagem inflacionista, uma das primeiras medidas públicas será «congelar o preço da gasolina» e segundo fontes do Governo italiano, o próximo Conselho de Ministro vai decidir que durante os próximos três meses o Estado italiano tomará a seu cargo o encarecimento do preço do petróleo bruto, diminuindo os impostos sobre os produtos petrolíferos.

Para além disso, a subida das taxas de juro sobre a dívida pública ameaça a conjuntura italiana. Cada ponto suplementar nessas taxas encarece de nove mil biliões de liras, ou seja 7,5 biliões de dólares, a dívida pública, a qual absorve já 10,6 por cento de PNB.

Face a um défice público que atinge 145 mil biliões de liras, ou seja 120 biliões de dólares, o Governo daquele país prepara uma reviravolta financeira da ordem do 50 mil biliões de liras, através de um aumento dos impostos que atingiria, segundo algumas fontes, a TVA e o sector imobiliário.

Piero Barucci, presidente da Associação de Bancos de Itália, considera que os italianos têm que se habituar a «viver com as consequências da crise». Acrescenta, no entanto, que esta situação pode ser salutar, pois obriga o Governo a resolver o problema da dívida pública da Itália, um país que tem sabido «progredir nos momentos mais difíceis».

Jean Paul Cadoret/«DL»/AFP

ECONOMIA

Cativar os japoneses para estadias prolongadas com uma oferta diversificada e adaptada aos interesses dos turistas nipónicos são elementos de uma estratégia que exige uma promoção rigorosa e prolongada

Portugal quer ser invadido pelo país do Sol Nascente

Portugal mostra-se deveras interessado em aproveitar-se do promissor mercado japonês do turismo, desenvolvendo várias acções para cativar a atenção dos japoneses para as potencialidades e realidades que tem para oferecer. Iniciou a sua actividade de promoção turística no mercado nipónico em Setembro de 1989, com a inauguração do Centro de Turismo de Portugal em Tóquio. Neste ano registaram-se 30 mil entradas de japoneses no território português.

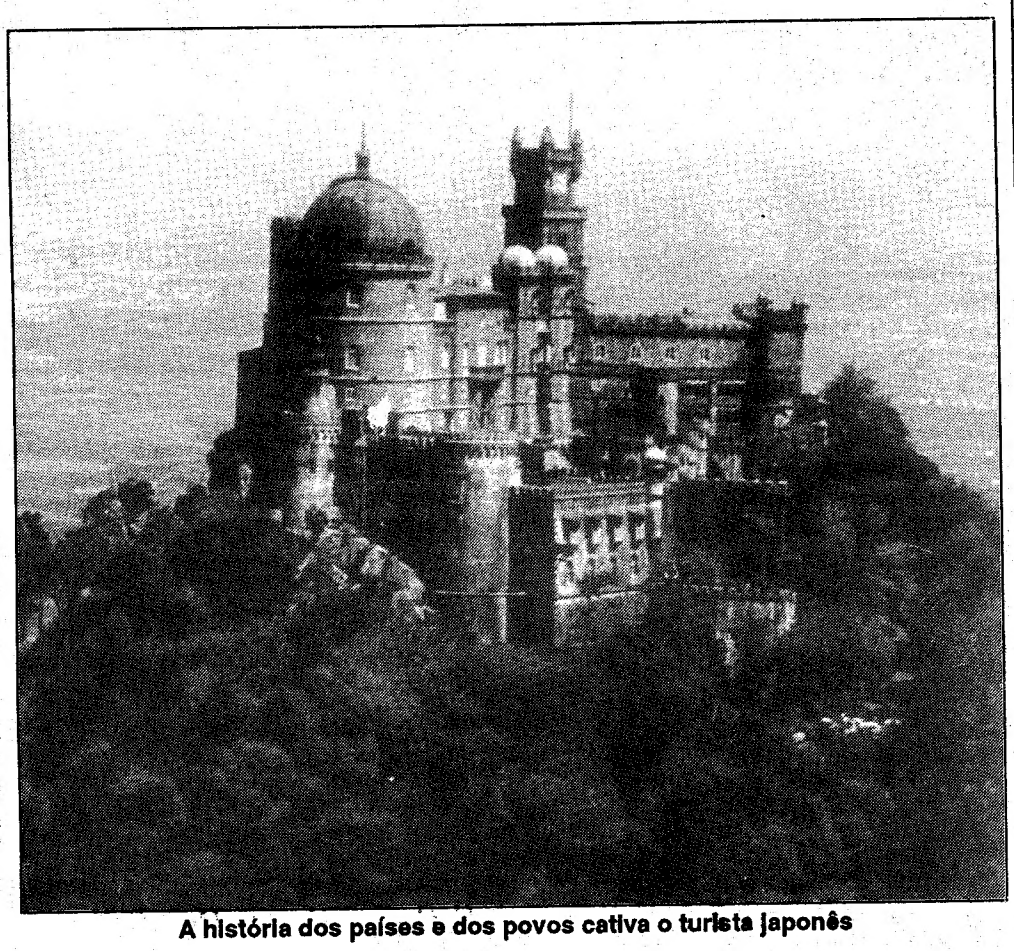
O objectivo da política de promoção é o de incrementar, no imediato, a vinda a Portugal destes turistas e, depois, o de aumentar o número das suas dormidas, foi revelado na reunião do *Comité* de Turismo da OCDE no Estoril, no passado mês de Abril.

Segundo os responsáveis turísticos nacionais, Portugal não tem no Japão uma imagem turística suficientemente forte que lhe permita desenvolver, já, correntes turísticas viradas exclusivamente para o seu território.

Os japoneses têm por hábito nas suas viagens à Europa visitar diversos países, para conhecerem várias cidades durante o tempo disponível. Esta lógica implica vender o destino Portugal como multidestino Europa e uma orientação do máximo do seu esforço para a captação dos *repeaters* para o território luso.

Esta asserção é baseada no facto de que os japoneses que viajam pela primeira vez para a Europa optam por países que já possuem notoriedade e imagem fortes no Japão, como são os casos da França, Itália, Reino Unido e Espanha.

Na estratégia portuguesa de impedir que o país não seja relegado para destino europeu de segundo plano foram seleccionados alguns pontos de destino que, pelas suas potencialidades, são susceptíveis de originar estadias prolongadas. A cidade do Porto, os clubes de férias com *golf* no Algarve e as regiões autónomas da Madeira e dos Açores constituem as bases de tal estratégia.



A história dos países e dos povos cativa o turista japonês

Ao mesmo tempo, para que a acção promocional tenha êxito, os responsáveis reclamam um período de lançamento adequado, que lhes permita a promoção posterior de produtos turísticos de elevado valor acrescentado.

Produtos do tipo gastronómico, cultural (em particular, as rotas do Manuelino, dos Azulejos e do Barroco) e ecológico parece terem garantidas uma aceitação certa neste mercado.

Dada a decisão de considerar 1993 "o ano do Japão", no âmbito das comemorações dos 450 anos do encontro das duas culturas, assistir-se-á então a um incremento importante das acções promocionais.

Política de acolhimento

A preparação de pessoal português para acolher os japoneses que se desloquem a Portugal é uma meta do Centro de Turismo Português em Tóquio. Recomenda-se, assim, a extensão dos cursos-piloto de língua e cultura japonesa já em funcionamento na Escola de Hotelaria de Lisboa a outras unidades hoteleiras.

Há ainda necessidade de obter bolsas para estágios de guias portuguesas, a fim de dominarem a língua japonesa.

Dotar as unidades turísticas com cozinheiros, que dominem os hábitos alimentares da população nipónica, e médicos que se saibam expressar em japonês, para intervir em caso de necessidade, são outras pretensões destes responsáveis.

Como dizem, só com uma política multidisciplinar e global de acolhimento, que leve em linha de conta as especificidades destes turistas, será possível alcançar êxitos no mercado turístico nipónico.

Desanuviamento favorece deslocações turísticas

Do actual desanuviamento entre Washington e Moscovo poderá resultar o aumento das viagens entre o Japão e a Europa. A razão é simples: via Sibéria, os voos passarão a demorar 12 horas contra as actuais 18 via rota polar.

Há, porém, um factor que poderá conduzir ao não aproveitamento desta conjuntura favorável: a falta de lugares em voos directos para a Europa.

A capacidade de rotação nos aeroportos de Osaka e Tóquio, com efeito, está quase saturada. Se não surgirem atrasos na construção, o aeroporto de Narita terá a sua segunda pista só em 1992, ao passo que o novo aeroporto de Osaka só será inaugurado em 1993.

Desta forma, a previsão do crescimento da procura de viagens para o exterior exigirá uma planificação integrada entre o transporte aéreo e o turismo, para facilitar o desenvolvimento harmónico deste.

Isto é tão mais decisivo quando se prevê que o mais importante facto desta década será o aumento espectacular do turismo originário do Japão. Espera-se que os turistas japoneses ultrapassem em número os norte-americanos e ascendam ao segundo lugar, logo após os alemães-federais.

As previsões apontam que as verbas gastas nas viagens subam a 370 mil milhões de dólares em 1995.

Com exclusão dos destinos correspondentes à Europa de Leste e países comunistas, espera-se que o número de viagens seja de 657 milhões durante este ano (contra 535 milhões em 1983) e de 784 milhões em 1995. Daqui deverão resultar quatro mil milhões de dormidas em 1990 (três mil em 1983), valor este que deverá subir para cinco mil milhões em 1995.

Admite-se ainda que a importância das viagens de longo curso deverá aumentar de uma maneira mais rápida do que os outros tipos de deslocações para o estrangeiro.

As previsões de partida de nipónicos para o exterior é de 15 milhões em 1993 e de 20 milhões no fim do século.

Previsões económicas

Apesar de as previsões que se seguem terem sido apresentadas antes da crise desencadeada pelo Iraque, já se admitia que do aumento do preço do petróleo pensado para 1992-93 resultaria um terceiro choque petrolífero. Só que para este choque o Japão estaria melhor preparado, o que o levaria a sofrer menos efeitos negativos do que com os anteriores.

Questão importante no futuro da economia japonesa é também o peso crescente da população idosa: na segunda metade desta década, 15 a 16 por cento da população terá 65 anos ou mais.

Dada a tradição oriental de não considerar os idosos como activos, estes permanecerão apenas como consumidores.

O aumento da sua proporção no conjunto da população poderá induzir um crescimento da carga fiscal e do peso da segurança social, bem como uma quebra da produtividade, o que reduzirá a energia económica da nação japonesa.

Fluxo turístico japonês tem crescimento exponencial

Estão em crescimento exponencial as saídas dos japoneses para o exterior. Depois das viagens terem sido liberalizadas em 1964, o número de turistas originários do país do "Sol Nascente" atingiu os cinco milhões em 1985. Para este ano as previsões chegam aos 10 milhões.

Um terço dos que siem está localizado no escalão etário dos 10 aos 29 anos. Destes, mais de metade (57 por cento) são do sexo feminino. Assinale-se, de resto, que as mulheres saem cada vez mais. O seu número passou de 1,7 milhões em 1985 (34,5 por cento do total) para 3,2 milhões em 1988 (38 por cento). O ponto de destino principal foi o território norte-americano.

São três os principais segmentos do turismo nipónico: viagens de fim-de-curso, turismo de jovens executivas e luas-de-mel.Nas viagens dos alunos frequentadores dos anos terminais do curso dos liceus superou-se a imagem do par "bilhete barato/alojamento modesto". Desenvolve-se, cada vez mais, a utilização de *package tours*, que incluem transporte aéreo e hotéis, com a permanência de dois a três dias em várias cidades.

As jovens secretárias solteiras, por seu lado, são influenciadas pelas revistas femininas, que têm dado um destaque muito especial às viagens.

Esta tendência crescente de ir ao estrangeiro também é verificada pelos recém-casados, que passam a lua-de-mel fora da ilha. Admite-se que deste segmento resultem 1,4 milhões de viajantes anuais, que dispenderão uma média de 5500 dólares por semana na sua estadia.

Baixos relativos; altos absolutos

O *ratio* de saída dos japoneses para o estrangeiro é de sete por cento. Este valor está bastante abaixo de outros homólogos apresentados, por exemplo, pela Grã-Bretanha (39 por cento), pela República Federal Alemã (34), pela França (16) ou pelos Estados Unidos (12).

Note-se, em todo o caso, que as estadias médias dos japoneses são superiores às dos turistas naturais dos países referidos.

Quanto aos destinos pelos quais se reparte o fluxo turístico iniciado no Japão, é o continente norte-americano que leva a palma, com destaque para os EUA, incluindo Hawai e Guam. Assim, em 1988, os EUA receberam 2,6 milhões e o Canadá 320 mil. O Hawai teve 1,3 milhões de visitantes e Guam quase meio milhão.

Os números referentes aos destinos asiáticos crescem também de forma significativa. Em Hong-Kong chegaram a 1,2 milhões, na Coreia do Sul a 1,1 milhões, na República Popular da China a 591 mil e em Macau a 318 mil.

Destino ainda relativamente desconhecido é a Europa, apesar de tudo: só um milhão de turistas nipónicos demandaram terras do Velho Continente. Contudo, este número significa um crescimento de 170 por cento nos últimos cinco anos. Os destinos preferenciais são a Itália e a Espanha.

Entre os factores que influenciam a escolha do destino turístico incluem-se a duração do voo, a maior oferta destes, mesmo de aeroportos locais, uma estadia média curta e a possibilidade de realizar compras baratas.

ECONOMIA

O Congresso da European Economic Association, efectuado no último fim-de-semana em Lisboa, representa uma viragem no estudo e na investigação da economia em Portugal, disse ao «DL» o professor Pedro Telhado Pereira, salientando que a Faculdade onde lecciona, com 800 alunos inscritos no ano passado, vai ser agora mais conhecida do grande público

Faculdade de Economia da Nova aposta no ensino à americana

Um ensino mais americanizado, com um suporte teórico mais forte, utilizando uma investigação de ponta, é o modelo seguido por um estabelecimento de ensino pouco conhecido dos portugueses: a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. Esta é a opinião de Pedro Telhado Pereira, professor daquela faculdade e organizador do Congresso da EEA que se realizou no passado fim-de-semana, em Lisboa.

O Congresso da European Economic Association que trouxe pela primeira vez a Portugal alguns dos mais importantes economistas mundiais da actualidade, tem um significado especial para a Faculdade de Economia da Universidade Nova. É, segundo afirmou ao «DL» Pedro Telhado Pereira, professor auxiliar de Micro-Economia Aplicada, «o despoletar desta Faculdade para o grande público e uma viragem no ensino da Economia em Portugal».

Primeiro responsável em Portugal por esta iniciativa, Pedro Telhado Pereira considera que o mais importante de um certame deste tipo, que conta apenas com 34 portugueses inscritos entre mais de 600 participantes, é a «troca de conhecimentos de ponta nas diversas áreas da economia», um encontro de experiências sobre as mais recentes investigações realizadas por economistas das Faculdades europeias associadas.

Embora jovem, a Faculdade de Economia da Nova, criada em 1977, possui já um grande prestígio fora de portas, nomeadamente nos EUA e na Europa, onde existem muitas Faculdades criadas nos últimos anos e que possuem uma «abordagem inovadora» sobre as questões económicas.

Teoria e mais teoria

Como disse ao «DL» Pedro Telhado Pereira: «Há, nesta Faculdade, um modo de pensar mais americano. Todas as informações têm por detrás um modelo teórico. Se as premissas forem verdadeiras, as soluções podem ser tratadas com números da realidade».

Enquanto na Nova, salienta aquele professor, «se aplica e desenvolve uma investigação teórica de ponta, nas outras Faculdades aplicam-se teorias já existentes». Por isso, acrescenta, «podemo-nos comparar aos grandes departamentos das Faculdades europeias e temos já artigos publicados demonstrativos disso».

Questionado sobre o perigo do «excesso de teoria» e da «falta de prática», Pedro Telhado Pereira referiu que são dadas cadeiras básicas e de gestão para compensar essa teoria, sublinhando que o principal é os alunos ficarem «com um raciocínio lógico e económico mais fortes» o que vai permitir-lhes uma adaptação e sobrevivência «muito mais fácil».

Considera aliás aquela Faculdade e o seu director, professor Diogo de Lucena, que os seus licenciados e mestres têm sido cada vez mais procurados no mercado de trabalho.

Pedro Telhado Pereira: «Nesta Faculdade existe um modo de pensar mais americano, todas as informações têm por detrás um modelo teórico»

Como escreve este professor na apresentação do Guia daquele estabelecimento de ensino, «O Gabinete de Apoio Profissional vai continuar a expandir as suas actividades e a prestar o seu apoio à inserção profissional dos nossso alunos e a trazer contributos preciosos para a definição e correcção dos nossos programas».

Não se trata de «competição» ou de «sermos melhores» do que as outras Faculdades de Economia existentes em Portugal, assegura Pedro Telhado Pereira, mas da ausência de contactos e de um distanciamento mútuo consentido, para além de uma outra maneira de ensinar e investigar.

Quem conhece o Colégio

O afastamento desta Faculdade com 800 alunos inscritos no ano passado, em relação ao grande público - são poucas as pessoas que sabem onde fica - deve-se ao investimento feito pela Nova no exterior com vista a «ser reconhecida no estrangeiro pelos seus pares». Praticamente todos os professores da Nova doutorados em Economia fizeram os seus doutoramentos nos EUA.

Candidata desde 1987 à realização do Congresso da EEA, a Faculdade de Economia da Nova tem agora a oportunidade de dar outro salto em frente após a conquista dos dois espaços privilegiados onde está instalada, os quais fazem já parte do património urbanístico de Lisboa: o Colégio de Campolide e o Palácio Ventura Terra.

O Colégio de Campolide, remodelado recentemente para albergar a Economia da Nova, data do fim do século passado e pertencia à Companhia de Jesus. Está situado na Travessa Estêvão Pinto, nos terrenos traseiros ao Estabelecimento Prisional de Lisboa, ex-Penitenciária.

O Palácio Ventura Terra, situado na Marquês da Fronteira, foi construído em 1904 e conta com o Prémio Valmor de 1909. Foi adaptado em 1980 para servir de centro de pós-graduação dos estudos de Gestão da Nova.

Rui Ferreira e Sousa

Uma ciência aplicada

A European Economic Association, EEA, foi criada em 1985 com o objectivo principal de desenvolver e aplicar na Europa a economia enquanto ciência.

Conta com 1300 membros, tem sede em Bruxelas e é presidida pelo economista Agnar Sandmo, professor da Faculdade de Economia e Gestão de Bergen, Noruega.

O seu Congresso Anual é o ponto alto na actividade desenvolvida e coube este ano à Faculdade de Economia da Nova realizá-lo.

A troca de experiências entre professores, investigadores e estudantes dos diversos países, bem como entre instituições universitárias e de investigação são outros dos objectivos a atingir.

Aquela associação publica desde 1986 uma revista, o European Economic Review, a qual reflecte as grandes linhas de força da economia moderna e as últimas teorias nesta matéria. Edita, para além disso, informação periódica, uma Newsletter que distribui pelos associados, e organiza com regularidade Workshops especializados e sessões de trabalho com estudantes e economistas recém-formados.

A Holanda, a Alemanha Federal e a Inglaterra são os países que mais actividade desenvolvem no âmbito da EEA.

R.F.S.

Quatro biliões nos primeiros seis meses deste ano para equilibrar o escudo

Portugal é o maior comprador de dólares

«Portugal foi o maior comprador do mundo de dólares americanos, quatro biliões nos primeiros seis meses deste ano, uma compra efectuada para assegurar o cumprimento do anunciado equilíbrio do escudo», disse Miguel Beleza, a abrir o V Congresso da EEA, realizado em Lisboa no passado fim-de-semana.

«Portugal segue, desde a segunda metade dos anos oitenta, uma política macroeconómica a qual inclui uma política de câmbios que não equilibra completamente o diferencial da inflação, uma política monetária correspondente muito firme e uma política orçamental orientada, dirigida para uma consolidação fiscal», acrescentou o ministro da Finanças.

Miguel Beleza salientou que o afluxo líquido de capitais cresceu de 1,8 por cento do Produto Nacional Bruto em 1988 para 5,6 por cento em 1989, tendo o fluxo total subido de 6,2 por cento para 10 por cento.

Esforço criativo

Para Miguel Beleza, após as grandes alterações económicas no mundo efectuadas nos últimos anos e do respectivo crescimento do volume dos fluxos dos capitais internacionais, Portugal necessita, em primeiro lugar, em termos de União Económica Monetária, « de um esforço criativo para explorar a estreita margem de discrição na gestão dos afluxos de capitais e taxas de câmbios e um particular empenho na consolidação fiscal» e, em segundo lugar, «a continuação das políticas estruturais, o que significa o funcionamento livre dos mecanismos do mercado».

Das intervenções destacaram-se a do presidente da EEA, Agnar Sandmo, subordinada ao tema «Os Economistas e o Welfare State», Nicholas Stern, da London School of Economics, sobre «Políticas de Gestão Pública e a Economia de Desenvolvimento» e a de Jon Elster, professor das Universidades de Oslo e de Chicago, sobre «Justiça Local: Como as instituições procedem à alocação de recursos escassos».

As questões do ambiente foram igualmente debatidas, tendo neste caso recebido o apoio da Associação Europeia dos Economistas de Ambiente e Recursos Naturais.

R.F.S.

grula
LOJAS GRULA
A MAIOR REDE DE LOJAS DO RAMO ALIMENTAR DO PAÍS
Em cada uma das 2000 lojas GRULA compra melhor... e mais perto.
Há uma loja perto de si:
LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA